

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS

LITERATURA E CIBERCULTURA: UMA ANÁLISE DE “TODOS CONTRA DANTE” E “DO CORAÇÃO DE TELMAH”, DE LUÍS DILL

Ellen Kelly Lima de Souza

Teresina
2017

Ellen Kelly Lima de Souza

LITERATURA E CIBERCULTURA: UMA ANÁLISE DE “TODOS CONTRA DANTE” E “DO CORAÇÃO DE TELMAH”, DE LUÍS DILL

Dissertação de Mestrado apresentada ao Mestrado Acadêmico em Letras, da Universidade Estadual do Piauí, Área de Concentração: Literatura, Memória e Cultura, Linha de Pesquisa: Literatura e outros sistemas semióticos, para obtenção do título de Mestre em Letras. Sob a orientação do Prof. Dr. Diógenes Buenos Aires de Carvalho.

Teresina
2017

S719l Souza, Ellen Kelly Lima.
Literatura e cibercultura: uma análise de "Todos contra Dante"
e "Do coração de Telmah" de Luís Dill / Ellen Kelly Lima Souza. -
2017.
113 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Piauí -
UESPI, Mestrado Acadêmico em Letras, 2017.

Linha de Pesquisa: Literatura e outros sistemas semióticos.
"Orientador: Prof^o. Dr^o. Diógenes Buenos Aires de Carvalho."

1. Literatura Juvenil. 2. Cibercultura. 3. *Todos contra Dante*.
4. *Do coração de Telmah*. I. Título.

CDD: 469

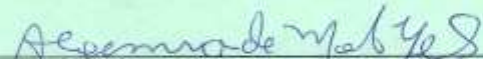


GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ-UESPI
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DO CURSO DE MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS

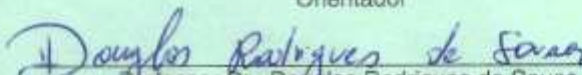
TERMO DE APROVAÇÃO

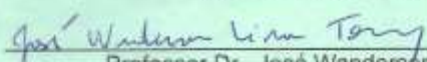
**LITERATURA E CIBERCULTURA: UMA ANÁLISE DE "TODOS CONTRA DANTE" E
"DO CORAÇÃO DE TELMAH", DE LUÍS DILL
ELLEN KELLY LIMA DE SOUZA**

Esta dissertação foi defendida às 10h, do dia 27 de abril de 2017, como requisito parcial para a obtenção do título de **Mestre em Letras** pela Universidade Estadual do Piauí. A candidata apresentou o trabalho para a Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após a deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho Aprovado..... (Aprovado, não aprovado).

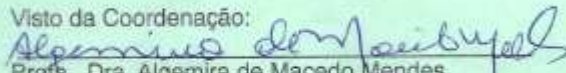

Professora Dra. Algemira de Macedo Mendes - (UESPI)
(Presidente da Banca Examinadora)

Professor Dr. Diógenes Buenos Aires de Carvalho
Orientador


Professor Dr. Douglas Rodrigues de Sousa
1º examinador - UNB


Professor Dr. José Wanderson Torres Lima
2º examinador - UESPI

Visto da Coordenação:


Prof.ª Dra. Algemira de Macedo Mendes
Coordenadora do Mestrado Acadêmico em
Letras da UESPI

Rua João Cabral, Nº 2231 - Pirajá - CEP: 64.002-150 Teresina -PI
Telefone (86) 3213-2547 / 3213 - 7942

À mulher mais importante da minha vida, **Adriana Rodrigues Lima**, por ter sido a melhor mãe, amiga e parceira em todas as situações, tanto as de vitórias quanto as de adversidade. Estas últimas, sem o seu colo, onde eu descansava de todo peso, elas certamente teriam roubado minha alegria.

Ao meu pai, **Luis Augusto**, por ter me proporcionado uma educação de qualidade sem a qual eu não teria construído o a competência cognitiva indispensável à essa etapa de minha vida.

À minha sobrinha, **Camily Emanuelle**, de apenas 10 anos de idade, por sua companhia valiosa nas noites críticas de solidão extrema. Obrigada, minha florzinha, por me devolver a mim.

À minha valiosa joia, **Enya Lavínia**. A sua existência, filha, serviu como refrigerio à minha alma. Era o seu sorriso que me devolvia a esperança de melhores dias diante dos meus olhos.

Ao meu esposo, **Airton Brito**, por ter aceitado a distância. E o mais importante, por ter sido, pra nossa filha, durante os meses críticos, o pai, ainda melhor, de tudo que eu pudesse ter imaginado.

Agradeço

A Deus **YHWH** que suportou toda minha carga negativa durante esse processo de escrita. Que ouviu os meus gritos silenciosos e enxugou as minhas lágrimas de dor nas inúmeras madrugadas em claro, consolando-me e renovando as minhas forças quando eu pensava não tê-las mais. A Ti, meu Deus, toda honra e toda glória.

Ao meu orientador, **Diógenes Buenos Aires de Carvalho**, por sua valiosa contribuição, nessa, que representa a vitória mais significativa da minha vida profissional até o momento. Muito obrigada pelo direcionamento e orientação atenciosa.

À professora **Gedite Fontes Tavares**, que direcionou o meu olhar quando ainda eu tinha apenas o desejo de cursar o mestrado. Obrigada por ter me recebido tão gentilmente em sua casa e por ter me presenteado com palavras e orientações tão preciosas para o desafio ao qual eu estava me propondo.

À minha amiga **Jacione Batalha**, que foi encaminhada a mim por ordem do Deus vivo YHWH. Sua doçura, carinho e atenção alimentaram a minha alma nos dias mais negros desse período. Obrigada por sua amizade.

RESUMO

Analisar a relação entre literatura e cibercultura presente nas obras *Todos contra Dante* (2008) e *Do Coração de TELMAH* (2008), de Luís Dill, através das estratégias narrativas e imagéticas contidas nos livros, é o foco da presente pesquisa. A escolha do *corpus* foi motivada pela abordagem temática e pela configuração dos livros impressos, que ambientam o universo digital do qual as personagens fazem parte. Os livros escolhidos para análise apresentam os elementos, que do ponto de vista desta discussão, configuram a relação Literatura X Cibercultura: especificidades da identidade e do gênero juvenil X elementos da cultura digital. Esses elementos foram estudados e analisados sob a perspectiva teórica de pesquisadores que se propuseram a investigar tais conceitos: Pierre Lévy (1996-1999), Ana Elisa Ribeiro (2010-2016) e Lúcia Santaella (2003), no tocante a conceitos sobre os elementos da cultura digital. Concernente à relação palavra e imagem, Luis Camargo (1995), Ieda de Oliveira (2008), Nikolajeva e Scott (2011), e Graça Ramos (2011). Sobre a definição do gênero juvenil, foram selecionados Catia Mendonça (2007), Sersi Bardari (2008), Larissa Cruvinel (2009), João Luís Ceccantini (2012), Alice Aurea Penteado Martha (2012), Vera Aguiar (2012) e Peter Hunt (2010). E sobre jovens, juventudes e condição adolescente, Zygmunt Bauman (2013). *Todos contra Dante* (2008) e *Do coração de Telmah* (2013) passaram a ser objetos de uma análise de cunho qualitativo, com base nos referenciais teóricos selecionados, no intuito de identificar e analisar quais são as estratégias narrativas e imagéticas que configuram as obras em análise; de compreender o processo de hipertextualidade que configuram os livros e de investigar se a inserção de elementos da *cibercultura* interfere na configuração do gênero narrativo. Assim, foi possível compreender o processo que relaciona e aproxima a literatura da tecnologia permitindo a manutenção do caráter artístico das narrativas em questão.

Palavras-chaves: Literatura Juvenil. Cibercultura. Todos contra Dante. Do coração de Telmah. Relação palavra x imagem.

ABSTRACT

The focus of this work is to analyze the relation between literature and cyberculture present in *Todos contra Dante* (2008) and *Do Coração de TELMAH* (2008), by Luís Dill, using the imagery and narrative strategies existing in the books. The object of study was chosen motivated by the thematic approach and configuration of the printed books, composing the digital universe of the characters. The books chosen for the analysis contain the elements, that for the purpose of this work, establish the relationship between Literature versus Cyberculture, which are: the specificities of youth identity and gender X the elements of digital culture. These elements were studied and analyzed through the theoretical perspective of the researches who proposed to investigate such concepts in regards of digital culture: Pierre Lévy (1996-1999), Ana Elisa Ribeiro (2010-2016) and Lúcia Santaella (2003). And Luis Camargo (1995), Ieda de Oliveira (2008), Nikolajeva and Scott (2011), and Graça Ramos (2011) in regards of the relation between word and image. Catia Mendonça (2007), Sersi Bardari (2008), Larissa Cruvinel (2009), João Luís Ceccantini (2012), Alice Aurea Penteado Martha (2012), Vera Aguiar (2012) and Peter Hunt (2010) were selected to study the definition of the youth gender. Zygmunt Bauman (2013) was used about adolescents, adolescence and adolescent condition. *Todos Contra Dante* (2008) and *Do coração de Telmah* (2013) became the objects of a qualitative analysis, based on the selected references, with the purpose to identify and analyze which are the imagery and narrative strategies in these books; to comprehend the hypertextuality process of the books and to investigate whether or not the insertion of cybercultural elements interfere with the configuration of the gender of the narrative. Therefore, it was possible to understand the process that relates and brings literature closer to technology, maintaining the artistic nature of the mentioned narratives.

Keywords: Youth Literature. Cyberculture. Todos contra Dante. Do coração de Telmah. Relation word x image.

O que mais nos encanta e seduz ao olharmos uma ilustração não é ver o que estamos vendo. Na verdade, o que nos atrai não é necessariamente aquilo que o ilustrador fez. Por mais estranho que possa parecer, o que desperta o interesse do olhar é aquilo que supomos que estamos vendo.

(Oliveira, 2008, p.27)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1	15
1. TENDÊNCIAS DA LITERATURA JUVENIL	15
1.1 O adolescente na História: reconhecendo a identidade juvenil.	17
1.2 A importância de uma literatura para os jovens	20
CAPÍTULO 2	25
2. CIBERCULTURA E VISUALIDADE	25
2.1 Conceitos e objetos culturais	25
2.2 Gêneros digitais	30
2.2.1 Cyberbullying	35
2.3 Do leitor ao hiperleitor	38
CAPÍTULO 3	41
3. A LITERATURA JUVENIL DE LUIS DILL E O UNIVERSO DIGITAL	41
3.1 A literatura juvenil de Luís Dill	41
3.1.1 Os perfis juvenis nas obras Todos contra Dante e Do coração de TELMAH	46
3.1.2 Os personagens e a relação entre literatura e cibercultura	46
3.1.2.1 Todos contra Dante	46
3.1.2.2 Do coração de Telmah	51
3.1.3 A adequação temática aos jovens do século XXI	54
3.1.4 Dilemas do mundo jovem	62
3.2 A ambientação do universo digital em foco nas narrativas “Todos contra Dante” e “Do coração de Telmah”, de Luís Dill	64
3.2.1 A relação palavra x imagem	64
3.2.2 O projeto gráfico dos livros e o caráter artístico das narrativas	75
3.2.3 O ritmo dos textos nas páginas: linearidade X não linearidade	92
3.2.4 A construção do sentido literário através da hipertextualidade	100
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	105
REFERÊNCIAS	

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa visa contribuir com estudos anteriores que já objetivavam revelar a importância da literatura juvenil para a educação humanizadora e formação leitora dos jovens no Brasil, cooperando com professores e educadores empenhados em desenvolver competências de leitura e revelar as riquezas estéticas e literárias presentes na literatura juvenil.

A partir da década de 1970 o gênero juvenil recebe atenção no campo de pesquisa acadêmico e científico. A tentativa de definir essa literatura e de delinear a sua trajetória histórica, com discussões acerca da produção, crítica e recepção, colocou o gênero juvenil em evidência. No entanto, apesar de significativas discussões sobre a ficção brasileira juvenil já terem sido apresentadas ao público, ainda se faz necessário preencher lacunas acerca de estudos acadêmicos no campo da Teoria e da Crítica. É nesse aspecto que a presente pesquisa foca seus esforços, visando investigar e analisar, dentre outros aspectos, as especificidades do gênero e a relação entre literatura e cibercultura que as produções literárias vêm apresentando, tomando por base as ficções produzidas nas últimas décadas.

Hoje, no século XXI, as pesquisas mais recentes têm se preocupado com o impacto das mídias sobre a literatura infantil e juvenil da contemporaneidade, já que cada vez mais a sociedade atual tem se aproveitado da tecnologia para transformar suas concepções. O resultado, dentre outros e nos mais variados campos do saber, são produções artísticas cada vez mais mimetizadas do mundo virtual e que exigem do escritor e do leitor um processo de renovação constante capaz de acompanhar essa evolução literária.

A partir dos estudos teóricos que começaram a circular no Brasil desde a década de 1970, com nomes como o de Marisa Lajolo e Regina Zilberman que trabalharam em conjunto na publicação de duas obras importantíssimas para os estudos da LIJ, *Literatura infantil brasileira: histórias e histórias* (1984) e *Um Brasil para crianças para conhecer a literatura infantil brasileira*, como também o nome de Lúcia Pimentel Góes, com o manual de estudo, *Introdução à literatura infantil e juvenil* (1984), e o nome de Ana Maria Machado que inaugura o ano 2000 ganhando o prêmio Hans Christian Andersen, foi possível perceber a literatura infantil e juvenil, no formato impresso, como importante instrumento na

formação de professores, na formação de leitores e no letramento literário. Essas três autoras aqui elencadas representam outros autores de uma lista numerosa de estudiosos e pesquisadores que se lançaram na produção de constructos teóricos que discutem desde a formação de professores que atuarão com as crianças até a produção, crítica e recepção dessas literaturas. O artigo *Os estudos sobre Literatura Infantil e Juvenil no Brasil e em Portugal: uma análise comparada*, de Ana Margarida Ramos e Eliane Debus (2015), identificou os trabalhos relevantes no estudo da Literatura Infantil e Juvenil (LIJ), assim como as tendências dominantes das várias abordagens possíveis, nos períodos de 1960/1970; 1980/1990; 2000/2010. As autoras, nesse estudo, mapearam o desenvolvimento dessas literaturas e refletiram sobre “as alterações, as continuidades e avanços verificados nesse período” (p.1). Assim, a partir do estudo de Margarida Ramos e Debus (2015), foi possível identificar com mais praticidade as produções que se tornaram referência no Brasil para investigação nessas áreas e que circulam ainda hoje no país como referência. É o exemplo, segundo Margarida Ramos e Debus (2015), de Leonardo Arroyo (1968) com a obra historiográfica *Literatura Infantil Brasileira*; de Maria Antonieta Antunes Cunha (1968) com o livro *Como Ensinar Literatura Infantil*, obra voltada aos estudantes do Curso Normal; de Maria Lúcia Amaral (1971) com o livro *Criança é Criança: literatura infantil e seus problemas*, trabalho resultante de cursos que a autora ministrou para professores, bibliotecárias, normalistas e mães; e por fim, a autora Nelly Novaes Coelho (1981) com a publicação do livro *Literatura Infantil: história – teoria – análise*, no qual a autora “apresenta a literatura nos aspectos históricos” e “analisa os principais títulos literários universais para infância e em circulação no Brasil” (Margarida Ramos e Debus, 2015. p.20). Contudo, embasadas no trabalho de Fernando Rodrigues Oliveira (2010), as autoras afirmam que existem trabalhos fundantes publicados no Brasil antes da década de 1960, ano de recorte da investigação executada por elas. Assim, Margarida Ramos e Debus (2015), informam que:

no Brasil, os estudos sobre literatura infantil recebem atenção a partir da promulgação, em janeiro de 1957, da Lei 3.739, que cria a obrigatoriedade de estudos teóricos e práticos sobre literatura infantil no currículo das normalistas. Ou seja, constata-se que a partir do momento em que a literatura infantil se torna disciplina do currículo de formação dos professores que atuarão com

crianças do então ensino primário, o tema esteve presente nos manuais de ensino e em capítulos de livros a eles dirigidos [...]

Vale ressaltar que, de acordo com a pesquisa de Margarida Ramos e Debus (2015), o primeiro período escolhido por elas que compreende as décadas de 1960 e 1970, foi um período destinado aos livros de cunho historiográfico, como também às produções destinadas aos “professores em nível de formação secundária” (p.34). As décadas de 1980 e 1990 carregam a missão de produzir publicações para crianças e também reflexões teóricas sobre o tema, além de também destinar produções aos professores, mas desta vez aos que “cursam graduação, em particular nas Licenciaturas de Letras e Pedagogia e a partir daí vinculados também aos Programas de Pós-Graduação” (p.34). E as décadas de 2000 a 2010, além de seguirem com a produção de reflexões teóricas sobre o tema, ainda se empenharam em analisar títulos de autores específicos.

Se a literatura impressa já era capaz de despertar o imaginário do leitor, hoje, com as tecnologias digitais, a circulação e recepção da literatura são facilitadas. Através das redes sociais, blogs, chats e e-mails, as experiências de leitura e escrita são ampliadas e a intersemiose é acionada, proporcionando a problematização necessária para a construção do sentido literário.

Assim sendo, o *corpus* definido para o estudo e análise que constituem essa pesquisa, são *Todos contra Dante* (2008) e *Do coração de Telmah* (2013), de Luís Dill. A escolha foi motivada pela abordagem temática e pela configuração dos livros impressos, que ambientam o universo digital do qual as personagens fazem parte. *Todos contra Dante* (2008) apresenta como tema o cyberbullying, uma modalidade virtual do bullying. Além disso, o livro é configurado nos modelos de três gêneros digitais: *blog*, *fórum online* e *links*, oferecendo ao leitor uma leitura dinamizada da narrativa. *Do coração de Telmah* (2013) é um romance escrito em 500 *tweets*. A composição da narrativa chama atenção pelo fato de mimetizar a caixa de diálogos com espaço para até 140 caracteres, típico do micro blog *Twitter*. São nessas caixas de diálogos que a narradora-protagonista escreve diariamente os capítulos de seu romance. Uma história conflituosa e jovem, em um livro igualmente jovem e criativo.

Dessa forma, os livros escolhidos para análise apresentam os elementos, que do ponto de vista desta discussão, configuram a relação Literatura X

Cibercultura: especificidades da identidade e do gênero juvenil e elementos da cultura digital. Esses elementos foram estudados e analisados sob a perspectiva teórica de pesquisadores que se propuseram a investigar tais conceitos: Pierre Lévy (1996-1999), Ana Elisa Ribeiro (2010-2016) e Lúcia Santaella (2003), no tocante a conceitos sobre os elementos da cultura digital. Concernente à relação palavra e imagem, Luis Camargo (1995), Nikolajeva e Scott (2011), e Graça Ramos (2011). Sobre a definição do gênero juvenil, foram selecionados Catia Mendonça (2007), Sersi Bardari (2008), Larissa Cruvinel (2009), João Luís Ceccantini (2012), Alice Aurea Penteado Martha (2012), Vera Aguiar (2012) e Peter Hunt (2010). E sobre jovens, juventudes e condição adolescente, Zygmunt Bauman (2013) e Helena Bocayuva (2009).

Para esse panorama teórico, apresento no primeiro capítulo conceitos e definições sobre a literatura juvenil. Nesse capítulo, contribuições de pesquisas anteriores nortearam a definição da literatura juvenil, gênero ainda polêmico do ponto vista de Ceccantini & Pereira (2008), os quais acreditam que suas características ainda se encontram em discussão e desenvolvimento. Nesse primeiro capítulo fica ressaltado que a literatura juvenil finalmente consegue se destacar da literatura infantil, possuindo e agregando, cada vez mais, elementos suficientes para sua classificação e autonomia estética.

O segundo capítulo teoriza sobre a relação que a literatura passou a manter com a cultura do ciberespaço. Que estratégias narrativas e imagéticas configuram as obras em análise? Visando responder à essa questão de pesquisa, é que nesse capítulo, conceitos como os de hipertexto e de hiperleitor foram desenvolvidos para explicar de que forma a literatura se relaciona com a tecnologia digital no contexto da cibercultura.

Qual a relação entre tecnologia e literatura nas obras “Do coração de Telmah” e “Todos contra Dante”, de Luís Dill? A inserção de elementos da cibercultura interfere na configuração do gênero narrativo? Que processos de hipertextualidade configuram as narrativas? É o que irá se tentar responder no capítulo três. Nesse capítulo encontra-se a análise das obras *Todos contra Dante* e *Do coração de TELMAH*. Nesse ponto da discussão, o objetivo é analisar a relação entre tecnologia digital e literatura presente nessas obras; a análise se desenvolve a partir do estudo do projeto gráfico desses livros, o qual foi capaz de propiciar a relação entre o texto e a imagem, contribuindo para que

a leitura tradicional sofresse interferência. Dessa forma, a bibliografia revisada foi a de Luis Camargo (1995), Nikolajeva e Scott (2011), e Graça Ramos (2011). Bem como, Ana Elisa Ribeiro (2010; 2016), Pierre Lévy (1996-1999) e Lúcia Santaella (2003). Para tanto, foram analisados recortes privilegiados do *corpus* e esses foram relacionados aos principais argumentos teóricos. Depois de descritos e interpretados, seguiu-se com o cruzamento de dados no qual foi possível fazer um paralelo entre as concepções de cada teórico a fim de observar que o resultado obtido apresenta respostas às questões de pesquisa levantadas sobre a tessitura das narrativas híbridas e contemporâneas de Luís Dill.

Dessa forma, *Todos contra Dante* (2008) e *Do coração de Telmah* (2013) passaram a ser objetos de uma análise de cunho qualitativo, com base nos referenciais teóricos selecionados, no intuito de identificar e analisar quais são as estratégias narrativas e imagéticas que configuram as obras em análise; de compreender o processo de hipertextualidade que configuram os livros e de investigar se a inserção de elementos da *cibercultura* interfere na configuração do gênero narrativo. Assim, foi possível compreender o processo que relaciona e aproxima a literatura da tecnologia permitindo a manutenção do caráter artístico das narrativas em questão.

Portanto, analisar as especificidades da identidade e do gênero juvenil e os elementos da cultura digital tem relevância porque possibilita a compreensão da relação tecnologia-literatura nos livros juvenis, que tanto já circula pelo meio editorial e social e que proporciona a construção de uma composição com efeitos de sentido literário.

1. AS TENDÊNCIAS DA LITERATURA JUVENIL

Do mesmo modo que a literatura infantil, o gênero juvenil também tem sido bastante questionado e muitas vezes criticado quanto ao seu caráter literário e estético. Sem ter ainda “os seus limites definidos e as suas características específicas” (AGUIAR, 2012) a literatura juvenil foi, por muito tempo, entendida apenas como instrumento para ensino utilitário e pedagógico, ou até mesmo como mera leitura de entretenimento; vista, dessa forma, como literatura marginal, sem prestígio, nem espaço no meio acadêmico. Somente no final da década de 1970 é que a produção do gênero passa a ser regular e frequente (CECCANTINI & PEREIRA, 2008), resultando em diversos estudos e pesquisas que contribuíram para a reflexão acerca da produção, circulação e crítica em literatura juvenil. Ceccantini & Pereira (2008) confirmam o fato acima afirmando ser a literatura juvenil:

Gênero polêmico e ainda marginal, no que tange aos estudos da área de Letras no país. São ainda bastante escassos os trabalhos acadêmicos que contemplam a *literatura juvenil* nacional, se bem que esta corresponde à parcela importante das publicações que alimentam nosso mercado editorial. (p.8)

Este capítulo tem, portanto, por objetivo, levar em consideração o número crescente de exemplares e de autores do gênero juvenil – apesar dos severos entraves de aceitação – e delinear um estudo teórico apresentando os resultados de pesquisas e estudos sobre a definição do gênero literário juvenil, baseada na representação identitária do jovem presente nessas narrativas emergentes; identidade essa que é regida por seus aspectos psicológicos, sociológicos e antropológicos, facetas que proporcionam aos escritores o desenho de perfis juvenis bem próximos aos de seus leitores, tão próximos que são capazes de provocar instantânea identificação e empatia, quer seja pelo tema ou pelo personagem, ou ainda por seu aspecto formal.

A literatura juvenil é responsável pelo aquecimento na produção editorial em nosso país e já movimenta um crescente número de autores e leitores desse gênero, o que explica a preocupação, cada vez mais aflorada, de colocar as obras

à prova quanto à sua autonomia estética e quanto a sua capacidade humanizadora, segundo uma problematização que recusa qualquer abordagem pasteurizada e apaziguadora, deixando emergir sem

pudor vasta gama de forças contraditórias e nem por isso menos legítimas.(CECCANTINI & PEREIRA (2008, p.9)

Compreender o gênero juvenil como uma literatura menor expressa preconceito, uma vez que essas narrativas possuem estratégias capazes de atrair o jovem leitor, ainda em formação, proporcionando-lhe educação humanizadora, contato com o artístico, e a oferta de uma leitura com graus de complexidade e estética tão bem desenvolvidos quanto aos encontrados em literaturas para adultos. A estudiosa Vera Aguiar (2012) chama a atenção para o papel da literatura na vida do jovem:

Há, assim, que chamar a atenção para a função da leitura literária como espaço que pode desacomodar os jovens, reféns dos apelos da massificação. Tanto a concepção de herói quanto os mecanismos compositivos do texto mobilizam os leitores para comportamentos audaciosamente criativos e maneiras inusitadas de ler e interpretar o mundo. (p. 113)

A autora dá ainda o direcionamento para a conceituação e caracterização da literatura destinada aos jovens, definição que se constitui na presente pesquisa como o foco da investigação nesse primeiro capítulo:

A literatura juvenil, portanto, além de adequar-se aos leitores quanto à temática, ao discurso e à estrutura, deve manter o encantamento diante dos segredos da existência, intensificando os sentimentos que a curiosidade desperta. Só assim ela vai cumprir com a função humanizadora da literatura e da arte. (p. 122)

A questão agora se desenvolve em torno das seguintes indagações: se as narrativas produzidas para o público juvenil podem certamente ser apreciadas pelo público em geral, ou seja, também pelo público adulto, por que então há a necessidade de rotular esse gênero como juvenil? Por que se deve acrescentar o termo “juvenil” à palavra literatura?

Haverá a tentativa de resposta às essas questões no tópico seguinte, no qual apresentarei como as pesquisas e os estudos acadêmicos vêm compreendendo as especificidades dessa literatura que é destinada aos jovens leitores, sujeitos ainda em formação e partícipes de uma transição conflituosa entre a idade infantil e a idade adulta, mas que já sentem a necessidade de descobrir a sua identidade e o seu lugar no mundo, já que, conforme observaremos, a juventude não se define apenas tendo a faixa etária como critério, mas também através da inserção desse sujeito na sociedade.

1.1.O adolescente na História: reconhecendo a identidade juvenil

Antes de defender o adjetivo juvenil adicionado ao termo literatura, faz-se necessário visitar o passado para conhecer qual era a condição do jovem em outras épocas, a fim de compreender a necessidade desse gênero para a formação do jovem.

Escritores de literatura juvenil geralmente têm se preocupado em representar a identidade dos jovens em suas narrativas e contribuir para o processo de construção da maturidade. Para isso, utilizam vários recursos capazes de favorecer imediata empatia e identificação entre o livro e o leitor. Entretanto, essa preocupação com o público jovem nem sempre se demonstrou tão viva como vem acontecendo na atualidade. Conforme Bardari (2008 p.17), “a adolescência, como período de transição, é fenômeno relativamente recente, surgido na Alemanha e na França em princípios do século XX”, época em que “o mundo ocidental passou a conviver com uma infinidade de produtos destinados a facilitar a vida pessoal e profissional das pessoas” (BARDARI, 2008, p.17) com o intuito de proporcionar, a partir de então, evolução e maturidade a essa sociedade. Mary Del Priori (2009), na contramão de Bardari (2008), afirma que “Adolescência é uma palavra que surge ao final do século XIII” (p. 16) e que ela designa “os anos que sucediam a infância” (p. 16). A autora revela ainda que o termo esteve “ausente dos dicionários da língua portuguesa até o século XIX” (p.16) e que nosso país dispõe “de poucas notícias sobre nossos adolescentes durante os primeiros séculos de colonização por uma simples razão” porque “todos eles estavam no batente” (p. 18), ou seja, o adolescente era aproveitado, desde cedo, para o trabalho, quer seja na lavoura, nos primeiros séculos de colonização, ou nas fábricas, durante o século XIX. Assim afirma a autora:

[...] um rapaz ou moça, tendo forças para levantar uma enxada, catar mato ou desempenhar qualquer outro serviço na lavoura, ia logo trabalhar. A pobreza e a falta de escolarização empurravam os jovens para esse meio de vida. Os casamentos precoces, entre 11 e 14 anos, roubavam às moças a sua adolescência. [...] Já os rapazes eram subtraídos às suas famílias pelo recrutamento compulsório para as guerras, tornando-se, muitas vezes, soldados, lavradores, escravos e, mais tarde, operários sem querer. No século XIX, com a implementação da indústria no Brasil, o trabalho de jovens, transformados em “proletários”, foi apresentado como “ajuda econômica” que reforçava o orçamento

doméstico. A fábrica era vista por patrões e pais de família como uma escola, um lugar que podia formar o cidadão do futuro. [...] milhares de rapazes e também de moças não tiveram espaço para viver os rituais da adolescência, pois a passaram entre teares e máquinas. (Mary Del Priori, 2009, p.18)

Nota-se que até o século XIX não havia lugar para o adolescente na sociedade brasileira. Ele não tinha permissão para se exercer como cidadão, mas era útil como “ajuda econômica”. Somente a partir do século XX é que os jovens passaram a ser reconhecidos e ouvidos no meio social em que vivem.

Esse reconhecimento do adolescente e do jovem como camada importante da sociedade propiciou o surgimento de discussões e debates acerca da sua função social. Partindo de Bauman (2013), que revela como esse jovem tem participado da vida social e econômica do século XXI, chega-se à Bardari (2008), que acredita que a literatura para os jovens consegue libertá-lo e desacomodá-lo dos apelos da sociedade massificadora. Conforme Bauman (2013):

os jovens não são plena e inequivocamente dispensáveis. O que os salva da dispensabilidade total [...] é sua real e, mais ainda, potencial contribuição à demanda de consumo: a existência de sucessivos escalões de jovens significa o eterno suprimento de “terras virgens”, inexploradas e prontas para o cultivo, sem o qual a simples reprodução da economia capitalista, para não mencionar o crescimento econômico, seria quase inconcebível. Pensa-se sobre a juventude e logo se presta a tenção a ela como “um novo mercado” a ser “comodificado” e explorado. (p.52)

Bauman (2013) ironiza ao dizer que os “jovens não estão mais incluídos no discurso sobre a promessa de um futuro melhor” (p.52) exatamente porque eles estão se deixando manipular pela economia capitalista, que os torna meros consumidores em potencial. E suas demandas relacionadas à juventude? “São deixados em uma prateleira lateral – ou eliminados da agenda política, social e cultural” (p. 53) Ainda que estejamos falando da sociedade consumista do nosso século, que intenciona treiná-los para o consumo. Partindo dessa perspectiva, Bardari (2008 p.10) acredita que a literatura para jovens tem “importante papel a cumprir. Mesmo sem incorrer no discurso didático-moralista, narrativas literárias de qualquer gênero, podem auxiliar o leitor a encontrar referências para o crescimento individual e paradigmas de comportamento em sociedade”. O pesquisador buscou em sua investigação, a partir dos livros de Lino de Albergaria (escritor dedicado aos livros destinados à criança e ao jovem),

características temáticas nas quais os personagens constantemente se desenvolviam física, psíquica e espiritualmente, objetivando discutir a respeito do crescimento psicológico e trazer o conceito de maturidade, benefícios incorporados aos jovens, durante a transição sofrida por eles na passagem da infância para a fase adulta. Dinah Campos (1981), também reconhecendo a importância do crescimento psicológico e da conquista da maturidade pelos jovens, revela que:

No desenrolar da adolescência, o indivíduo é particularmente vulnerável não só aos efeitos decorrentes das transformações biológicas ocorridas em seu corpo, mas também das mudanças sem precedentes, provocadas, no mundo moderno, pelo impacto das explosões demográficas, do progresso científico, da tecnologia, das comunicações, das novas aspirações humanas e da rápida transformação social. Assim, além dos fatores biológicos, considerados no capítulo anterior, a adolescência é influenciada pelo ambiente familiar, social e cultural onde o indivíduo se desenvolve. (p.28)

Compreende-se, portanto, que aliada à carga genética, a maturidade se desenvolve e ganha completude a partir da convivência do indivíduo no meio social no qual está inserido. Dinah Campos (1981) dá nuances de que as influências socioculturais contribuem para a maturação social, mental e emocional, bem como para o desenvolvimento da personalidade:

Os adolescentes não podem ser considerados somente do ponto de vista de seus conflitos e processos internos, mas, pelo contrário, devem ser considerados biossocialmente, com a devida ênfase nos sistemas de valores e pressões dos grupos que os circundam e com ênfase, às vezes, nos valores em conflito, dos múltiplos papéis que precisa assumir. (p.32)

É certamente no convívio com os outros que os juvenis demonstram suas transformações biopsicossociais. Essa camada da sociedade sente necessidade de viver em grupo, de se auto afirmar perante os semelhantes, porém são angustiados e tímidos quando expostos em público. Esse perfil é o mesmo encontrado nas narrativas juvenis já analisadas pelos estudos aqui apresentados. A ficção para os jovens se esforça para trazer em suas páginas uma representação das angústias, conflitos e perturbações experimentados pelo seu público nessa fase tão tumultuada que é a transição vivida pelos adolescentes até a fase adulta. Sobre essa última fase, Bardari (2008 p.18) concluiu, em sua pesquisa, que “os autores são unâimes em relacionar o desenvolvimento psíquico ao estágio de desenvolvimento social da cultura no

qual o indivíduo vive”. Ou seja, “é necessário levar em consideração aquilo que o mundo externo impinge sobre ele” (idem).

Sob essa ótica é possível construir a identidade do jovem nos livros juvenis, pois para que a narrativa seja classificada como tal e proporcione o amadurecimento do jovem leitor a partir de suas histórias é imprescindível que ela apresente esse jovem em constante evolução reconhecendo sua identidade não somente pela faixa etária ou temática atraente, mas, sobretudo por representá-lo como alguém que cumpre com funções sociais próprias à sua condição de jovem aprendiz em transição conflituosa, mas que sabe que tem o seu lugar no mundo e que busca conquistá-lo. Esse é o perfil do jovem contemporâneo. Aquele que se reconhece como ser social, mas que ainda não descobriu qual é a sua função em meio a ela, cabendo à literatura preencher essa lacuna proporcionando a esse jovem leitor o desenvolvimento humano, o crescimento psicológico, a formação leitora e o desenvolvimento da maturidade.

1.2A importância de uma literatura para os jovens

A literatura juvenil já é um gênero consolidado ou suas características ainda se encontram em discussão? Sob a perspectiva de investigadores e estudiosos empenhados em emancipar o gênero juvenil, traçou-se um panorama teórico, nesse primeiro capítulo, no qual fica revelado o quão importante é a literatura juvenil para a formação e humanização dos jovens leitores, por interferir diretamente no desenvolvimento biopsicossocial dos jovens. Os autores aqui reunidos, Aguiar (2012), Bardari (2008), Bauman (2013), Bocayuva (2009) Cruvinel (2009), Martha (2011), Guedes (2013) e Tiba (2005) fundamentam a ideia da importância da literatura juvenil para os adolescentes e ainda contribuem para esclarecer que a literatura juvenil já possui elementos suficientes para sua classificação e autonomia estética.

Cruvinel (2009) investiga a especificidade das narrativas juvenis brasileiras contemporâneas e constata que nelas há a preocupação em educar, em oferecer uma educação que não é a escolar, nem mesmo se restringe “em leis morais para o comportamento do aprendiz, mas em uma formação do iniciante para que ele resolva seus conflitos íntimos e seja capaz de estabelecer uma relação mais plena com o mundo circundante”. (2009, p. 12). Dessa forma, compreende-se que a

classificação juvenil para essa literatura é bem vinda, já que o jovem enfrenta um turbilhão de desafios frente às novas descobertas enquanto ser em transição da fase infantil para fase adulta, iniciando dessa forma suas experiências mais conflitantes. Vale ressaltar que o fato de essa literatura se preocupar com a educação do leitor não a faz simplesmente um instrumento utilitário ou pedagógico (características que por muito tempo classificou esse gênero sem proporcionar liberdade criativa aos jovens), mas o inverso, essa preocupação tem o objetivo de desacomodar o jovem, desconstruir possíveis concepções e fazê-lo resolver seus conflitos através da ficção e se transformar em alguém melhor após a sua leitura. Para Sissa Jacoby (2012):

a questão da formação da personalidade e da identidade está diretamente ligada ao modo como o jovem vivencia e elabora suas pequenas tragédias pessoais, sejam elas de ordem econômica, de caráter afetivo, de desempenho pessoal ou de adaptação diante das adversidades. E, nelas, cabe todo tipo de problemas relacionado ao papel social, que será construído desde as relações familiares até as relações de amizade, quer na escola ou fora dela.

Vivenciar e elaborar as pequenas tragédias pessoais são desafios novos e que se constituirão em desafios diários e constantes na vida desses jovens. São nesses conflitos que a literatura destinada ao público juvenil age diretamente. Encenando o cotidiano dos adolescentes, a ficção juvenil se transforma em uma espécie de conselheira para a vida, que coopera para a humanização, formação e transformação desse sujeito. Esses resultados advindos da leitura literária não é mérito apenas da literatura que carrega o léxico juvenil como acréscimo, mas da literatura em geral; e aí reside o caráter literário e estético desse gênero, pois são narrativas capazes de fazer refletir tanto o jovem quanto o adulto, apesar de carregar especificidades e características inerentes ao perfil jovem. Isso explica a necessidade de classificação desse gênero: a existência de uma zona de transição entre a idade infantil e a idade adulta, com seus problemas peculiares e modos de vivência particulares. Adriana Bittencourt Guedes (2013) afirma serem os adolescentes:

curiosos por um texto literário que traduza toda a “dor e a delícia” das transformações pelas quais eles estão passando. [...] As leituras literárias para os jovens leitores, portanto, precisam partir e voltar ao centro de suas angústias, precisam, no fundo de toda história, estar a falar deles mesmos, num movimento de captura silenciosa desse leitor em sofrimento silencioso que eles são. Precisam de cumplicidade. (p. 90-91)

Partindo da consideração de Guedes (2013), começamos a enxergar os itens específicos da literatura juvenil. Consoante a autora, os jovens se importam em tratar de problemas amorosos, sentimentos e mudanças; e como ainda estão em fase de formação e aprendizado, geralmente ainda incapazes de resolver suas angústias, reagem de modo típico à faixa etária, caracterizando esse perfil como sendo de pessoas ansiosas, rebeldes, agressivas e aparentemente desinteressadas de tudo.

Nessa lacuna, insere-se a literatura juvenil no horizonte de expectativas desses jovens para que a ficção possa cooperar na formação humanizadora e libertadora mencionada por Cruvinel (2009).

Ainda no tocante ao descobrimento das características específicas da literatura juvenil, destaco outro estudo. Em *Realidade além dos limites*, Vera Aguiar (2012) explicita também, que ainda há a busca em “compreender o gênero juvenil enquanto texto orgânico, criado dentro de um sistema literário, cultural e histórico”, bem como ainda se busca, ao mesmo tempo, compreender “suas qualidades intrínsecas, que contribuem para a conceituação do juvenil”. (p. 107-108)

A autora segue afirmando que “descrever os jovens contemporâneos talvez seja, assim, o primeiro passo para a conceituação de uma literatura a eles destinada” (p. 111). A partir dessa perspectiva, conclui, com o auxílio da pesquisa de Groppo (2000), que a definição de juventude se divide em dois critérios, o etário e o sociocultural, tendo a categoria social grande importância “para a construção da personalidade, em termos de valores, comportamentos, escolhas, modos de ser e agir”. (p. 112). Contudo há de se acordar que esse jovem que constrói a sua personalidade a partir do seu lugar na sociedade se constitui em um produto do mundo pós-moderno. Aguiar (2012) apresenta um breve histórico do surgimento dessa “camada da população”:

Até meados do século XX, as crianças saem da infância para o casamento ou o trabalho, isto é, para as responsabilidades da vida adulta. [...] São os fatores relacionados ao mundo pós-moderno, entre eles a industrialização acentuada e a aceleração da sociedade de massa e da globalização, seguidas da enorme expansão dos meios de informação e comunicação, que dão voz e vez a essa camada da população, que passa fazer valer seus desejos. Nesse contexto surge a literatura destinada à juventude, disposta a atender seus interesses, representar simbolicamente sentimentos e questões existenciais que os afligem e falar a sua língua. (p.110)

Como salienta Aguiar (2012), a leitura de literatura passa a fazer parte da vida do jovem por ser ela instrumento de desacomodação desses sujeitos, “reféns dos apelos da massificação”:

A literatura desafia a passividade e a homogeneidade da sociedade de massa e abre caminhos para o desenvolvimento do tanto de humanidade que trazemos conosco. Contando histórias episódicas ou falando de sentimentos corriqueiros, ela está nos conectando a todos os homens, em sintonia universal. No entanto para chegar aí, é preciso desativar aquela intenção pedagogizante que nasce com a literatura infantil e se estende à juvenil. Isso porque, sendo diretiva, a obra tolhe a liberdade de fantasia do leitor, impedindo-o de exercer seu direito de atribuir sentido às coisas do mundo. (p.113-114)

É possível, então, perceber que após a Revolução Industrial a literatura pedagógica e utilitária foi substituída por outra que se preocupou em contemplar as diversas expressões que compõem o panorama atual da juventude. A partir de então as produções literárias juvenis têm procurado se adaptar ao perfil da juventude atual, e para tanto buscam temas, projetos gráficos e linguagem que caracterizam a imagem do público alvo. Sissa Jacoby (2012), em *A reinvenção da adolescência em sete micos*, analisa o livro, *Micos de Micaela*, da autora Angélica Lopes, revelando que a narrativa apresenta as especificidades da literatura juvenil e que ela atende às expectativas do público jovem porque apresenta:

alto padrão do projeto gráfico, moderno e de bom gosto. [...] o apelo atrativo da capa estende-se ao enredo, à linguagem ágil de comédia adolescente, e à temática que focaliza conflitos e “micos” da garotada dos shoppings, da internet, do MSN, mas também das festas populares e dos movimentos ecológicos, em seu cotidiano social especialmente contextualizado na vida escolar. (JACOBY, p. 152)

A avaliação continua concluindo que o livro carrega “a tragicidade própria da adolescência” bem como a imagem e o perfil desse jovem:

o tom de comédia presente nos diálogos bem-humorados, na auto ironia de alguns personagens diante das situações vividas torna a narrativa leve e divertida. Em dia com a linguagem, interesses, conflitos e desejos do público jovem, Angélica Lopes consegue fácil identificação e comunicação, pela temática, pela linguagem coloquial próxima da oralidade, pela verossimilhança dos motivos e personagens que coloca em cena. (Jacoby, 159 grifos nossos)

Na mesma direção, Simões Júnior (2012), ao analisar três obras juvenis de Menalton Braff, especifica o gênero juvenil também concluindo que ele geralmente apresenta: narrador onisciente e protagonista, verbos no presente, fartas ilustrações, tratamento gráfico mais ousado, personagens expostos precocemente aos graves desafios da vida adulta, rebeldes, falta de compreensão mútua entre pais e filhos e abordagens de temas como o amor e problemas atuais. No entanto, Simões Júnior (2012), chama a atenção do público para o fato de que “a caracterização de um texto deve ser essencialmente determinada por seu conteúdo intrínseco” (p.12), ou seja, por mais que seja convencionado que o uso de tratamento gráfico, de linguagem coloquial e de ilustrações se constituam como características de uma narrativa juvenil, o que determinará de fato essa definição é a temática realista moderna presente na narrativa, que representa o jovem numa construção identitária a partir do contato social, o que “é fundamental para a formação do sujeito e a descoberta de seu lugar no mundo” (Aguiar 2012 p.112). Vera Aguiar, na mesma direção salienta que:

Acompanhar a trajetória da personagem é, para os jovens, identificar-se com aquele que age e conquista posições. Simbolicamente, a literatura opera como a outra face do real, aquela que ainda pode ser experimentada, na qual os jovens embarcam e voltam enriquecidos. (Ibidem, p.113)

Assim sendo, representar os jovens em narrativas destinadas a eles é, segundo Simões Júnior (2012):

possibilitar um conhecimento mais amplo do mundo que vai muito além da tematização das angústias e conflitos de adolescentes e jovens, da transmissão de boas mensagens e da criação de personagens que favoreçam a identificação projetiva por parte dos presuntivos leitores. (p.25)

Aguiar (2012) também designa o caráter estético do gênero juvenil ao analisar *O mágico de verdade*, de Gustavo Bernardo:

A literatura juvenil, portanto, além de adequar-se aos leitores quanto à temática, ao discurso e à estrutura, deve manter o encantamento diante dos segredos da existência, intensificando os sentimentos que a curiosidade desperta. Só assim ela vai cumprir com a função humanizadora da literatura e da arte. (p.122)

Dessa forma, já se pode delinear uma definição das especificidades do gênero juvenil e caracterizar essa literatura como juvenil sem receio porque é

ela que desempenha o importante papel do desenvolvimento biopsicossocial dos jovens por registrar em suas narrativas muito mais que meras semelhanças no modo de falar ou resolver questões polêmicas, mas porque essa literatura proporciona ao jovem outros modos de viver os seus conflitos mais graves de forma humanizadora para o leitor, favorecendo a ele a oportunidade de contato com personagens que vivenciam os mesmos dilemas de modo reflexivo e maduro. Grande número de pesquisas tem contribuído para essa caracterização com o intuito de prestigiar esse gênero que tanto coopera para a formação e humanização dos jovens leitores.

O capítulo a seguir trata do ciberespaço, ambiente no qual os jovens das duas narrativas analisadas por esta pesquisa desenvolvem suas histórias se sentindo mais livres e autônomos para a expressão do pensamento. É nesse ambiente que a juventude tem passado maior parte do seu dia, desenvolvendo novos estilos de relação pessoal, comunicação e raciocínio.

2 CIBERCULTURA E VISUALIDADE

2.1 Conceitos e objetos culturais

Antes de todo e qualquer argumento a ser construído acerca da temática escolhida para este capítulo, se faz urgente que direcionemos nossas atenções ao conceito de cibercultura, termo cunhado por Lévy em 1999 e que desde então vem ganhando notoriedade.

Afinal, que fenômeno é esse? Cibercultura, na verdade, é um neologismo criado a partir do contexto modernista e tecnológico do século XX e inserido no livro de mesmo nome, que foi cuidadosamente planejado por Lévy para leitores conhecedores, como também para leitores que não são íntimos ainda do ciberespaço. Segundo o autor, Cibercultura designa o novo comportamento que deve ser adotado pela sociedade moderna; sociedade essa que se encontra interligada e conectada ao mundo virtual e que por essa razão demanda novos comportamentos diante do surgimento de novas linguagens, novos textos e tipos novos de relacionamentos pessoais. Ao falar de cibercultura automaticamente o termo ciberespaço surge nesse contexto. Por sua vez, ciberespaço é o espaço virtual no qual as pessoas são provocadas por um novo modelo de comunicação, interação e inclusão proporcionados pela cibercultura.

É um espaço que oportuniza a possibilidade de partilhamento da “inteligência coletiva” aos seus usuários. Ainda segundo o autor:

O termo [ciberespaço] especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informação que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo ‘cibercultura’, especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço (Lévy, 1999, p. 17).

Esses conceitos se fizeram mister devido ao momento tecnológico que a sociedade do século XXI vivencia e também por ser os jovens dessa sociedade os maiores afetados pelo “dilúvio informacional” que a cibercultura trouxe consigo. São esses os jovens, os quais venho me referindo ao longo dessa dissertação: indivíduos cada vez mais competentes e autônomos, que veem nas tecnologias intelectuais novos estilos de raciocínio e conhecimento, com poderes para lhes oportunizar maior acesso ao aprendizado cognitivo e ao mundo do trabalho. Lévy (1999) também se entusiasma com os efeitos do ciberespaço. Ele de fato acredita que estamos vivendo um novo momento de vida social e econômica e se diz ser um otimista a respeito da *cibercultura*, porém adverte:

meu otimismo, contudo, não promete que a internet resolverá, em um passe de mágica, todos os problemas culturais e sociais do planeta. Consiste apenas em reconhecer dois fatos. Em primeiro lugar, que o crescimento do ciberespaço resulta de um movimento internacional de jovens ávidos para experimentar, coletivamente, formas de comunicação diferentes daquelas que as mídias clássicas nos propõem. Em segundo lugar, que estamos vivendo a abertura de um novo espaço de comunicação, e cabe apenas a nós explorar as potencialidades mais positivas deste espaço nos planos econômico, político, cultural e humano (p.11)

É muito provável que nem a internet, nem outro mecanismo inventado pelo homem, serão capazes de sanar todos os problemas da humanidade, mas que não há mais como pensar a vida sem ela, isso é irrefutável. Depende-se dos meios digitais e da internet para transações bancárias, para comunicação diversa, para compra e venda, e agora também para leitura, fato que está revolucionando a leitura literária (HUNT, 2010) e o ensino e a aprendizagem no espaço escolar (ROJO, 2012), exigindo novas habilidades e novos letramentos dos envolvidos com a leitura e a escrita.

É assim, também, que pensam Marcuschi e Xavier (2010). Os autores afirmam que, a partir da cultura virtual pronunciada por Lévy, os hipertextos e os gêneros digitais, elementos típicos do novo espaço de comunicação virtual, foram inseridos na sociedade e estão desenvolvendo nela novas formas de construção de sentido e constantes modificações nas atividades linguístico-cognitivas dos usuários, modificações essas que “afetam o processo ensino/aprendizagem da língua na escola e fora dela [...] tornando as sociedades letradas cada vez mais complexas” (p.11)

Partindo dessa constatação se observa que a literatura, e, em especial a literatura infantil e juvenil, tem se debruçado sobre essas modificações linguístico-cognitivas observadas por Marchshi e Xavier (2010) para revolucionar a leitura literária e acompanhar seu público já tão íntimo da cibercultura, apostando com mais frequência nas temáticas, projeto gráfico e ilustrações que mimetizam o universo digital e o ciberespaço, tudo para atrair o interesse do sujeito pós-moderno ambientado no mundo virtual e envolvido e entusiasmado por suas novas tecnologias. Lévy (1999) nos leva ainda a compreender o ciberespaço como “o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores”. (p.17)

Conforme o teórico, o ciberespaço é ocupado por seres humanos que alimentam esse universo. Assim sendo, é possível destacar dentre esses seres humanos, os jovens, ou seja, a juventude, que já é tão habituada às tecnologias digitais e às redes de comunicação interativa. Esse, portanto, é fator primeiro para que as narrativas aqui analisadas: *Todos contra Dante* (2008) e *Do coração de Telmah* (2014), de Luís Dill, sejam apreciadas e compreendidas em sua totalidade, já que elas apresentam temáticas que envolvem o universo digital e o projeto gráfico mimetizam esse espaço, exigindo do leitor novo comportamento diante da emergente demanda tecnológica.

Esse novo comportamento do leitor diante do espaço virtual tem relação com o surgimento de outros e diferentes gêneros de textos que foram colocados à disposição dos leitores e dos autores. Os chats, os blogs e os e-mails são os mais conhecidos gêneros digitais que foram disponibilizados na rede. Com a intenção de serem sociodiscursivos, esses gêneros ampliam as possibilidades de interação e incitam o surgimento de vários gêneros discursivos, o que certamente implica nos modos tradicionais de ler e escrever. A escrita

econômica, os *emoticons*, as alterações na gramática e os neologismos, são as atitudes mais típicas tomadas por quem frequenta o crescente espaço virtual, “isso porque os ambientes virtuais são extremamente versáteis e hoje competem, em importância, entre as atividades comunicativas, ao lado do papel e do som”, afirma Marcuschi (2010). Na mesma direção, Lévy (1999) aponta “três princípios que orientam o crescimento inicial do ciberespaço: a interconexão, a criação de comunidades virtuais e a inteligência coletiva” (p. 27). O teórico observa de modo positivo esse crescimento:

A interconexão para a interatividade é supostamente boa, quaisquer que sejam os terminais, os indivíduos, os lugares e momentos que ela coloca em contato. As comunidades virtuais parecem ser um excelente meio (entre centenas de outros) para socializar, quer suas finalidades sejam lúdicas, econômicas ou intelectuais, quer seus centros de interesse sejam sérios, frívolos ou escandalosos. A inteligência coletiva, enfim, seria o modo de realização da humanidade que a rede digital universal felizmente favorece, sem que saibamos a priori em que direção a quais resultados tendem as organizações que colocam em sinergia seus recursos intelectuais. Em resumo, o programa da cibercultura é o universal sem totalidade. (p. 132)

Todas essas estratégias já são conhecidas por quem usa o computador com acesso à internet, porém o foco da presente pesquisa é chamar a atenção para a transposição dessas estratégias para o livro impresso de narrativas juvenis. Fundamento-me em Peter Hunt (2010) para dar conta do entendimento dessas adaptações acerca das transformações ocorridas no modo de escrever e ler narrativas no espaço virtual. Hunt ((2010) afirma que uma nova questão está sendo levantada com o surgimento do ciberespaço: “para os envolvidos com os livros e as crianças (e os jovens), a nova questão é como mediar a interação entre novas mídias e formas textuais estabelecidas e a profunda mudança intelectual que isso implica” (p. 275). Hunt (2010) chama a atenção para a necessidade de reconhecermos “as novas histórias em hipermídia” como sendo também um tipo de narrativa. O teórico ainda alerta que precisamos aceitar o fato de que não há mais apenas uma só maneira válida de escrever histórias; que os jovens entendidos nos temas de muitos filmes, familiarizados com o apelo solto, não linear, dos guias de CDs-ROM, à vontade com a atração circular e repetitiva de muitas formas diferentes de ficção *on-line* precisam se achar valorizados, devendo aos adultos (pais e professores) se apropriarem de novos conceitos acerca do que seja narrativa nesse novo momento tecnológico:

Por tradição, para declarar o que pode parecer o óbvio ululante, entendemos “narrativa” como o ato de comunicar uma abstração (uma história): é um ato de comunicação com outros. Reconhecemos a diferença entre a história abstrata e seu relato, a narrativa, porque o seu relato, em última instância, influenciou a história. De modo igualmente óbvio, algo deve acontecer em uma narrativa; pode-se considerar que as histórias avançam graças a “unidades narrativas”, marcadas por algum tipo de mudança. Essas unidades se tornam coerentes por meio de elos como personagem, espaço, atmosfera, tempo ou motivo e em sua esmagadora maioria apontam para uma resolução. Todos esses elementos e resoluções são norteados por tradições genéricas. As novas histórias em hipermídia que estamos hoje encontrando/criando não se pautam por essas regras. Para se ter uma ideia do salto mental que será exigido, precisamos reconhecer as diferenças entre os que podem ser genericamente chamados de os três tipos narrativos – oral, escrito e “hipermídia”. (HUNT, 2010 p. 278)

De fato muitas mudanças fundamentais ocorreram na narrativa. E Hunt defende a ideia de que essas mudanças estão sujeitas aos jovens, por serem eles indivíduos ativos e estarem se identificando com muita rapidez aos modelos de narrativas do ciberespaço. Essas novas narrativas estão exigindo desses sujeitos “um salto mental”, ou seja, o desenvolvimento de maiores habilidades de concentração e de resposta. E, claro, não há ninguém que esteja mais qualificado, pode-se concluir assim, para sofrer essas adequações do que os jovens do presente século, uma vez que, segundo Hunt (2010), são eles a parte da sociedade mais à vontade com a transição para o pensamento hipermídia:

A consequência óbvia dessas tendências é que o conceito de “narrativa” é estendido. Estamos em uma fase de transição para o pensamento hipermídia generalizado, e temos de aceitar que os MUDS (Multi-user Domain, um RPG com vários jogadores simultâneos) possibilitam a autoria múltipla; os textos anotados, os sites e revistas eletrônicas que exploravam narrativas novas ou antigas; todos agora fazem parte da narrativa. O que anteriormente se consideravam itens externos ou alheios [...] tornam-se parte da “narrativa” [...] E o mesmo aconteceu com a hipermídia [...] Essa narrativa pode ser construída por meio de um pacote que possibilite ao leitor/escritor proceder por associações – ou ao acaso a partir da internet. (Hunt, 2010 p. 281).

Hunt (2010), portanto, nos leva a concluir que é necessário os sujeitos se comportarem de modo diferente frente à nova demanda tecnológica de leitura. Lévy (1999), na mesma direção, também nos leva a perceber o impacto que o novo ciclo da sociedade pós-moderna causou em nosso modo de viver: com a infraestrutura do ciberespaço em construção, vimos surgir novas perspectivas de relações: as hiperpessoais. A linguagem e a comunicação foram e estão em constante modificações. E ainda estamos em plena promoção e

desenvolvimento de um novo e gigantesco metamundo. Tudo notadamente novo e evoluído se rebuscamos o modo de vida de nossos antepassados.

Partindo disso, veremos e entenderemos a seguir como a linguagem e a comunicação humana foram impactadas pela cibercultura e pelo ciberespaço a partir das considerações feitas por Marcushi e Xavier (2010) no livro *Hipertexto e Gêneros Digitais, novas formas de construção de sentido*. Nesse livro serão encontrados conceitos e análises dos novos gêneros de textos que surgiram com a entrada dos computadores em nosso dia a dia e que vêm mexendo com os usos linguísticos e mudando nossas relações em especial com a escrita.

2.2 Gêneros digitais

Com a internet, novos e variados gêneros discursivos surgiram. Consequência lógica, visto que uma gama de aspectos dos tradicionais gêneros sofreu modificações pelo fato de que houve necessidade de transpor a tradicional relação interpessoal para a nova e emergente relação hiperpessoal. Ou seja, para que as relações acontecessem no mundo virtual, foi necessário criar novas formas de organizar e administrar esses relacionamentos. E como “um dos aspectos essenciais da mídia virtual é a centralidade da escrita” (MARCUSCHI, 2010 p. 21), criaram-se novos e variados gêneros de textos para atender a demanda dos novos modos de relacionamento que buscam interação social a partir do mundo virtual. Marcuschi (2010 p. 22) revela que “a internet transmuta de maneira bastante complexa gêneros existentes; desenvolve alguns realmente novos e mescla vários outros”, facilitando e possibilitando, dessa forma, a tão necessária e cada vez mais urgente relação hiperpessoal. Para o autor essa transmutação do real para o virtual dá às relações “uma nova concepção de interação social” (p. 24) que passa longe de ser antissocial porque “favorecem a criação de verdadeiras redes de interesses” (p. 24) as conhecidas comunidades virtuais, que para o teórico é tida

como uma espécie de agregado social que emerge da rede *internetiana* para fins específicos. Seriam pessoas com interesses comuns ou que agem com interesses comuns em um dado momento, formando uma rede de relações virtuais (ciberespaciais). (p. 24-25)

Essa rede de relações virtuais logo ganha outra nomenclatura a partir de Marcushi, que fundamentado teoricamente por Erickson (1997), conclui que a comunidade virtual é na verdade um gênero participativo, mais especificamente um *chat online*. Esse gênero, por proporcionar “sequencialidade, interatividade, conteúdo comum [...], dá oportunidade aos participantes de se portarem como no seu dia a dia”. (p. 30). Essas características favorecem com intensidade a identificação dos jovens nesses ambientes, já que, assim como a internet, os jovens são heterogêneos, possuem culturas variadas e são adeptos da interatividade, razões pelas quais os computadores e a internet se tornaram elementos indispensáveis ao dia a dia da juventude.

A nova forma de se relacionar socialmente, de trabalhar e de partilhar informações favoreceu o surgimento de gêneros textuais adaptados e inovados. Segundo Marcuschi (2010), juntamente com os ambientes virtuais surgiram também os novos gêneros de textos, que são predominantemente da cultura escrita, mas que, em contrapartida, “essa escrita tende a uma certa informalidade, menor monitoração e cobrança pela fluidez do meio e pela rapidez do tempo” (p 35), fatos novos e instigantes porque reformulam os padrões de linguagem. O autor relaciona ainda, a título de conhecimento, os gêneros mais conhecidos do meio virtual: *e-mail*, chat em aberto (bate-papo virtual em aberto – room-chat), chat reservado (bate-papo virtual reservado), chat agendado (bate-papo agendado – ICQ), chat privado (bate-papo virtual em salas privadas), entrevista com convidado, e-mail educacional (aula virtual), aula-chat (chat educacional), videoconferência interativa, lista de discussão, correio eletrônico, weblog (blogs, diários virtuais), cada um com suas funções e caracterizações específicas.

Chama-se a atenção agora para o fato de esses gêneros digitais estarem sendo transpostos para o livro impresso, prática que despertou o interesse dessa investigação e direcionou o olhar para as obras de Dill, as quais se tornaram foco da presente pesquisa. O livro, *Todos contra Dante (2008)* faz uso dos gêneros digitais *blog* e *fóruns online*, além dos *links*, em sua composição narrativa e ilustrativa. Pode-se entender o blog, segundo Ribeiro (2009), tanto como veículo de comunicação, quanto como gênero textual, já que ele tem “características, ao mesmo tempo, de canal (veículo) e de código (gênero). Nos dois casos, são os meios pelos quais a informação é transmitida e também são as

informações propriamente ditas” (p.9). longe do interesse de adentrar nesse campo de distinção, Ribeiro (2009) foi inserido aqui porque sua investigação é instigante e traz informações pertinentes à presente pesquisa quanto à definição de *blog*. Komesu (2010) contribui para a definição de *blog* e corrobora com Ribeiro (2009), preferindo substituir o termo “gênero” pela expressão “ferramenta”. Quando Komesu (2010) evita classificar o blog como gênero, preferindo chama-lo de “ferramenta”, passa a ideia de que ela não comunga da ideia de conceituar o *blog* como gênero textual, apenas, já que segundo a autora, “a prática dos blogs difere de uma prática diarista tradicional” (diário pessoal escrito em papel), “como se costuma apregoar” (p.146). Para a estudiosa, o blog é uma ferramenta de autoexpressão que “permite, ainda, a convivência de múltiplas semioses, a exemplo de textos escritos, de imagens (fotos, desenhos, animações) e de som (músicas, principalmente”. (p 137).

O início da vida útil do blog data do ano de 1999 como mostra Komesu (2010):

Blog é uma corruptela de weblog, expressão que pode ser traduzida como “arquivo na rede”. Os blogs surgiram em agosto de 1999 com a utilização do software Blogger, da empresa do norte-americano Evan Williams. O software fora concebido como uma alternativa popular para publicação de textos on-line, uma vez que a ferramenta dispensava o conhecimento especializado em computação. A facilidade para a edição, atualização e manutenção dos textos em rede foi – e é – o principal atributo para o sucesso e a difusão dessa chamada ferramenta de auto expressão. (p.136)

Na mesma direção de transposição do ambiente virtual para o impresso, a obra, *Do coração de Telmah* (2013), por sua vez, faz referência ao microblog *Twitter*, uma rede social e servidor para *microblogging*, que permite aos usuários enviar e receber atualizações pessoais de outros contatos, em textos de até 140 caracteres. Os textos são conhecidos como tweets, e podem ser enviados por meio do *website* do serviço, por SMS, por aplicativos específicos do Twitter para *smartphones*, *tablets* e computadores. As atualizações são exibidas no perfil de um usuário em tempo real e também enviadas a outros usuários seguidores que estejam seguindo a pessoa de seu interesse para recebê-las. O Twitter foi criado em 2006 por Jack Dorsey, e logo ganhou extensa notabilidade e popularidade por todo mundo. Segundo o grupo de pesquisa norte-americano *Web Ecology*, a língua portuguesa é a segunda mais utilizada pelo Twitter, apenas atrás do inglês. A obra

do “Coração de Telmah”, mostra que foi possível escrever um romance “postando tweets”, 500, para ser mais precisa. Com linguagem adequada aos meios, a protagonista da trama constrói uma narrativa concisa e coesa, proposta já definida pelo formato do microblog Twitter. A história de Telmah é trágica, muito similar à tragédia shakespeariana, e o Twitter entra em cena como recurso de desabafo da adolescente atormentada pela dúvida e o desejo de vingança. Os usuários do Twitter usam a rede social para se expressarem, compartilhar ideias, opiniões, pra deixar registradas suas ideologias. Temah utilizou o Twitter com essa intenção e passou a funcionar como pano de fundo da história.

Os gêneros digitais, as ilustrações, a narrativa não linear e o projeto gráfico presentes nos livros de Luís Dill e que representam o *corpus* desta investigação, dinamizam a escrita impressa e tornam a leitura dessas obras uma atividade lúdica, requerendo do leitor novas e específicas habilidades de concentração e de resposta, devendo esse leitor acionar todas as semioses para dar conta da visualidade presente nos livros. Partindo da premissa da visualidade – campo bastante explorado pelo ciberespaço – vejamos como Ramos (2011) orienta que seja feita a leitura dessa semiose:

para ler as imagens [...] de qualquer obra de arte, o leitor fará esforço de avaliação mais amplo, que passará também pela própria experiência de cada um com a visualidade, que é a capacidade de produzir novas imagens, e com as maneiras de ver e ter conhecimento de mundo. (p. 31-330)

Assim, entendemos que o livro que mimetiza o universo digital se torna ainda mais atraente para aqueles que têm experiência, vivência e conhecimento do espaço virtual, com sua visualidade e forma específicas. Lévy (1999, p.75) afirma que “ao interagir com o mundo virtual, os usuários o exploram e o atualizam simultaneamente”. Diz ainda que “quando as interações podem enriquecer ou modificar o modelo, o mundo virtual torna-se um vetor de inteligência e criação coletivas”. Por isso mesmo que a narrativa juvenil tem se debruçado com mais frequência sobre o universo digital, por ser o seu público (os jovens) os mais afetados pela *cibercultura* com seu recurso interativo e apelos visuais. Esses elementos torna o ciberespaço ainda mais atrativo e fantástico para essa parte da sociedade e Luís Dill, no processo de transposição do virtual para o impresso, aproveita-se dessas características típicas do ciberespaço para enriquecer suas obras.

Apesar de Ramos (2011) afirmar que a imagem nem sempre ocupou lugar privilegiado nos livros infantis e juvenis: “antes a ilustração estava atrelada ao texto, mas era considerada em posição menor. Elas apenas pontuavam a história narrada” (p.30), hoje, finalmente já compreendemos “a imagem como um elemento em relação de diálogo com o texto verbal, tão importante como ele” (p.30). É chegada, então, a fase áurea da ilustração em livros infantis e juvenis, algo a ser comemorado, pois as obras *Todos contra Dante* (2008) e *Do coração de Telmah* (2013), de Luís Dill, se tornam ainda mais ricas e mais valoradas esteticamente exatamente por este atributo: a visualidade, que, especificamente nessas duas obras, é tão contemporânea e adequadamente situada no século XXI. Voltemos a lembrar Ramos (2011) porque ela faz uma ressalva importante acerca do que seja imagem em livros infantis e juvenis:

É preciso ressaltar: quando se fala em imagem no caso do livro[...] contemporâneo, ela não se resume apenas às ilustrações. Está relacionada à definição de um projeto gráfico que estabelecerá os tipos de letras a serem usados, o tamanho, o espaçamento e o entrelinhamento dela; definirá ainda o ritmo do texto nas páginas, o que sugerirá o andamento da leitura; pensará a forma de integração entre o texto e as ilustrações; escolherá o tipo de papel que servirá de suporte e os recursos técnicos a serem utilizados na mecânica do livro. (p. 30)

Assim, é o projeto gráfico que está definindo o tipo de imagem utilizado por Dill nos livros *Todos contra Dante* (2008) e *Do coração de Telmah* (2013). O autor trouxe para as narrativas a sensação de contemporaneidade conduzindo de modo inovador o ritmo do texto nas páginas e transformando, conseqüentemente, os modos de ler. É claro que esse novo modo de ler oferecido pelas narrativas em questão exige do leitor experiência com o *ciberespaço*, já que o projeto gráfico, o ritmo do texto nas páginas e a integração entre o texto e as imagens, remetem aos ambientes virtuais já muito explorados pelos nativos digitais. Esses recursos exigem raciocínio rápido, inteligência virtual e iniciação no letramento digital que só aqueles ambientados e acostumados nesse espaço terão habilidades suficientes para dar conta desse novo modelo.

Contudo, existem implicações no curso pós-moderno de implantação e de uso das tecnologias da informação, e algumas dessas implicações mexeram com o comportamento social dos indivíduos, exigindo dos grupos sociais

readaptação ao modo como devemos nos relacionar com o outro. Aprender a conviver se tornou, a partir de então, a premissa mais urgente do século XXI.

A seguir, considerações a respeito do *ciberbullying*, se farão necessários, uma vez que a temática se relaciona tanto ao livro *Todos contra Dante*, quanto ao fato de que se trata de assunto quase obrigatório quando o tema é cibercultura.

2.2.1 Ciberbullying

Novos problemas e dilemas em sociedade surgiram com a aparição da internet. Crimes como, invasão a ambientes privados, *ciberbullying*, que é a intimidação sistemática praticada via internet e *cyberstalking*, que se constitui na perseguição praticada pela rede, estão entre as ocorrências mais registradas no Brasil. Dentre essas três modalidades de crimes apresentadas aqui, o ciberbullying é o problema social denunciado através do livro *Todos contra Dante*, por isso se faz necessário entendermos suas causas e consequências, tanto para quem pratica, quanto para quem sofre esse tipo de agressão. Antes de falarmos a respeito do *bullying* praticado no ambiente virtual, será trazido a este espaço um breve histórico do surgimento da internet em âmbito mundial.

No início de 1969, um projeto da agência norte-americana Advanced Research and Projects Agency (ARPA) objetivava conectar os computadores dos seus departamentos de pesquisa. A ARPANET, organização que interligava quatro instituições: Universidade da Califórnia, LA e Santa Bárbara; Instituto de Pesquisa de Stanford e Universidade de Utah, fez nascer o TCP/IP (Transmission Control Protocol / Internet Protocol), grupo de protocolos que é a base da Internet desde aqueles tempos, toda a década de 1970, até hoje. Na década de 80 várias universidades se interligaram à ARPANET. A entidade americana National Science Foundation (NSF) interligou os supercomputadores do seu centro de pesquisa, a NSFNET, à ARPANET, que passaram a ser as duas espinhas dorsais (backbone) de uma nova rede que junto com os demais computadores ligados a elas, era a INTERNET. Na década de 1990 a ARPANET deu lugar ao backbone Defense Research Internet (DRI). Nessa mesma época iniciou-se o desenvolvimento de um backbone europeu (EBONE), interligando alguns países da Europa à Internet.

A partir de 1993 a Internet deixou de ser uma instituição de natureza apenas acadêmica e passou a ser explorada comercialmente, tanto para a construção de novos backbones por empresas privadas (PSI, UUnet, Sprint,...) como para fornecimento de serviços diversos, abertura essa a nível mundial.

É finalmente a partir da década de 1990 que a sociedade começa a conhecer os serviços da internet. Com ela vieram novos tipos de relacionamentos, novas possibilidades de aprendizagens, novas e infinitas contribuições aos indivíduos em geral. Porém, como toda nova organização, essa inusitada rede de possibilidades também trouxe consigo novos e problemáticos dilemas a serem enfrentados. Faz-se, agora, referência à denúncia presente no livro *Todos contra D@nte*, de Luís Dill.

O cyberbullying, conforme Tognetta e Bozza (2012, p.164) configura-se em “nova realidade de violência nas relações interpessoais”, com números crescentes de casos denunciados a cada ano. A advogada especialista em direito digital Gisele Truzzi, afirma, em página da câmara dos deputados (2016), que número de denúncias de cyberbullying aumentou mais de 500% entre 2012 e 2014, dados que despertam pesquisadores das mais diversas áreas do conhecimento, assim como Cléo Fante, Doutora em Educação, Tognetta, Doutora em psicologia escolar, Bozza, Especialista em relações interpessoais e Calhau, Promotor de Justiça do Ministério Público do Estado de Minas Gerais. Essa é uma temática que aparentemente tem relação apenas com jovens adolescentes em época de escola, conforme explica Fante (2005), o bullying é “um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra outro(s), causando dor, angústia e sofrimento” (p. 28). Porém as atuais repercussões nas mídias têm mostrado que essa é uma violência sofrida também por pessoas adultas. No ano de 2016, uma famosa atriz brasileira, Taís Araújo, denunciou e divulgou os comentários maldosos, racistas e intencionados a humilhá-la, que estavam em sua rede social. O motivo, a cor da sua pele e tipo de cabelo que usa. As vítimas são sempre pessoas que apresentam características entendidas pelos agressores como características fora dos padrões aceitáveis por eles. Passando, dessa forma, a praticar e disseminar a intolerância, o preconceito e a discriminação entre os pares.



Figura 1: print da rede social da atriz Taís Araújo que comprova de forma materializada a violência praticada contra ela no ambiente virtual

Em Todos contra Dante, o adolescente também sofreu humilhações em rede virtual por causa de sua aparência. As consequências para quem pratica o cyberbullying, segundo Giselle Truzzi, é indenizar as vítimas na esfera cível e responder judicialmente na esfera criminal. Ela explica que a legislação atual já pune cyberbullying e cyberstalking, pois já estão tipificados no Código Penal (Decreto-Lei 2.848/40) e que existe também a possibilidade de exclusão do conteúdo, por meio de notificação extrajudicial aos sites que hospedam o conteúdo ofensivo. Porém, declara que no caso de os crimes serem praticados por menores de 18 anos, a prática será caracterizada como ato infracional, punível com medidas socioeducativas previstas no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA - Lei 8.069/90). Nessa mesma direção, Calhau (2006), explica que o profissional do Direito deve estar aberto a todas alternativas possíveis que possam ser colocadas para a solução do problema, incluindo a participação efetiva dos estudantes na reconstrução da situação problemática, mostrando que a escola é o ponto de partida para a transformação significativa do modo como se deve enfrentar e coibir essas atitudes criminosas:

A atuação preventiva nesses casos é a melhor saída. Devemos coibir essas práticas e propagar, em vez da violência, a tolerância e a solidariedade. Agindo assim contribuiremos para reduzir a prática futura de crimes violentos decorrentes das situações de bullying. [...] fenômeno corriqueiro e que não recebe o tratamento adequado pelo Poder Público no Brasil. Não seria diferente. Como podemos resolver uma situação se nem sabemos que ela existe? Façamos agora a nossa parte.

Calhau parte do princípio de que é com informação que poderemos agir contra determinadas situações, salientando que poder público e escola devem trabalhar conjuntamente no combate ao *bullying* e suas vertentes, para que cada vez menos jovens venham a sofrer com esse tipo de violência no ambiente escolar. Apresentar literaturas, leituras, livros, que esclareçam e expliquem essa temática, é um direito do jovem leitor e um dever da escola. *Todos contra D@nte* (2008) traz em suas páginas essa missão. Além de favorecer entretenimento com responsabilidade social, o livro ainda oferece a oportunidade ao leitor jovem de ele próprio perceber as estratégias narrativas editoriais que têm a intenção de transportá-lo ao ambiente virtual, tornando o livro um atípico recurso de leitura impressa.

Contudo, para ler “Todos contra D@nte” e “Do coração de Telma”, o leitor precisa adotar um comportamento diferenciado. No subitem a seguir conceitos como o de texto, hipertexto, leitor e hiperleitor serão desenvolvidos, haja vista a importância e a necessidade da transição dessas habilidades para que o leitor consiga acompanhar a evolução tecnológica a qual está submetido no século XXI, uma vez que os textos e os suportes de leitura evoluíram e se expandiram para o meio virtual.

2.3 Do leitor ao hiperleitor

O texto, como o conhecemos hoje, um todo semântico construído a partir de frases e que forma o discurso, é a via principal para que a comunicação verbal ocorra. Esse ato de comunicação que teve sua disseminação motivada pela expansão do comércio e pela crescente industrialização, consequência da Revolução Industrial no século XIX, exigiu novas necessidades de comunicação ao longo da existência humana e proporcionou novos modos de interlocução. A partir daí inúmeros gêneros passaram a circular dentro da sociedade e novos

suportes de leitura foram criados para atender as necessidades de comunicação vigentes da época. Os gêneros visavam facilitar o registro de todos os acontecimentos que envolviam a sociedade. Os suportes, desde os tempos mais antigos, com as placas de argila, os papiros e os pergaminhos, por exemplo, visavam facilitar a construção e materialização do texto, dando suporte para que este fosse lido. Desde então o texto e tudo o que o envolve tem sofrido intervenções tecnológicas resultando em grandes transformações tanto na forma como ele se apresenta ao leitor como no suporte no qual ele é oferecido para leitura.

É nesse eixo formato/suporte onde se encontram as diferenças entre texto e hipertexto. O texto, conjunto de palavras e frases encadeadas que permite interpretação e transmite uma mensagem, é linear e sequencial, enquanto que o hipertexto, informações associadas que formam blocos de textos, permite ao leitor liberdade para escolher vários caminhos se apresentando de forma mais dinâmica e liberal, agregando outros textos ao seu corpo e sem as amarras da linearidade. Estudiosos têm se dedicado à análise desse formato textual “que tende a mediar as relações do sujeito na sociedade de informação”. Dentre esses estudiosos destaco Nonato (2006) e Xavier (2010). O primeiro designa hipertexto como a modalidade de texto que permite o “concurso concomitante de múltiplas linguagens e a constituição de trilhas pessoais e irrepetíveis de constituição do texto, mediante os *links* e nós da virtualidade” (p 27). O segundo entende hipertexto como “uma forma híbrida, dinâmica e flexível de linguagem que dialoga com outras interfaces semióticas, adiciona e acondiciona à sua superfície formas outras de textualidade” (p. 208). Nota-se que ambos os pesquisadores orientam o entendimento do que seja hipertexto na mesma direção. Esse conhecimento das características e peculiaridades do hipertexto se torna importante para o desenvolvimento da presente pesquisa, porque a partir do surgimento dele um novo produto emergiu na sociedade do século XXI, o hiperleitor. Esse sujeito, dotado das habilidades e competências inerentes a ele é determinante para que a leitura das obras *Todos contra Dante* e *Do coração de TELMAH* seja fruída.

A respeito das expectativas do leitor do hipertexto no ambiente virtual, Xavier (2010) aponta o que o hiperleitor encontrará no ciberespaço e como ele deve se comportar diante do hipertexto:

na esteira da leitura do mundo pela palavra, vemos emergir uma tecnologia de linguagem cujo espaço de apreensão de sentido não é apenas composto por palavras, mas, junto com elas, encontramos sons, gráficos e diagramas, todos lançados sobre uma mesma superfície perceptual, amalgamados uns sobre os outros, formando um todo significativo e de onde sentidos são complexicamente disponibilizados aos navegantes do oceano digital. É assim o hipertexto. Com ele, ler o mundo tornou-se virtualmente possível, haja vista que sua natureza imaterial o faz ubíquo por permitir que seja acessado em qualquer parte do planeta, a qualquer hora do dia e por mais de um leitor simultaneamente [...] Certamente, o hipertexto exige do seu usuário muito mais que mera decodificação das palavras que flutuam sobre a realidade imediata. (p. 209)

Ao afirmar que o leitor precisará não apenas decodificar as palavras do hipertexto, o autor confirma que uma transição ou até mesmo uma transformação precisa ocorrer nesse leitor. Desde a Idade Média que mudanças no ato de ler vêm acontecendo. Para Santaella (2004), essas mudanças começam com a transição do leitor contemplativo para o leitor movente. Conforme a autora, o leitor contemplativo é aquele de comportamento leitor mais íntimo e pessoal, que se concentra numa atividade solitária para refletir e absorver o conteúdo.

Na contramão deste, o leitor movente é aquele que passa apressadamente por letreiros, fachadas luminosas, cartazes de propaganda e toda sorte de informações que não exigem a mesma concentração e contemplação do leitor de outrora. Esse comportamento leitor foi adotado e absorvido pela sociedade pós Revolução Industrial que via textos em todos os lugares como recurso apelativo para a venda dos novos produtos trazidos pelas inovações tecnológicas resultantes da Revolução Industrial.

E por último, Santaella (2004) classifica um terceiro tipo de leitor, o leitor imersivo, uma versão atualizada do leitor movente. Este último tipo de leitor está apto a transitar por diversos textos ao mesmo tempo, através dos *links* e *nós* dos hipertextos, sem se preocupar com a sequência ou linearidade presente nos textos impressos. É um leitor ágil e habilidoso para ler e receber novas informações, entrecruzar múltiplas linguagens, traçar seu próprio caminho e ritmo de leitura. Enfim, é o leitor imersivo, com todas as suas habilidades e competências, que dará conta da leitura prazerosa das obras analisadas por esta investigação, exatamente porque são livros que conseguiram transpor os elementos da cultura digital para a cultura impressa, exigindo dos leitores contemplativos habilidades inerentes aos leitores moventes e imersivos, também chamados de hiperleitores.

A respeito de como o autor Luís Dill conseguiu transpor o texto digital para o livro impresso, o capítulo três deste trabalho trará análises que nortearão o entendimento prático do processo dessa transposição que resultou na relação entre literatura e cibercultura.

3 A AMBIENTAÇÃO DO UNIVERSO DIGITAL EM FOCO NAS NARRATIVAS “TODOS CONTRA DANTE” E “DO CORAÇÃO DE TELMAH”, DE LUÍS DILL.

3.1A literatura juvenil de Luís Dill

A partir da década de 70 do século XX o Brasil começa a vivenciar um período importante para a literatura infantil e juvenil brasileira, já que observamos o aparecimento de notáveis autores desses gêneros em nosso país. Ana Maria Machado, Angela Lago, Lygia Bojunga, Marina Colasanti, Ricardo Azevedo e Pedro Bandeira, são apenas alguns dos inúmeros autores que se debruçaram sobre a produção da controversa e polêmica literatura juvenil. Para enriquecer ainda mais esse grupo, o Brasil conta com Luís Dill, jornalista e escritor, que vislumbrou na literatura juvenil a oportunidade de denunciar fatos e compartilhar situações que envolvem essa camada da sociedade que é tão mal interpretada pelos adultos: os jovens adolescentes.

Luís Dill é autor de narrativas destinadas ao público juvenil, mas sem contraindicação para adultos porque são narrativas que desafiam o leitor. O autor faz uso de linguagem contemporânea aos jovens e usa de arquitetura ficcional atraente e dinamizada. Como escritor, Dill estreou em 1990 com a novela policial juvenil *A caverna dos diamantes*. Também é colaborador de jornais e de revistas. Já foi finalista de alguns prêmios literários tendo recebido o Açorianos de Literatura Adulta e Infantil na categoria Conto pelo livro *Tocata e fuga* (Bertrand Brasil) e na categoria Juvenil com os livros *De carona, com nitro* (Artes e Ofícios) e *Decifrando Ângelo* (Scipiome). Recebeu o prêmio Livro do Ano da Associação Gaúcha dos Escritores na categoria Poesia com o livro *Estações da poesia* (Positivo). Também foi laureado com o terceiro lugar do prêmio Biblioteca Nacional na categoria Juvenil com o livro *O estalo* (Positivo). Alguns de seus títulos receberam o selo Altamente Recomendável da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil e fazem parte de seu acervo básico. É um autor comprometido com o seu

público porque seus livros apresentam contemporaneidade temática, reflexões (sem dar lição de moral), aventuras que instigam o raciocínio e a investigação, dilemas do mundo dos adultos, vividos pelos jovens, sensibilidade e criatividade; características que, como já se viu no capítulo anterior, definem e conceituam o gênero juvenil. Como exemplo dessa afirmação cita-se os livros *Todos contra Dante* (2008) e *Do coração de TELMAH* (2013), *corpus* selecionado pela presente pesquisa, além de tantos outros títulos com a mesma construção criativa, inovadora e jovem. A esse respeito, pensa-se que é importante conhecer a produção literária de Dill antes da apresentação das obras escolhidas por esta investigação para ser o seu *corpus*. Dessa forma, apresentam-se aqui dois livros, a título de exemplificação, que, na mesma direção do *corpus* da presente dissertação, trazem consigo especificidades do gênero juvenil e elementos da *cibercultura*.

O primeiro livro é *Camisa 10 em perigo* (2015). Nesta obra a narrativa traz como tema a investigação de um atentado a tiros ao protagonista e astro do futebol da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Padre Réus, Ferdinando Lima, de 15 anos, que não sofre fatalidade, mas que mobiliza variados personagens da trama na investigação do atentado sofrido pelo protagonista.

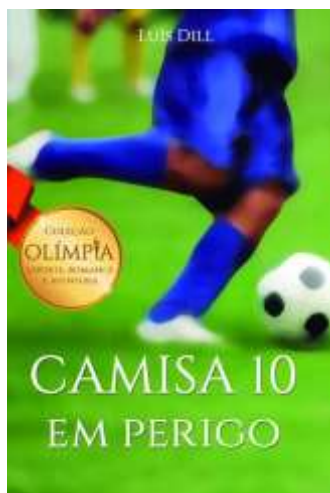


Figura 2: Capa do livro *Camisa 10 em perigo*

Dill, frequentemente tem usado elementos da cibercultura em seus livros e nesta obra ele trouxe um personagem que dará vida a um blog, recurso da

internet, que se configura como um gênero digital, e que na narrativa em questão terá a finalidade de informar o leitor sobre a história da Olimpíada.

O segundo título é *Letras finais* (2005), livro que aborda sobre os dramas da vida, como o sequestro, a morte, o *bullying* e a obesidade, além de retratar a experiência juvenil com o amor. Temas focados nos dilemas da sociedade contemporânea e que propiciam aos leitores, juvenis ou adultos, a reflexão e o debate acerca das proposições trazidas pelo autor. O protagonista é Oswaldo, um garoto de 13 anos que sofreu um sequestro, vivenciou o sofrimento da morte do seu irmão mais velho, recebe críticas sistemáticas dos colegas de escola por conta da sua aparência física e que ainda sofre com a pressão psicológica da obesidade, situação que o leva optar por uma série de comportamentos alimentares questionáveis. Somado a isso, há também o amor que Oswaldo constrói por Amanda, notadamente juvenil e principiante nessa área como geralmente acontece com a fase adolescente.

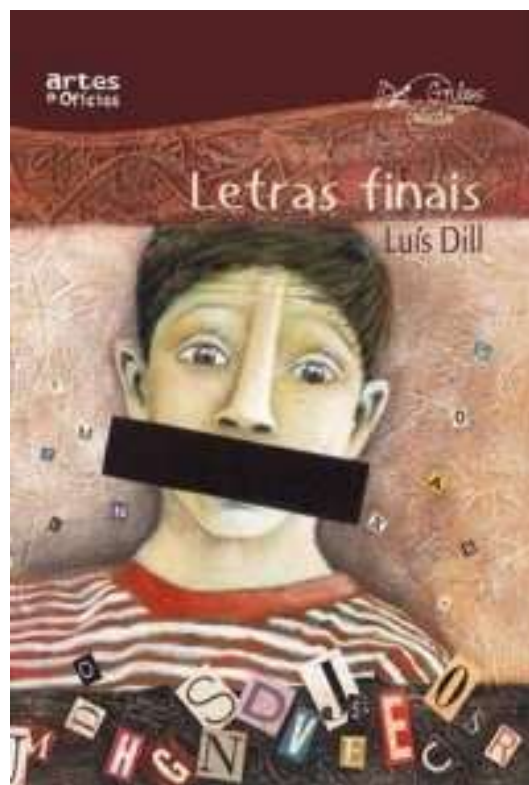


Figura 3: capa do livro *Letras finais*

Porém, o que trouxe *Letras finais* (2005) para esse espaço foi o caráter hipertextual da sua narrativa. Seus capítulos oscilam entre a realidade atual e

o passado vivido por Oswaldo, jogo que contribui para a quebra cronológica da narrativa, permitindo tanto o acompanhamento linear, quanto outras formas de leitura.

“Em todos contra Dante” e “Do coração de TELMAH” é possível encontrar narrativas que impactam o leitor tanto por possuírem temáticas que envolvem dilemas sociais, quanto por apresentar histórias de amor tão conflituosas quanto às vividas pelos jovens, trazendo ainda para o campo ficcional a conturbada relação entre pais e filhos. Tudo isso construído sob a perspectiva contemporânea, criativa e hipertextual do *ciberespaço*. Dill consegue a alquimia necessária para compor esse gênero já tão difundido e aceito por nossa sociedade. Martha (2011) confirma, e reforça o que já se vem dizendo ao longo deste capítulo, sobre o que há de mais específico nas composições juvenis:

nas narrativas juvenis contemporâneas, o que chama a atenção dos leitores no processo de construção das personagens é que a adolescência não é mais vista como preparação para a maturidade, mas considerada etapa decisiva da vida. As personagens adolescentes não são construídas como ainda-não-adultos ou como já-não-mais-crianças; são portadoras de uma identidade própria e completa e se envolvem em situações que as obrigam a refletir e a reformular conceitos que possuem a respeito de si mesmas e do mundo. É a partir desse processo, que as narrativas, verdadeiras experiências de autoconhecimento, podem contribuir na formação de leitores adolescentes, humanizando-os, no sentido mais amplo da palavra, ainda que, por vezes, as vivências das personagens pareçam estar distantes daquelas experimentadas pelos jovens em seu ambiente real. (p. 9)

Martha, a respeito das narrativas juvenis contemporâneas, diz que, nelas, os jovens são portadores “de uma identidade própria e completa e se envolvem em situações que os obrigam a refletir e a reformular conceitos que possuem a respeito de si mesmos e do mundo” (211, p. 09). É dessa forma que Dill formula seus jovens personagens e constrói suas ficções; comprometido com o mundo conflituoso de seus leitores. Porém, nem só de amor ou de conflitos familiares se constitui o jovem. Outros títulos de Luís Dill, como *Safári* (2014), *Letras perdidas* (2006), *Dó menor* (2006) e *A caverna dos diamantes* (1990), são livros instigantes, que suscitam a curiosidade investigativa dos jovens e cooperam para o desenvolvimento da capacidade de resolução de problemas. O tema presente nesses quatro livros é o policial, que, segundo Fajardo (2014), excitam os leitores porque os colocam no papel de detetives, de criminosos ou de

vítimas, o que torna “a narrativa ainda mais atrativa aos olhos do jovem leitor” (p. 127). Fajardo (2014) investiga as características da narrativa policial para comparar à ficção juvenil e percebe que em ambas o elemento curiosidade é determinante para que o personagem se aproxime do leitor e se identifique com ele. Segundo a autora:

Ao comparar as características da narrativa policial com a juvenil, observamos que, em ambas, a curiosidade por determinados fatos e episódios constitui um elemento base no desenrolar da história. Em *A caverna dos diamantes*, notamos que a personagem adolescente Elias revela, em suas atitudes, aspectos específicos de um detetive do romance policial, pois, ao mesmo tempo em que aparenta participar das aventuras, tem a perspicácia, típica do universo juvenil, para decifrar os eventos obscuros da trama, como o assassinato cometido fatalmente pelo seu amigo Noslen. Os três aspectos que estão ligados à criminalidade (criminoso, vítima, cadáver) aparecem, portanto, relacionados à figura e aos atos do jovem, o que demonstra uma adequação do gênero policial, cujo detetive e criminoso têm seu papel sempre relacionado à figura do adulto. A posição de detetive, ainda que assumida indeliberadamente pela personagem jovem na narrativa, permite que haja uma identificação do leitor com ela, visto que fica a seu cargo executar a descoberta e impor a punição ao criminoso. Em *Letras finais*, diferentemente do que ocorre em *A caverna dos diamantes*, a personagem adolescente não assume o papel de detetive, e sim de vítima na trama. A opção do autor em atribuir um grau maior de importância à vítima, e não mais à figura do detetive, revela a flexibilidade que o gênero policial assume ao ser introduzido no subsistema literário juvenil. Aliás, o sofrimento vivenciado pelo protagonista e o apelo intimista, inserido no decorrer da narração em primeira pessoa, intensificam o suspense, tornando a obra ainda mais interessante aos olhos do jovem leitor. (p.130)

Fajardo (2014) percebe algumas características relacionadas à ficção e à identidade do jovem, tais como: a perspicácia, típica do universo juvenil, para decifrar os eventos obscuros da trama, o sofrimento, que frequentemente é vivenciado pelo jovem protagonista e que geralmente representa o sofrimento do jovem leitor, e a narração em primeira pessoa, que dá a sensação de intimidade entre o narrador e o leitor. Essas características são responsáveis por atrair o interesse do jovem pelo livro e pela leitura.

Pode-se dizer, portanto, que Luís Dill é um autor que passeia pelos mais variados temas, indo desde o amor adolescente à investigação de crimes, com qualidade estética, contribuindo para a produção de literatura juvenil em nosso país. Suas narrativas colaboram com o jovem leitor que busca na literatura uma alternativa para a educação humana, o crescimento psicológico e a compreensão do mundo, inserindo-o de modo consciente e reflexivo no meio social em que vive.

3.1.1 Os perfis juvenis nas obras “Todos contra Dante” e “Do coração de Telmah”, de Luís Dill

Os livros selecionados para análise nesta investigação constituem duas das cinquenta publicações de narrativas do escritor juvenil brasileiro Luís Dill. “Todos contra Dante” (2008) e “Do coração de Telmah” (2013) são obras juvenis por possuírem traços que também se apresentam em outras obras voltadas para o público jovem. Esses traços compõem o que se vem chamando aqui de especificidades da literatura juvenil: arquitetura ficcional inovadora, contemporaneidade temática, reflexões críticas (sem dar lição de moral), aventuras que instigam o raciocínio e a investigação, dilemas do mundo dos adultos, vividos pelos jovens, sensibilidade e criatividade. Todos esses elementos, que não podem ser confundidos como itens de uma receita a ser seguida para a produção de ficção juvenil, desenharam o perfil do jovem personagem que encaminhará o empático leitor de suas aventuras e aprendizados a refletir, a repensar suas atitudes, a transformar os seus conceitos, a crescer psicologicamente e finalmente a amadurecer enquanto ser social. Elementos que caracterizam as funções da literatura juvenil.

Adiante, será analisada a relação entre literatura e cibercultura existente nos livros tomando como ponto de partida a construção dos personagens das obras em estudo. A análise tomará por base os aspectos descritivos desses personagens que foram revelados pelo autor através dos diálogos, da narrativa e do enredo, a fim de verificar de que forma o perfil dos jovens foi traçado pelo autor Luis Dill nas narrativas.

3.1.2 Os personagens e a relação entre literatura e cibercultura

3.1.2.1 Todos contra D@nte

Todos contra Dante (2008) apresenta um personagem protagonista, quatro personagens antagonistas e sete personagens secundários. Dante é o protagonista. Manoela, Cauã, James e Davi, são os antagonistas. Ulisses, a mãe de Dante, Geovana, Rosália, Graziela, Franco e o aluno misterioso, são os personagens secundários mais importantes da trama que compõem o quadro social necessário

para colocar a história em movimento ou propiciar informações de certos dados essenciais à trama.

Dante é um menino de 13 anos que no âmbito econômico é pertencente à classe média. Fisicamente é magro e possui um nariz, que na opinião dos colegas, está fora dos padrões de aceitabilidade, porque é grande. E esse se torna o motivo para que a perseguição contra Dante ganhe respaldo ao longo da trama.

No âmbito das emoções, Dante é apresentado inicialmente como alguém conhecedor das dificuldades que terá de enfrentar, mas seguro de si, determinado a vencer, otimista.

Bom, meu xará florentino, descubro a cada dia que passa que a vida não é fácil, mas não vou deixar que um bando de riquinhos retardados me convença a desistir ou a simplesmente me acomodar. A arrogância deles é um inseto diante da força da tua poesia, velho amigo. E tua obra imortal me faz ignorar todas as ofensas. Porque eles não valem a pena. Eles não são nada. (DILL, 2008, p.15) Grifos nossos.

O gosto pela poesia de Dante Alighieri também contrói essa personalidade poética, sensível e determinada do protagonista. A Divina Comédia é constantemente citada por Dante em seu blog. A obra se tornou seu livro favorito porque o protagonista relaciona sua vida pessoal aos acontecimentos contidos no livro. Ele inicia dizendo que no momento ele se encontra no Inferno e que espera ansiosamente conquistar o Paraíso, etapas pela qual Dante percorre na obra de Alighieri. Fica evidente também que Dante faz confidências ao seu xará através do blog, chamando-o com frequência de “meu velho amigo”, comunicando ao leitor que ele já conhece outras obras do autor, que não tem amigos e que não se comunica com ninguém, nem mesmo com os amigos que possam ter ficado no antigo bairro. Dante também revela que a leitura da Divina Comédia é feita no computador, como se houvesse um *ebook* à disposição do protagonista para leitura. Assim, a personalidade de Dante é de alguém solitária, intelectual, leitora, familiarizada com a internet e o espaço virtual, expressiva na escrita, sensível e atormentada. O Inferno representa para Dante o momento conturbado pelo qual ele está passando. Primeiro pelo fato de ter deixado a sua antiga casa e conseqüentemente ter ficado longe de sua amada Geovana, depois por estar passando por situações vexatórias e humilhantes, tanto no espaço da escola, quanto no espaço virtual.

À medida que a narrativa avança e que os acontecimentos põem Dante em situações difíceis, a personalidade do protagonista vai sofrendo modificações:

Hoje, meu xará florentino, vi no mural da sala de aula o endereço de uma comunidade eletrônica sobre mim. Em casa acessei e li uma porção de coisas idiotas, bestas e sem sentido. Tive vontade de dar um soco no computador, umas máquinas que usamos aqui no século XXI, muito boas, tão boas que através delas consigo ler tua *Comédia*, meu velho amigo, mas ao mesmo tempo são máquinas sinistras, podem conter as piores coisas, desde ofensas verbais até mentiras absurdas. Como a máquina não tem culpa de nada, afinal ela é apenas uma espécie de carteiro, resolvi dirigir minha raiva ao povo que inventou essa brincadeira. [...] (p. 31) *Grifos nossos*

Percebe-se que as insistentes ofensas começam a perturbar o espírito de Dante. Determinado inicialmente a ignorar as atitudes “idiotas, bestas e sem sentido” dos garotos da escola, nesse momento mudam-se as concepções:

Banho demorado depois do colégio, meu xará florentino. Por quê? Ora, mais uma brincadeira idiota. Fiquei com a cara a centímetros da minha própria urina. Nem vale a pena perder tempo contando como foi. O importante é a raiva, meu velho amigo. [...] Todos eles terão de me respeitar através da força. Dizem que basta uma gota d'água para romper um dique. O episódio de hoje foi minha gota d'água. [...] Eu mesmo vou mostrar pra eles. De agora em diante nada mais vai ficar sem resposta. Tô com muita raiva, meu xará florentino. Acho que não devia sentir isso, acho que não devia dar tanta importância pra esses idiotas, acho que devia me manter quieto. O problema é que não consigo mais deixar passar. (p. 71) *Grifos nossos*.

Dante agora está determinado a revidar, a responder à altura as humilhações, mas ao mesmo tempo também se sente desmotivado, cansado, sem vida:

[...] Se eu pudesse, não iria mais ao colégio. Sei lá, estudava em casa, pela internet, pela televisão, dava um jeito. Mas minha mãe nunca ia concordar com isso, né, meu velho amigo? Coitada. Ela nem imagina como é podre o colégio onde me matriculou. [...] O problema é que Geovana ficou pra trás, e eu acho que minha alma também. (p.55)

É nessa crescente modificação de estado emocional e aprofundamento psicológico que o personagem protagonista é apresentado durante o desenvolvimento do enredo. De menino calmo, emocionalmente equilibrado, amante de leitura, em especial, da Divina Comédia e apaixonado por Geovana, seu amor juvenil, evolui para um jovem agressivo, raivoso e vingativo:

[...] imediatamente, meu xará florentino, parti pra cima dele. Dei um empurrão tão forte que o guri caiu sentado no chão do banheiro. Continuei indo pra cima. Peguei o cara pela gola da camiseta transadinha que ele tava usando e arrastei ele pra junto de um vaso sanitário. Botei ele entre as minhas pernas, apertei bem e empurrei a cabeça dele com toda a força pra dentro do xixi. O pessoal do

colégio nunca se lembra de puxar a descarga. Ele ficou lá gritando, quer dizer, tentando gritar. [...] antes de ir embora dei um monte de pontapés na bunda dele. Ele ficou lá chorando. Eu sei, foi uma selvageria, meu velho amigo, mas acho que o Paraíso também tem dessas coisas. (p.79)

O que favoreceu para que o estado emocional e de espírito de Dante sofresse transformações no decorrer dos fatos, foram as persistentes provocações dos garotos da escola. Faziam piadas do seu nariz e rejeitavam-no por ele ser da zona norte:

LINK 34

Dante entrou no banheiro do segundo piso do colégio. Um grupo de quatro alunos ria e conversava junto às pias. Dante entrou em uma das cabines e começou a fazer xixi. Distraía-se com a coleção de frases rabiscadas nas paredes, quando a porta foi aberta e mãos ágeis puxaram suas calças e cueca para baixo até os tornozelos. Em seguida recebeu um empurrão forte nas costas e foi puxado pelos pés. Caiu de cara sobre o vaso sanitário. Teve a sorte de conseguir se segurar com as mãos nas bordas da louça branca polvilhadas de gotículas amareladas. Ouviu o riso sumindo depois que a porta do banheiro se fechou.

Esses garotos, estudantes da oitava série B, mesma turma do protagonista, bem como de outras oitavas, perseguiam diariamente Dante. Além de perturbarem a paz do protagonista no espaço físico da escola, decidiram estender a intimidação ao espaço virtual. Cauã, James, Davi, Manu, Graziela, Rosália e Franco, são os personagens mais citados na trama, dentre outros, que receberam menor notoriedade. Os antagonistas de Dante eram Cauã, James, Davi e Manu:

LINK 35

James foi o primeiro a agredir. Acertou um chute nas pernas de Dante. Em seguida, Davi, que tinha levado um tapa no rosto, empurrou seu agressor pelo terreno inclinado. Dante escorregou, mas conseguiu se equilibrar, manter-se em pé, só que de costas para os agressores. Cauã percebeu a oportunidade, desceu correndo e saltou no ar. Seus dois pés acertaram o centro das costas de Dante. Atingido, dessa vez não conseguiu permanecer em pé. Caiu muito rápido. Nem sequer teve tempo ou forças para amortecer a queda com a palma das mãos. Desabou de cara no chão duro. Dificuldade para respirar. O grupo ficou em volta. James acertou outro chute na cabeça de Dante. Davi e Cauã fizeram o mesmo. Repetidas vezes. Dante ficou apoiado nas mãos e nos joelhos, fez menção de se levantar. Nesse momento, Manu virou o corpo e desferiu uma joelhada na têmpora de Dante. Ele não se ergueu mais. Não se mexeu.

Graziela, Rosália e Franco, formam os personagens secundários que sustentam e dão apoio aos diálogos da narrativa. Eles representam a figura dos espectadores, aqueles que contribuem para a continuidade do conflito, porque não defendem a vítima. Apesar de não se juntarem aos agressores, nada fazem, não denunciam, se tornando co-autores. O recorte dos diálogos abaixo representam as vezes que os personagens secundários foram utilizados para dar continuidade à narrativa:

DIÁLOGO 7:

Manu liga mais uma vez para o celular de Rosália (p.33)

DIÁLOGO 9

Cauã atende Franco (p.41)

DIÁLOGO 10

Graziela liga para James (p.45)

DIÁLOGO 13

Manoela e Rosália no banheiro do colégio (p.57)

DIÁLOGO 14

Cauã e Franco, sentados na classe, no fundo da sala. (p.61)

DIÁLOGO 15

Graziela na frente de Davi. Encara-o de modo muito intenso, quase policial. Estão no corredor do colégio. (p.65)

DIÁLOGO 19

Graziela segura Manoela pelos ombros. Sacode a menina. Estão entre prateleiras da biblioteca. O intervalo já terminou. (p.81)

DIÁLOGO 21

Graziela e Rosália na lanchonete do shopping (p.89)

Trata-se de momentos em que os antagonistas buscavam por informações da pós-agressão. Manu fez duas ligações para Rosália na intenção de se manter informada sobre a repercussão do seu feito. Franco e Graziela buscavam inquirir os colegas de turma, Cauã e James, através do celular. Por fim, Graziela, Franco e Rosália tiveram, cada um, a oportunidade de estarem a sós com os agressores, um de cada vez, na tentativa de extraírem alguma confissão por parte deles. Tentativa frustrada. Esse resultado se explica por conta do perfil psicológico que os agressores de *bullying* apresentam: não gostam de ser julgados, não estão preocupados com o dano que podem causar a outras pessoas e sentem prazer em exercer o poder. O perfil psicológico de Dante foi construído em consonância ao perfil psicológico dos antagonistas. Se, para que uma situação possa ser interpretada como *bullying* é necessário que haja a intenção deliberada e repetitiva de maltratar, humilhar e intimidar, pode-se dizer que os quatro estudantes antagonistas receberam a personalidade de *bullies*, nome dado aos praticantes de bullying. E, se geralmente as vítimas de bullying apresentam comportamento de

insegurança, de sociabilidade comprometida e de passividade, seguida de agressão, pode-se dizer que esse é o Dante, vítima de *bullying*.

Contudo, um problema ainda maior está contido no enredo. O *bullying* evoluiu para o cyberbullying. O site de notícias UOL, em uma publicação de 28 de fevereiro de 2017, sobre Cyberbullying, explica que os ataques sofridos por uma vítima de *cyberbullying* são geralmente direcionados a características pessoais da vítima e são feitas em meio público, difamando a imagem pública da vítima e afetando sua autoestima. O abuso é constante e pode tomar grandes proporções, já que a dinâmica do mundo online é enorme e, na maioria das vezes, impossível de se controlar. O *cyberbullying* é ainda permanente, uma vez que ao serem jogadas na rede online as informações permanecem por tempo indeterminado. Assim sendo, construir o perfil de agressores e vítima de bullying foi essencial para que esse perfil fosse transposto ao ambiente virtual.

É nesse aspecto que a literatura se relaciona intimamente à cibercultura nesse livro, pois o enredo agrega personagens com perfis psicológicos que contribuem para a compreensão dessa relação. Ou seja, a literatura e a cibercultura se encontram e se relacionam no eixo enredo (*ciberbullying*), personagens (agressores, vítimas e espectadores do *ciberbullying*) e elementos da cibercultura (gêneros digitais utilizados na narrativa: blog, fóruns *online* e *links*). O enredo tematizando o cyberbullying, violência praticada no espaço virtual, exige a construção de personagens com perfis psicológicos específicos. Para materializar a agressão no espaço virtual, o autor fez uso dos gêneros digitais mais utilizados pelos jovens da contemporaneidade. Enfim, a inserção de elementos da cibercultura interferiu na configuração do gênero narrativo, mas não inibiu a mensagem literária, na verdade, a inserção desses elementos contribuiu para que as estratégias narrativas se relacionasse com eficácia às estratégias imagéticas, conferindo à narrativa contemporaneidade e adequação ao público-alvo.

3.1.2.1 Do coração de Telmah

Do coração de Telmah (2013) apresenta uma personagem protagonista, quatro antagonistas e três personagens secundários. Telmah é a narradora protagonista da trama. Pedroso, Lairton, a mãe e o tio de Telmah, Cláudio, constituem-se nos antagonistas. Honório, seu melhor amigo; Orlando, seu namorado

e Adriano, o cabeça da ONG Viva Palco, formam os personagens secundários da narrativa.

O pano de fundo da trama é o tráfico. Como geralmente ocorre nas obras de Dill, a denúncia ou a discussão de uma problemática social, assim também ocorre em *Do coração de Telmah*. A denúncia é entendida pelo leitor através do relato que Telmah desenvolve no Twitter. Fazendo uso da memória, a narradora protagonista apresenta flashbacks dos acontecimentos que culminaram em seu estado atual: fugitiva e ferida. Alguém decidiu acompanhá-la. Cuidar de seu momento de saúde crítico. O fato é que ela se feriu ao pular o muro de sua casa na tentativa desesperada de escapar de um atentado executado por Lairton que matou sua mãe e seu tio Cláudio. Honório a resgatou do outro lado do muro: corpo furado “com cacos de vidro e arame farpado” (tweet 492) ocasionado pela queda. “O corte mal tratado fica no lado esquerdo. Na altura do rim. Difícil acesso” (tweet 478). Lairton, na verdade, executou um contra ataque. O filho de Pedroso e também irmão de Orlando ficou furioso porque Telmah denunciou as operações de sua família. Nessa batida policial, Pedroso terminou morto, fato que provocou a ira de Lairton:

376 Cheguei a pensar em fugir. O problema é que eu não poderia partir antes de realizar a minha vingança. Era preciso pensar em algo.

377 Quando lembro, dou risada. Porque a solução surgiu ao natural, muito clara. Não precisei perder tempo em complexas elaborações.

378 Disque-denúncia. No dia apropriado, afastei-me do morro de El Señor. Usei um telefone público. Entreguei Pedroso.

379 Foi fácil, porque desde os tempos do meu pai, Pedroso sempre escondia o produto que vendiam. O que eu fiz? Dei o endereço do esconderijo.

380 Acordei com os tiros. Parecia pipoca de micro-ondas. Os sons vinham do pé do Morro. Não achei que tivessem relação com minha denúncia.

381 Poucos minutos depois do fim do tiroteio, a notícia chegou. A polícia havia estourado o esconderijo de Pedroso. Graças à denúncia anônima.

382 **O próprio Pedroso estava entre os quatro mortos** no combate com a polícia. Bem, isso não estava exatamente nos meus planos.

384 A casa caiu, pensei mórbida. Não por coincidência, **a batida policial ocorreu na chegada de Lairton e de seu carregamento. Lairton escapou.**

(Grifos nossos)

Honório, amigo disponível, solícito, confiável, companhia agradável. Parecia ser apaixonado por Telmah. Essa fidelidade de Honório foi decisiva para que ele

optasse por acompanhá-la em sua fuga. Era Honório a pessoa misteriosa que alimentava Telmah e cuidava de seus ferimentos. Ela ocultou o nome do amigo para protegê-lo, mas não foi um plano eficaz. Honório morreu. Telmah tentou preservar o nome do amigo e o lugar onde estavam, mas não escondeu o seu próprio nome nem a sua história. Assim, ela acredita ter sido rastreada pelo Twitter, já que ela contava abertamente os fatos de sua vida desde a morte do pai, patrão do Morro, até a morte da mãe e do tio Cláudio, atentado a tiros sofrido em sua própria casa que motivou sua fuga desesperada. Honório não tinha conhecimento de que Telmah estava contando os eventos em sua rede social.

Orlando, seu namorado, era pessoa querida, atenciosa, educada e submissa ao pai, Pedroso, braço direito do pai de Telmah quando este ainda era o patrão do Morro. Apesar de Telmah ser filha de quem era, Pedroso reprovava o namoro entre ela e Orlando. Com perfil psicológico ambicioso e ganancioso, Pedroso se relacionava melhor com o seu outro filho, Lairton, que o ajudava nas operações do Morro. Orlando não tinha o mesmo perfil dos outros dois, e ainda era apaixonado por Telmah, o que dava a Pedroso motivos para desacreditar que Orlando um dia pudesse ser seu aliado em seu plano traiçoeiro de ocupar o lugar do patrão, pai de Telmah. Orlando pegou todos de surpresa quando, após a morte de Pedroso, comete suicídio. Uma queda em cascata se iniciou em volta dos personagens: “Tudo havia se precipitado com o fantasma. Depois com a peça. Depois com o Disque-denúncia. Agora não dava mais pra voltar atrás” (tweet 440), Telmah reflete lamentando a morte de Orlando.

Nenhum desses personagens, com exceção da protagonista, está diretamente ligado ao espaço virtual. Contudo há ainda Lipi, personagem sem descrição, nem aprofundamento psicológico, mas que contribui para o desenvolvimento dos acontecimentos no ambiente virtual. Inicia apenas como um seguidor de Telmah no Twitter, sem participação densa ou importante para o desenrolar dos fatos, porque a protagonista o ignora. À medida que a narrativa vai se desenvolvendo, Lipi vai ganhando mais espaço, pois Telmah finalmente decide responder às suas investidas e provocações. A cada pergunta que Lipi deixa na rede social de Telmah, ela dá respostas que podem ter contribuído para que os homens de Lairton encontrassem Honório e Telmah:

472 Considero por um instante a possibilidade de ter sido rastreada pelo twitter. Confesso: desde o início, não fui muito cuidadosa.

473 Tentei preservar a pessoa que estava comigo e o lugar onde ficamos. Mas não escondi meu próprio nome nem minha história.

Primeiro Honório desapareceu. Foi ao supermercado comprar remédios e chocolate e não voltou. Telmah desconfiada da demora arruma a mochila e sai em retirada antes que eles cheguem ao esconderijo. Ela ainda os avista chegando, mas como estava disfarçada, não foi reconhecida por eles. Telmah ainda consegue fugir, apesar de ferida. Dirigiu-se à rodoviária. Hospedou-se em local próximo. Todos desconfiavam de sua aparência pálida. Ainda conseguiu registrar alguns e também os últimos episódios dessa trágica história em uma *lan house* que ficava próxima ao local onde estava hospedada, mas a cada dia que passava sua saúde se debilitava um tanto mais. Até que um dia, por conta da infecção espalhada pelo corpo, Telmah desfalece frente ao computador. “Ao menos consegui chegar ao fim” (tweet 500), ela termina certa de que vingou a morte do pai.

Nessa obra a estratégia narrativa que envolve o espaço e o tempo tem íntima relação com a cibercultura porque a escolha do local para o desenvolvimento das ações é o espaço virtual, ou seja, a rede social de Telmah, o Twitter. Os eventos narrados nesse espaço seguem a estratégia do tempo psicológico da protagonista, os quais são apresentados ao leitor em forma de tweets. Estes foram arquitetados pela ilustradora de modo que os 140 caracteres ficassem dispostos separadamente por linhas que agrupam os tweets. Desse modo, têm-se as estratégias narrativas que envolvem o espaço virtual e o tempo psicológico – os flashbacks da narradora-protagonista – e o projeto gráfico dos tweets que mimetizam a timeline do Twitter. Um trio que conseguiu se relacionar e oferecer ao leitor uma produção literária aliada à cibercultura, mostrando que uma não anula a outra e que os elementos da cultura digital podem ser aproveitados para a criação literária sem ônus para esta.

3.1.3 Adequação temática aos jovens

Os temas que sempre se fizeram presentes em narrativas destinadas aos jovens são aqueles que podem representar suas aflições e solucionar os seus problemas. Conforme Martha (2011), as narrativas juvenis tem se apresentado “com linguagem questionadora de convenções e normas” (p.2) e “técnicas mais complexas de narrar” (p.2). A exemplo citam-se as obras *O meu amigo pintor* (1987),

de Lygia Bojunga; A mulher que matou os peixes (1968), de Clarice Lispector e Alice (1865), de Lewis Carrel. Assuntos como a “morte, separações, violência, crises de identidade, escolhas, relacionamentos, perdas, sexualidade e afetividades” (MARTHA, 2011, p.2), compõem, dessa forma, a variedade de temas que é encontrado em narrativas juvenis desde os primórdios de suas publicações até a contemporaneidade. Luís Dill apostou em dois temas que provavelmente provocariam o interesse dos jovens leitores: a violência juvenil, em *Todos contra Dante* (2008) e a vingança (amor e dor), em *Do coração de TELMAH* (2013).

Em *Todos contra Dante*, o protagonista Dante Silva, adolescente de treze anos, apaixonou-se por Geovana, garota da qual precisou se afastar porque ele e sua família mudaram de bairro. A mudança de endereço obrigou Dante a mudar também de colégio, fato que fez o jovem se sentir um exilado na própria escola, já que ele fora hostilizado logo no primeiro dia de aula. O livro é uma transposição do ambiente virtual para o texto impresso, o que explica a presença de alguns elementos típicos do espaço virtual em suas páginas. A situação hostil a qual se fez referência no parágrafo acima configura um tipo de violência que está cada vez mais presente entre os juvenis, o *bullying*. Sobre esse tema, Cleo Fante, Pedagoga, doutora em Educação, pesquisadora de renome nacional e internacional no tema *bullying* e *cyberbullying*, com publicações no Brasil e na Colômbia e autora do programa antibullying Educar para a Paz, contribui para os estudos nessa área com conceitos, e abordagens psicanalíticas para a prevenção da violência escolar. Segundo a autora, o bullying se caracteriza quando o comportamento de hostilizar, humilhar e maltratar outra pessoa se torna sistematizado e deliberado. Ainda consoante Fante (2005), é na escola que essa situação de violência sistematizada ganha força. O espaço escolar por ser propício ao agrupamento de pessoas dá ao agressor, que na maioria das vezes é alguém que abusa “de sua superioridade física, moral, econômica, social, entre outras”, oportunidades “para intimidar outras crianças e adolescentes que não se encaixam nos padrões estabelecidos por uma determinada pessoa ou grupo” (Lamarca, 2013. p.4). É esse tipo de violência que o protagonista da trama de “*Todos contra D@nte*” sofre de início em sua nova escola. A citação abaixo mostra como Dante foi recepcionado pelos novos colegas:

LINK 2

Volta às aulas. Saguão de entrada do colégio. Abraços, beijos, sorrisos, olhares, saudade. As poucas caras novas eram vistoriadas

como por raios X. dos pés à cabeça, passando por detalhes como marca das roupas e eventuais pelos no nariz. Nossa, dá uma olhada naquele carinha, a aluna loira espetou a colega com o cotovelo. Onde, onde?, quis saber a outra. Estavam ao lado da imensa porta de vidro. Ali, subindo as escadas. Onde, onde... ai, meu Deus... Viu? Perguntou a primeira. Vi. Recuaram até à parede para poder observá-lo melhor à distância. Como é que pobre se matricula em colégio particular? As duas seguem-no com olhos de fascínio. Não sei, responde a colega, mas o maior problema não é a pobreza, é a feiura, olha só aquele nariz, pode? Engolem risadas curtas. Coisa feia, a loira sentencia. (Dill, 2008 p. 10)

O riso dos colegas de Dante na nova escola encontra respaldo e razão de existir, em sua aparência e sua classe social. A perseguição é sistematizada e disseminada através do meio virtual (*fóruns online* foram criados com o objetivo de sacanear e hostilizar Dante). A violência no espaço físico da escola ganha nova roupagem. O espaço para os apelidos mais estranhos, os deboches, as implicâncias e as agressões verbais acontecem agora no espaço virtual, versão mais violenta do bullying que Dante chama de *cyberbullying*. O *cyberbullying*, segundo Dante (2005), é ainda mais agressivo que o bullying tradicional. Segundo a revista digital Nova Escola, de 01 de junho de 2010, o *cyberbullying* se torna mais cruel porque:

no espaço virtual, os xingamentos e as provocações estão permanentemente atormentando as vítimas; antes, o constrangimento ficava restrito aos momentos de convívio dentro da escola, agora é o tempo todo; os jovens utilizam cada vez mais ferramentas de internet e de troca de mensagens via celular - e muitas vezes se expõem mais do que devem; e a tecnologia permite que, em alguns casos, seja muito difícil identificar o(s) agressor(es), o que aumenta a sensação de impotência.

Em “Todos contra D@nte” esse tema vem à tona e os personagens dão vida aos agressores e à vítima. No ciberespaço Dante é ridicularizado e perseguido por aqueles que deveriam ser seus colegas de turma; e o que inicialmente se configurava em bullying, toma proporções absurdas no ciberespaço. No diálogo abaixo entre Cauã e Franco nota-se o grau de violência com o qual Cauã e seus três amigos abordaram Dante. A abordagem, nesse momento, deixa de ser apenas virtual e passa a ser física, resultando em tragédia. Leia-se:

Cauã e Franco, sentados na classe, no fundo da sala.
 - Fala pra mim, Cauã.
 - Falar o quê, meu?
 - Abre o jogo, cara.
 - Abrir o quê?
 - Fala sério.
 - Meu, não tô te entendendo.

- O lance com o Koisafeia.
 - Que é que tem?
 - Tão dizendo que tu deu uma voadora nele.
 - Meu, já falei que matei os últimos períodos. Não sei de nada. Não vi nada. Que saco!
 - Pode falar pra mim, né Cauã. Não vou contar pra ninguém. Não sou dedo-duro. Foi uma voadora mesmo? Conta aí, meu.
 - Mas quem disse que eu tenho alguma coisa pra contar?
 - Ouvi que a voadora foi pelas costas. O guri voou longe... Do jeito que caiu, não levantou mais, ficou de cara na terra...
 - Palhaçada
 - E a Manu? Foi uma joelhada mesmo? Um golpe do muay thai?
- [link]**
- Não sei de nada.
 - Tão falando que James e o Davi deram de mão fechada.
 - Não vi nada.
 - Abre o jogo, Cauã.
 - Não sei de nada. (Todos contra Dante, 2008 p. 61)

Os agressores são James, Davi, Cauã e Manu. Com perfis notadamente representativos dos bullies, estes adolescentes carregam em seus comportamentos alto poder de persuasão e influência e que por essa razão se sentem superiores aos demais. Conforme Lamarca (2013):

os líderes das turmas, os mais populares, são os que mais praticam bullying, colocando apelidos e fazendo gozações com os colegas mais frágeis. Normalmente são aqueles que não respeitam as diferenças alheias, aproveitando-se da fragilidade do colega para excluí-lo do grupo, executando gozações de humilhações contra este. (p.7-8)

Ainda consoante Lamarca (2013):

Na perspectiva do autor do bullying, essa postura é interpretada como uma qualidade, reforçando o seu ego e colocando-o em um círculo vicioso de auto aprovação de sua conduta, o que culmina em um estado de satisfação ao dominar, controlar e causar danos e sofrimentos a outras pessoas. Desse modo é possível destacar que o autor do bullying pode perceber seu comportamento como algo “benéfico”, por ser recompensado de diversas formas, no intuito de que cesse o seu comportamento inadequado. Merece ainda destaque, características de seu comportamento relacionadas à insatisfação com a escola e a família, que podem levar a um comportamento absenteísta e a evasão escolar, apresentando também propensão a comportamentos de risco como o consumo de tabaco, álcool, drogas ilícitas, porte de armas e o envolvimento em brigas e confusões. (p.8)

A partir das considerações de Lamarca (2013), o que se nota é que os quatro jovens agressores da narrativa, personagens antagonistas da trama de Dante, possuem autoestima elevada oriunda de diversas características que propiciam sua

autoafirmação perante os demais colegas. Manoela e seus irmãos vivem uma vida de conforto financeiro. Ela também é conhecedora e praticante de um tipo de arte tailandesa, o muay thai, que apesar de ser uma arte marcial, que ensina golpes agressivos, ela exige, em sua filosofia, que o aluno tenha bom-senso, dentro e fora da academia, humildade e aprendizado constante. Manoela também era ciente de que os atos de indisciplina seriam punidos com rigor. Ainda assim, ela se envaideceu com sua sabedoria e se deixou influenciar pelos outros colegas. Davi pertence a uma família de pais com profissões socialmente prestigiadas. A mãe psicóloga e o pai apresentador de televisão, porém se mostra alienado e altamente influenciável. Cauã, o mais insensível e irresponsável dos quatro, é filho de advogado, advogado criminalista. Tem no pai exemplos de caráter que são maléficos para a sua formação moral. Davi e Cauã são vizinhos, moram em um condomínio fechado e gostavam de jogar tênis. James, na mesma direção de Cauã, se mostra indiferente ao que fizeram com Dante, apresentando frieza e insensibilidade ao “solucionar” o problema. Enquanto Manoela e Davi se apresentam preocupados, um tanto arrependidos da ação criminosa contra Dante, Cauã e James riem da situação e acreditam que sairão ilesos dela, já que o pai de Cauã é advogado e o pai de Davi é jornalista. Ambos, respectivamente, conseguiriam, na visão de Cauã e James, respaldo na lei para livrá-los de uma punição penal e ainda evitariam que a notícia se alastrasse pela mídia televisiva. Esse era o pensamento dos dois, e a certa altura, continuava a ser o pensamento de James. Leia-se o diálogo entre os quatro adolescentes logo que percebem que a situação repercutiu muito mais que o esperado por eles:

DIÁLOGO 12

Manoela gira a chave e tranca o salão de festas do prédio onde mora. Os três amigos estão sentados nos bancos altos junto ao bar. Anoitece. Lua cheia.

- Negócio é o seguinte, galera – começa Cauã – amanhã de manhã a gente vai pro colégio na boa e quando alguém vier perguntar alguma coisa é só dizer o de sempre: não sei, pulei o muro, matei os dois últimos períodos. [link]

- Não – diz Manoela – Eu é que não vou amanhã, vou ficar doente; aliás, acho que já tô doente.

- Nem pensar – dispara James. – Tem que ir sim.

- É, tem que ir – Davi concorda. – Todo mundo tem que ir.

- Se tu não for na aula amanhã, vão desconfiar, vão inventar mais um monte de coisa – garante James.

- Bah, guris, tô superinsegura.

- Sem frescura, Manu, sem frescura – James se altera.

- Calma, galera, vamos pensar direito – Davi intervém.

- Falando sério, não tem o que pensar brother – diz James, ainda exaltado.
- É isso aí, meu – Cauã também sobe o tom. – Todo mundo na aula amanhã, dia normal. Normal.
- Tá, e se começarem a perguntar, Cauã? – Manoela sente-se fragilizada, o estômago dói, a tontura ronda.
- Fácil. Escuta bem o que tu tem que dizer, Manu: não, não vi nada, não sei de nada, não.
- Pronto – diz James
- É o único jeito, Manu – Davi emenda.
- Fim de papo – arremata Cauã.
- E outra: ninguém viu a gente, só o Koisafeia – James ainda ri.
- E ele não vai ser bobo de abrir a boca – Cauã fecha o punho e encosta no punho fechado de James.
- O guri tá na UTI – Manoela comenta consigo mesma.
- A vida segue – diz Cauã encerrando o encontro.

Horas depois desse encontro, a repercussão toma proporções impensadas pelos adolescentes, levando-os a um desespero momentâneo. O diálogo a seguir mostra o momento em que Cauã e James pensam na maneira como sairão ilesos da situação criminosa que criaram. James, ainda incrédulo de que precisarão pagar por seus atos, apresenta um discurso frio, irresponsável, inescrupuloso e despudorado:

DIÁLOGO 20

James observa o colega. Cauã, mochila nas costas, vai pular o muro e escapar do colégio.

- Lembra, meu?
- É, Cauã, eu falei que eu tava tão tranquilo, tão frio quanto o iceberg que rasgou o Titanic.
- Pois é, meu, o Titanic tá afundando. Acho que a gente tá ferrado .
- Como assim?
- Alguém me ligou, disse que viu tudo.
- Que bizarro, que bizarro. Mas de quem é o número?
- Número bloqueado.
- Tá, mas isso não quer dizer nada, Cauã, qualquer um pode ter te ligado.
- Acho que desta vez a gente tá ferrado, meu. Tô indo pra casa. [link]
- Pô, tu mesmo falou que a gente tinha que agir naturalmente, como se nada tivesse acontecido. Tu mesmo disse que a vida segue, brother.
- Meu, o lance mudou, não toô mais conseguindo respirar aqui dentro, vou me mandar.
- Não dá nada, Cauã. Teu pai é advogado, o pai do Davi é jornalista, trabalha na televisão, vão dar um jeito de segurar essa onda.
- Essa onda é um tsunami, meu. Não vou ficar na beira da praia esperando pra ver no que vai dar.
- Vai te mandar, brother?
- Azar.
- Pra onde?
- Pro escritório do meu pai.
- E o Davi? E a Manu?
- Agora é cada um por si.
- Espera, Cauã, espera.

Enfim, são jovens socialmente e economicamente favorecidos e que por essa razão se acharam superiores a Dante. Soma-se a isso, o prestígio que tinham no colégio: eram referências de força, poder e popularidade, elementos combinatórios que alimentam o ego dos propensos ao *bullying*.

A violência virtual e física praticada pelos quatro jovens (James, Davi, Cauã e Manu) contra Dante denuncia um dos problemas mais sérios da sociedade atual e propicia aos jovens leitores a oportunidade de refletir e agir perante esse desafio. A chocante história de Dante e seus agressores não é assunto só de adolescentes, mas questão a ser discutida por toda a sociedade. Por isso esse se torna um livro que favorece a discussão, a reflexão e a tomada de atitudes que provavelmente irá transformar o leitor que dele tomar contato. O perfil psicológico dos antagonistas, traçado pelo autor, oportuniza ao leitor a análise e a reflexão de seus valores e ambições. Nesse sentido, são personagens com densidade psicológica, que surpreendem o leitor com seus comportamentos. Foram desenvolvidos com vida interior e complexidade psicológica. Manu, por exemplo, não é sempre má, ela se comporta de maneiras instáveis no decorrer da narrativa. Ora se convence de que “não vai dar nada”, outras vezes demonstra pânico ao pensar em um final para a história. Do mesmo modo se vê Davi e Cauã. Personagens redondos que também se apresentam com alteração de comportamento à medida que a narrativa evolui. São também, assim como Manu, personagens dinâmicos e dotados de densidade psicológica; apresentaram um desfecho imprevisível, em especial Cauã, o mais frio e seguro de si, dentre os quatro, foi o que primeiro abandonou os comparsas, fugindo da escola e buscando ajuda na família. James, o único personagem antagonista que não apresentou densidade psicológica, inicia e termina como um garoto fútil, inconsequente, descompromissado e incapaz de perceber a gravidade de seus atos.

Já em “Do coração de TELMAH” o assunto tratado é sobre amor e ódio, conflitos familiares, choque de gerações. Dilemas experimentados por muitos jovens, podendo estes encontrar na literatura, alternativas ou caminhos para o enfrentamento desses desafios. Além disso, outros requisitos são mencionados no livro que dão a ideia de desenho do perfil dos adolescentes contemporâneos:

17 Mas já iniciei errado: comecei da frente para trás. Do fim pro começo. Não parece lógico, vou contar assim mesmo.

18 Até porque quem me conheceu dirá que é a minha cara. Trocar os pés pelas mãos, ver chifre em cabeça de cavalo. Coisas de adolescente.

19 A mistura no cabelo, por exemplo. Loiro platinado com farta mecha cor de rosa. As vinte unhas com esmalte mais preto que a noite.

20 Respondona, malcriada, impertinente, abusada, arrogante, folgada, maluca, falcatrúia, pois é, até disso me chamavam.

21 Roupas pretas. Sempre pretas. Do coturno às calcinhas. Colorido só o branco da minha pele, o azul dos olhos e a cor dos meus cabelos. (Do coração de TELMAH, 2008 p. [?])

TELMAH é uma típica adolescente de dezessete anos, mas que vive atormentada pela dúvida sobre as causas da morte de seu pai. Além disso, o trio amoroso entre TELMAH, Orlando e Honório é elemento importante na narrativa, visto que a adolescência é período de descobertas amorosas, dúvidas e confusões sentimentais, características que também desenham o perfil dos jovens. Orlando e TELMAH já namoram, mas a desgosto dos pais do garoto. Honório é um apaixonado por TELMAH, e por essa razão desperta ciúmes em Orlando. O tema amor também é muito aceito pelos jovens porque estes estão vivenciando a iniciação amorosa e estão cheios de expectativas e curiosidades a respeito. Bardari (2008), pautado na psicologia de Piaget, explica o modo de amar dos jovens:

Normalmente, fala-se da adolescência como se o impulso do instinto de amar fosse o traço mais característico desse período do desenvolvimento. Mas, segundo Piaget, embora o adolescente descubra em certo sentido o amor, mesmo nos casos em que esse amor encontra um objeto, o que se dá é a projeção de todo um ideal em um ser amado, daí as decepções tão repentinas e sintomáticas. (p. 21)

Enfim, “Todos contra Dante” e “Do coração de TELMAH” são livros que, dentre outras estratégias, desenvolvem com densidade o perfil psicológico dos personagens, e ainda coloca o leitor em relação direta com o protagonista porque a escolha do foco narrativo em primeira pessoa tem essa intenção, de aproximar esses sujeitos e transformar a narrativa uma amiga confidente entre ambos, provocando no leitor sensações de emoção e reflexão. Assim sendo, o estudo desse *corpus* se faz relevante porque contribui, tanto para delinear o gênero juvenil, quanto para perceber a estreita relação que esse gênero passou a assumir com os elementos da cibercultura, os quais causam “implicação em todas as esferas da sociedade” (SANTAELLA, 2003, p.1)

3.1.4 Dilemas do mundo jovem

O jovem contemporâneo, apesar de se encontrar conectado, ligado às inovações tecnológicas da atualidade e de ser reconhecido hoje como parte da sociedade, ainda enfrenta os mesmos dilemas dos jovens que outrora tinham essa fase da vida suprimida. Encontrar o seu lugar no mundo, para os jovens, não é tarefa fácil, uma vez que estes precisam lidar com transformações biológicas que interferem diretamente no desenvolvimento psicossocial, resultando geralmente no comportamento arredo e irritadiço típico da identidade juvenil.

Assim ocorre com TELMAH, personagem que mantém uma relação conturbada com sua mãe e seu padrasto, revelando imaturidade para lidar com os desafios da vida, que nesse caso, é a dificuldade de lidar com a morte do pai, levando-a a enfrentar conflitos em família. Segundo Tiba (2005), “essa é uma das fases mais complicadas no relacionamento entre pais e filhos. Atinge as moças por volta dos 14-15 anos e os moços em torno dos 11-18 anos” (p. 53). O psiquiatra afirma ainda que “a oposição é uma forma de organização mental” e que o “mau humor é frequente nessa etapa e a raiva se transforma em ódio”. Eis as razões para tanta rebeldia e desentendimentos com os pais nessa fase. Vejamos como a relação entre TELMAH e sua mãe foi representada na obra:

24 Por mais ridículo que possa parecer, isso tudo sempre desagradou meus pais. Pois é, sempre foi combustível para várias brigas.

25 Mamãe é quem mais me perturbava. Que unhas horrorosas! Que cabelo mais pavoroso! Que modos são esses? E essas roupas medonhas?

26 Papai sempre foi mais tolerante. Não via minhas roupas, ou meu cabelo, ou meu comportamento. Ele me enxergava. Por isso, nos dávamos bem. (Do coração de TELMAH, 2008 p. [?])

TELMAH sempre teve mais afeto pelo pai. Com a mãe mantinha uma relação de distância e competição. A raiva que nutria pela mãe e o tio transforma-se em ódio ao imaginar que eles podem ser de fato os assassinos de seu pai, aumentando ainda mais a impossibilidade de convivência com eles e aumentando o seu desejo de vingança. É o que se vê nos *tweets* abaixo:

217 Ela pediu que eu me abrisse. Disse que brigas eram normais em qualquer relacionamento. Sugeriu que eu e Orlando reatássemos. ia ser bom.

218 Foi o que bastou. Gritei que era um absurdo ela tentar se meter assim na minha vida. Pedi que tentasse parecer uma viúva de verdade.

219 Minha mãe se ergueu num pulo. O tapa ardeu no meu rosto. Foi coisa de novela. Plaft! O tapa seguido de susto e de silêncio.

220 Passei a mão no meu celular e na minha bolsa. Bati a porta com toda a força, deixando-a do lado de dentro de meu castelo.

221 Saí sem rumo. A vontade de chorar era afogada pelo acúmulo de raiva. Escolhi as velas mais estreitas, úmidas e escuras. (Do coração de TELMAH, 2008 p. [?])

TELMAH é uma jovem triste, enraivecida pela dúvida da autoria do assassinato do pai e também por rejeitar a suspeita de um relacionamento amoroso entre a mãe e o tio, fato que só acresce a desconfiança da adolescente.

Em “Todos contra Dante”, por sua vez, o dilema experimentado pelo jovem da trama é outro. Ridicularizado por sua aparência física, Dante sofre a perseguição dos colegas na escola em que frequentam. De acordo com Tiba (2005 p. 49), os adolescentes enfrentam modificações corporais “que se caracterizam por um grande desenvolvimento físico, dirigido sobretudo pelo crescimento dos ossos da coxa (fêmur) e da perna (tíbia e perônio)”. Essas transformações ocasionam aos jovens timidez e angústia, e por vezes preferem o isolamento, pois se acham feios com as alterações sofridas no corpo. “O rapaz fica com a pele cheia de espinhas, que formam verdadeiros vulcões e crateras. Sua fala, um coaxar, e seu nariz gigante, fazem-no sentir-se um horror”. (p. 52)

Dante, aos treze anos, provavelmente estava passando por essas modificações biológicas, tão comuns a todos os jovens nessa fase da vida. O problema é que a violência praticada contra ele por conta dessas transformações, mudou a sua vida, conforme podemos ver nos comentários da comunidade criada para ridicularizar o personagem:

Comunidade EU SACANEIO O DANTE

Fórum: defina o nariz do dante.

euzinha9000: tipo muuuuuuito feio. O cara parece ter uma quilha no meio da cara.

cheguei: que babaquice é essa? Vcs não têm nada melhor pra fazer?

anônimo ponto com ponto br: sai fora, meu. Isso aqui não é pra ti. Meu, vai procurar a tua turma. Olha só, galera o lance é que o médico deve ter espremido demais o fórceps na hora que o koi safeia tava saindo da mãe dele. Apertou tanto que acabou achatando a cabeça do cara e o nariz saltou daquele jeito. [...] (Todos contra Dante, 2008 p 19)

As transformações físicas pelas quais os jovens passam nessa etapa da vida foram motivo de piadas no ambiente virtual. Tanto as mudanças no corpo, bem como o comportamento despreocupado com o semelhante, configuram características típicas da fase pela qual passa o adolescente, indivíduo ainda em processo de aprendizado.

Diante do exposto, observa-se que literatura juvenil é esse apanhado de características e identidades do jovem, preocupada e empenhada em corresponder ao mundo e aos interesses do leitor, facilitando, segundo Góes, (2010 p. 39) “progressivamente suas descobertas e sua entrada social e cultural no mundo dos adultos” e lhes fornecendo “elementos de julgamento nesse campo”. Assim, compreende-se que a literatura juvenil cumpre também o papel humanizador, que desperta e desacomoda os jovens para o enfrentamento da vida.

A seguir será discutida a relação entre a palavra e a imagem tão presente em livros infantis e juvenis que já se configurou uma especificidade do gênero e que contribuiu para ambientação das narrativas, oferecendo espaço narrativo virtual para o desenvolvimento do enredo.

3.2A ambientação do universo digital em foco nas narrativas *Todos contra Dante* (2008) e *Do coração de Telmah* (2013)

3.2.1 A relação palavra x imagem

É quase impossível pensar um livro infantil ou juvenil sem imagens e/ou projeto gráfico que não seja arquitetado e adequado à temática e ao público alvo. A presença das ilustrações e do projeto gráfico diferenciado em narrativas destinadas aos jovens leitores cumpre o papel de também comunicar, porém de uma forma diversa da palavra. Por isso, nesta seção, discutiremos o relacionamento íntimo e necessário entre o texto e a imagem nos livros juvenis como forma de dizer que a ilustração também fala.

“Todos contra D@nte” tem ilustrações e conta, também, com um projeto gráfico atraente, criativo, inovador e adequado ao tema que se desenvolve na narrativa. A responsável pelo projeto gráfico desse livro é Helen Nakao, que segundo o site Companhia da Letras, é formada em editoração pela Escola de Comunicação e Artes (ECA-USP) e pós-graduada em design gráfico (Senac). Desenvolve projetos gráficos de capa e miolo, bem como supervisiona a produção de livros infantis, juvenis e quadrinhos na editora Companhia das Letras desde 1998. Começou a atuar no mercado editorial em 1994 e, antes disso, desenvolvia projetos de divulgação para exposições no Museu de Arte Contemporânea. Hellen trouxe ao livro de Dill, criatividade, originalidade e contemporaneidade, oportunizando ao leitor experiências renovadas de leituras. Pensa-se “experiências renovadas de leitura” porque a tradicional nota de rodapé foi, nesse livro, reelaborada e trazida como alternativa surpreendente e inovadora para o texto impresso. Através do uso de *links*, Hellen favorece novidade e quebra da linearidade no momento da leitura, deixando que o leitor faça a escolha entre seguir o jogo marcado por ela ou continuar a leitura obedecendo a sequência das páginas. “Do coração de Telmah”, além de contar com um projeto gráfico igualmente impactante, é também, um livro ilustrado. Tatiana Sperhacke é a responsável pela capa, projeto gráfico, fotos e ilustrações desse livro. Formada em Artes Plásticas pela UFRGS e Mestre em Design pela School of Visual Arts – New York, recebeu em 2001 o Prêmio/Bolsa Virtuouse do Ministério da Cultura. Seu projeto de mestrado foi premiado pelo The Art Director’s Club, participando de exposição itinerante por várias cidades norte-americanas, além de França, Portugal, Sérvia, Alemanha, Eslovênia, Croácia, Japão, China, Tailândia, Austrália, Chile e Brasil. Por três anos trabalhou como designer e diretora de arte na editora Scholastic Inc., em New York – a maior editora e distribuidora mundial de livros infantis e infanto-juvenis. Tatiana trouxe ao livro de Dill novidade na estruturação dos parágrafos. Reproduzindo os *tweets* da rede social *Twitter*, Tatiana proporciona ao leitor a sensação de estar lendo a *timeline* da rede em tempo real. Já as ilustrações, em “Do coração de Telmah”, elas seguem a personalidade sombria e negativa da protagonista, contribuindo para que a narrativa seja igualmente *dark* e envolvente. Para Marcelo Ribeiro (2008):

a imagem arrebatava o espectador de imediato, um impacto que, posteriormente, pode ser compreendido e lentamente observado, tendo em vista a pluralidade de seus elementos. Mas, no que se refere à comunicação, ela pode significar tanto quanto um gesto

ou uma frase, pois a imagem é também uma fala e, consequentemente, uma mensagem. (p. 125)

Apesar de nos dias atuais o livro infantil e juvenil ser reconhecido, além de tantas outras estratégias, pela presença da imagem, esse recurso foi legitimado no gênero, segundo Rui de Oliveira (2008), somente a partir do século XIX, durante o período vitoriano e como consequência da Revolução Industrial. É claro que nesse período as publicações ainda apresentavam muitas limitações e conservadorismo quanto ao conteúdo, mas, em contrapartida, já apresentavam uma linguagem visual em crescente ascensão, isso porque, nesse período, consoante Oliveira (2008), a “criança passa a ser aceita e compreendida como um ser único, possuidor de particularidades e necessidades inerentes à sua fase de vida, superando, dessa forma, a visão tradicional da criança como adulto pequeno” (p.15), tornando-se, portanto, consumidores em potencial do gênero.

Além disso, outro aspecto, que segundo Oliveira (2008) se apresenta como propulsor do livro infantil e juvenil da forma como o conhecemos hoje (livre da carga pedagogizante e com ilustrações em cores), foi o fato de uma nova classe social ter emergido após a Revolução Industrial: a classe dos trabalhadores assalariados, que passaram a consumir publicações que poderiam ser destinadas aos seus filhos. Dessa forma, a edição e publicação do gênero infantil e juvenil ganhou especial atenção por parte das editoras, conquistando cada vez mais números maiores de escritores, de ilustradores e de leitores.

Mas por que é importante desenvolver um tópico sobre a relação que a imagem mantém com o texto nos livros infantis e juvenis? E de que modo essa relação deve ser praticada nos livros para os jovens? Em resposta a essas indagações, Marcelo Ribeiro (2008) direciona nossos olhares para o seguinte caminho:

[...] para a literatura, a ilustração deve se afastar do propósito de uma aproximação exata com o texto [...] a relação entre texto e imagem deve ser entendida como uma *tradução*, tendo em vista adaptar-se a um sentido a partir da sua transposição a um outro ambiente. Nesse caso podemos considerar o ilustrador um sujeito que interpreta os signos da palavra e os transporta para outra linguagem. Desse modo, a ilustração deve ser valorizada como uma nova criação e, sendo assim, a ideia de recriação nos

possibilita distanciar a ilustração da imitação da palavra e do real [...] (p.133)

Ribeiro (2008) revela dois pontos importantes: 1) a ilustração, para a literatura, não tem a função de imitar o texto; 2) a ilustração é um signo traduzido, transformado e recriado em “uma realidade distinta da palavra, mas que se relaciona com ela” (p. 137). Observando esses dois aspectos da ilustração, nota-se que texto e imagem unem-se em uma fusão tão intensa que a imagem assume a função de transmitir a poesia que a palavra não expressou. Nessa mesma direção Ribeiro (2008), afirma ainda que “o ilustrador deve, na verdade, seguir uma orientação interna do texto como coerência da linguagem, ou seja, sua poesia, sua intensidade, e não sua relação direta com a palavra ou frase” (p. 136). É nesse espaço onde se abriga a cumplicidade entre a palavra e a imagem. O diálogo, a parceria e a metamorfose entre as duas linguagens se intensificam à medida que o propósito de ambas seja o de não imitar uma à outra, mas o de se empoderar mutuamente.

Ainda a esse respeito, Ribeiro (2008 p. 137) conclui: “em vez de apenas buscar substituir a palavra, a imagem (que possui a sua “fala” própria) deve-se fazer presente tanto quanto o texto, na medida em que ambas potencializam essa metamorfose [...]”. Assim, palavra e imagem dividem o mesmo espaço sem a intenção de disputar a supremacia de uma sobre a outra, mas objetivando dar sentido ao discurso que foi construído por ambas, que apesar de se serem linguagens distintas, elas se relacionam e se complementam.

Para ler imagens é necessário apresentar um comportamento típico diante dessa linguagem. Marilda Castanha (2008 p. 143) explica que tentamos, pelas imagens, dar sentido ao texto: “observamos atentamente, reparamos em pequenos detalhes, refletimos sobre as diferenças que encontramos nas imagens ao comparar páginas”; essas estratégias, adotadas pelo leitor diante de uma ilustração, configuram, para a autora, na leitura literal de imagens. “Isso é ler imagens” conclui ela reforçando que esse comportamento na verdade é a busca pelo sentido que a relação texto-imagem assegura à leitura.

Por outro lado, quando se fala em imagem nos livros infantil e juvenil não devemos nos ater somente à ideia de ilustração. O projeto gráfico de um livro também favorece a construção de sentidos e o enriquecimento do imaginário. Para explicar a função que o projeto gráfico do livro exerce no momento da

leitura, Odilon Moraes (2008 p. 49) afirma que “o conteúdo do livro vai ser revelado à medida que percorremos o seu texto, vemos suas imagens, passamos suas páginas, adentramos seu interior, sua atmosfera, os caminhos que ele nos propõe a imaginar”. Com essa afirmativa o autor evidencia que é o projeto gráfico o responsável por conduzir a leitura. A esse respeito, o autor ainda explica:

no passar das páginas, o projeto gráfico nos indica uma ideia de ler, isto é, uma ideia de um tempo para se olhar cada página, de um ritmo de leitura por meio do conjunto de páginas, de um balanço entre texto escrito e imagem, para que, juntos, componham e conduzam a narrativa.

As obras em estudo por esta pesquisa apresentam, além de ilustrações, projetos gráficos que interferem diretamente nos modos de ler e no ritmo de leitura das páginas. No capítulo três será desenvolvida a análise das ilustrações e dos projetos gráficos adotados em *Todos contra Dante* (2008) e *Do coração de TELMAH* (2013) a fim de compreender como essas estratégias se relacionaram ao texto. O objetivo será analisar a relação entre tecnologia digital e literatura presente nessas obras a partir do estudo do projeto gráfico e das ilustrações presentes nesses livros, os quais foram capazes de propiciar a relação entre literatura e cibercultura, contribuindo para que a leitura tradicional sofresse interferência. Serão analisados recortes privilegiados do *corpus* e esses relacionados aos principais argumentos teóricos. Mas antes dessa análise, se faz necessário compreender, primeiramente, como se apresenta o projeto gráfico de um livro:

A escolha do papel, formato, dimensão, letra, tipo de impressão, encadernação, quantidade de texto em cada página [...] são de grande importância por interferirem no modo de construir um todo, essa proposta de leitura chamada livro”. (MORAES, 2008 p. 50)

Essa organização estética, “que muitas vezes foge à percepção da maioria dos leitores” (MORAES, 2008 p. 50), intenciona reforçar a relação entre o texto e imagem favorecendo uma leitura mais dinamizada e integrada das partes que compõem o livro, tornando o livro um todo, elaborado e arquitetado, que colabora na leitura e fruição da obra.

Nikolajeva e Scott (2011), ao se referirem à típica atitude infantil de lerem repetidas vezes o mesmo livro, estavam, na verdade, revelando que as crianças

“não leem o mesmo livro; elas penetram cada vez mais fundo em seu significado” (p. 14), evidenciando que a cada revisita ao livro ilustrado o leitor infantil considera tanto o signo verbal quanto o visual numa sobreposição de expectativas que possibilita a interação palavra-imagem. Segundo as autoras:

O texto verbal tem suas lacunas e o mesmo acontece com o visual. Palavras e imagens podem preencher as lacunas umas das outras, total ou parcialmente. Mas podem também deixá-las para o leitor/espectador completar: tanto palavras como imagens podem ser evocativas a seu modo e independentes entre si. (p.15)

A experiência de ler um livro ilustrado “cria pré-requisitos melhores para uma interpretação adequada” (p. 14), uma vez que leituras dessa natureza costumam possibilitar aos leitores/espectadores a experiência de preencherem as lacunas com seu conhecimento anterior pelo “modo como o texto e a imagem operam juntos” (p.15)

É sabido que nem sempre a palavra interage com a imagem de modo a possibilitar ao leitor a experiência do todo, sem distinção entre texto e ilustração. Livros que não criam interação entre as informações verbais e visuais transmitem ao leitor a ideia de que as ilustrações são meramente decorativas ou ainda de que as palavras foram escritas apenas para adequar-se às ilustrações existentes. Não é o que ocorre em *Do coração de Telmah*. Na obra em estudo cada capítulo é iniciado com uma ilustração que pontua o texto, isto é, destaca aspectos e assinala seu início. Apesar de as ilustrações presentes na narrativa de *Do coração de Telmah* executar a função de pontuação – o que a primeira vista pode parecer uma função menos importante – nessa obra, especificamente, por causa de seu projeto gráfico peculiar e da sua apresentação nada típica dos parágrafos (em tweets), essas ilustrações desempenham o importante papel de sinalizar o início de cada capítulo, além de destacar momentos dos episódios aos quais estão vinculados. A princípio, essa parece ser uma estratégia ilustrativa redundante e meramente decorativa, mas a verdade é que a presença das imagens no início de cada capítulo contribui para que o leitor crie a sua própria história; o que Nikolajeva e Scott chamam de preenchimento de lacunas, ação estimulada pelo equilíbrio existente entre o texto e a imagem e executada pelo leitor na hora da leitura. Nesse momento o leitor empresta seu conhecimento anterior ao texto e à imagem na tentativa de descobrir algo que está além das palavras.

Para exemplificar o que fora dito no parágrafo anterior, foram selecionadas duas imagens, ou seja, duas páginas com título e cabeção, que marcam o início do capítulo 1 (Medo de emboscadas) e do capítulo 11 (Preciso vingar a morte do meu pai), respectivamente. Nota-se que a ilustradora optou por ilustrar as páginas usando fotografias, e que as imagens, juntamente com o título do capítulo, ocupam toda a folha que antecede os fatos, exatamente para que o leitor/espectador tenha a chance, a oportunidade de lançar, rapidamente, expectativas em torno do desenrolar do capítulo, criando, dessa forma, sua história particular ao relacionar a ilustração ao texto (título do capítulo) e preenchendo as lacunas nitidamente e propositalmente deixadas pela palavra e pela imagem.

A seleção dos títulos e das imagens que compõem o cabeção de cada capítulo fazem uma breve menção do que será encontrado no desenvolvimento das ações, e por essa razão as expectativas do leitor/espectador são constantemente provocadas. No capítulo “Medo de emboscadas”, por exemplo, a imagem retrata alguém espreitando a rua através de uma pequena brecha propiciada pelo espaço da cortina tipo persiana. No desenvolver do capítulo, Telmah não revela onde está escondida, pois segundo ela, quando se está fugitiva de alguém ou de pessoas que possam estar tentando lhe capturar, não se pode revelar onde está, porque “essa informação é muito valiosa, e coisas valiosas atraem todo tipo de pilantra” (tweet 4), assim sendo, ela tem “medo de emboscadas. E dos traidores” (tweet 6). A ilustração acrescenta uma informação ao imaginário do leitor quando retrata Telmah visualizando a rua do alto de uma janela:



Figura 4: Medo de emboscadas

01 Meu nome é TELMAH. Assim mesmo, com H. coisa da minha mãe. Ela botou o H para me dar sorte, saúde e dinheiro. É claro que não funcionou.

02 A pergunta chave por aqui é: What are you doing? No meu caso, é fácil responder. Estou morrendo.

03 Quem está comigo – e não posso revelar seu nome – diz que é bobagem minha, logo estarei boa de novo. Pode ser, mas eu não acredito.

04 Lógico, também não posso revelar onde estou. Shh. Essa informação é muito valiosa, e coisas valiosas atraem todo tipo de pilantra.

05 Mas garanto: não é onde eu gostaria de estar. O lugar sequer é definitivo. A pessoa que está comigo diz que preciso me acostumar com isso.

06 Lembro de ter lido sobre um líder político que nunca dormia duas noites no mesmo local. Medo de emboscadas. E dos traidores.

Esse momento de contemplação da imagem proporciona ao leitor o preenchimento de lacunas, pois a ilustradora recria a história, uma vez que Temah não diz que sentiu vontade de espionar a rua através da janela. Assim o leitor tem a oportunidade de vivenciar com mais profundidade e maior riqueza de detalhes a

história da narradora-protagonista, que inicia a narração fazendo uma breve apresentação de sua pessoa e a origem de seu nome, ações envoltas de suspense e segredos, já que logo de início a jovem afirma que não pode revelar quem é a pessoa que está a acompanhando e muito menos dizer onde elas estão.

Nota-se que a imagem dá a ideia de que alguém está observando por uma janela, de modo tímido, como se estivesse em um esconderijo. O título e a imagem antecedendo o início do capítulo e em página anterior, isolada do texto, provoca no leitor expectativas em torno da história. E a história, por sua vez empodera a imagem e é empoderada por ela, numa relação de cumplicidade mútua. Ambas criam e recriam no imaginário do leitor situações que o levam a participar da narrativa, uma vez que as lacunas deixadas pelo texto e as lacunas deixadas pela imagem dão ao leitor a oportunidade de ele mesmo fazer essa relação. Semelhantemente ocorre no capítulo de número onze. No capítulo de título, Preciso vingar a morte do meu pai, a ilustração retrata um copo de vidro com água. Nesse rápido instante de leitura visual, a ilustradora encaminha o leitor a tentar fazer relação entre a imagem do copo d'água com o título, na busca de um sentido entre a ilustração e o que será revelado por Telmah. Por um momento o leitor se vê em expectativa frenética na busca de respostas, pois à primeira vista, o que parece é que nada faz sentido ali naquela página. O desenvolvimento do capítulo preenche os espaços vazios deixados pela ilustração porque Telmah revela como acredita ter sido o assassinato de seu pai: envenenamento, oferecido diluído em água por sua mãe.

Abaixo, a página que sinaliza o início do capítulo, na qual o que se vê é apenas o título “preciso vingar a morte do meu pai” seguido da imagem de um copo de vidro com água:



Figura 5: Preciso vingar a morte do meu pai

326 Para ser bem sincera, eu não escrevi o primeiro esquete da peça. Dei as linhas gerais do que eu queria abordar. Adriano fez o resto.

327 Que noite. Entram o Marido e a Esposa. Ele chega cansado do trabalho. Pelo capacete, é operário. Ela enche um copo com água.

328 Bebe, diz a esposa. O Marido apanha o copo e não bebe. Fica falando sobre as injustiças do mundo. Bebe, ela insiste.

329 A certa altura, o Marido bebe. Tudo, até o fim, a Esposa pede. O Marido obedece. Mal termina e leva a mão ao estômago, o rosto dolorido.

330 Neste momento, observo meu tio e minha mãe. Paro de respirar na expectativa. Estão assistindo impassíveis. Nada neles me desperta suspeita.

Nesse momento o leitor tenta fazer a interação das informações apresentadas tanto pelo texto verbal quanto pelo visual preenchendo as lacunas uma da outra. O ápice da compreensão do todo, pré-aludido no início do capítulo com a página da ilustração, se dá quando Telmah conta ao leitor que pretende usar a peça teatral como pretexto para representar a provável cena do crime enquanto ela observa a reação dos espectadores, em especial, sua mãe e seu tio Cláudio.

Telmah já havia dito ao leitor no capítulo 6 sobre a ideia de criar uma peça pra pegar a consciência do assassino. Veja-se:

196 Era chegado o momento de ver se isso era verdade. Os atores me ajudariam. Eu daria um jeito de encenar o assassinato de meu pai.

197 Era preciso que os atores da ONG fizessem tudo de modo disfarçado. Só o assassino entenderia. Só ele se verias ali retratado.

198 Seria o exato instante de observar as reações de Cláudio. E de minha mãe também. Sim, por que não? Gritariam? Fugiriam?

199 À mínima gota de suor ou ao mais imperceptível desconforto, eu estarei atenta, me prometi. Os dois estarão sob minha lupa, jurei.

Telmah idealizou e criou, com a ajuda de Adriano, uma peça teatral na qual as cenas revelariam o modo como o pai teria sido assassinado. Adriano é o líder da ONG Viva Palco, grupo formado por jovens atores que desejavam mudar o mundo com a arte. O pai de Telmah sempre deu total apoio à ONG. Suas apresentações e oficinas à comunidade sempre tiveram a autorização dele, ele achava o grupo útil. Telmah acreditava que conseguiria desmascarar os assassinos através do teatro: “eu havia lido em algum lugar que as pessoas culpadas se denunciavam ao verem seus crimes exibidos na tela ou no palco” (tweet 195), disse a adolescente justificando a sua ideia.

Outro elemento, no aspecto visual, que chama atenção no livro é a falta de cores nas ilustrações. *Do coração de Telmah* fala sobre uma jovem adolescente de 17 anos que vive amargurada por conta da morte do pai. Ela acredita ter sido uma partida precoce por suspeitar que essa morte tenha sido produto de um assassinato e que a sua mãe e o seu tio estivessem na cena do crime. A leitura que se faz, portanto, é a de que o clima de suspense e vingança construído pela protagonista

tivesse sido o responsável por tornar todas as coisas no livro sem vida. Por essa razão, entende-se que as páginas e as ilustrações não receberam cores variadas, apenas o preto e o cinza, para simbolizar e instaurar o ambiente de morte, tristeza, angústia, dor e vingança.

3.2.2 O projeto gráfico dos livros e o caráter artístico das narrativas

O tratamento gráfico que as obras receberam é o primeiro impacto que o leitor sofre ao entrar em contato com os livros em estudo. Falar sobre o tratamento gráfico e os elementos da cultura digital das narrativas em análise, oferece à presente pesquisa o aprofundamento necessário capaz de confirmar a relação existente entre literatura e cibercultura, já que ambas se entrecruzam através dos recursos particulares de cada uma. A literatura com especificidades juvenis favoreceu a presença dos elementos digitais em sua composição, já que seu público alvo são consumidores em potencial dos produtos da tecnocracia. Os eixos de engrenagem entre literatura e cibercultura são a imagem e o projeto gráfico. Essas duas estratégias propiciaram a relação entre ambas as culturas: impressa (literatura) e digital (cibercultura). Esse é foco da presente investigação, analisar a relação entre tecnologia digital e literatura presente nas obras “Todos contra Dante” e “do Coração de TELMAH”, de Luís Dill. Para tanto será necessário analisar as estratégias narrativas e imagéticas que configuram as obras em análise, compreendendo o processo de hipertextualidade que configura as narrativas e identificando os elementos linguísticos do universo cibernético encontrados no *corpus*.

Esse estudo é relevante porque vivemos em época de pós-modernidade – espaço ocupado pelo capitalismo tardio e pela sociedade de consumo, evidências que transformam o ser social e o direcionam a experimentar novas e urgentes experiências. Como assinala Frederic Jameson (1985), a pós-modernidade faz referência a um novo tipo de vida social e de uma nova ordem econômica, também chamada de “sociedade pós-industrial”: “sociedade de consumo, sociedade das mídias, sociedade da informação, sociedade eletrônica ou *hi tech* e similares” (p.29). Não é de forma aleatória que esse conceito foi inserido aqui. Essa definição se fez imprescindível logo nas primeiras linhas porque o foco desse estudo se concentra em compreender o processo de relação entre literatura e tecnologia, esta última –

tecnologia – é produto do pós-modernismo, o que explica a necessidade dessas definições.

Por razão do momento de avanço crescente da tecnologia no século XXI, no qual inovações nos mais variados campos são frequentes, a literatura infantil e juvenil, mostrando estar acompanhando as transformações do mundo contemporâneo, tem apostado em recursos tecnológicos que são capazes de atrair a atenção de seus jovens leitores. Temáticas, projeto gráfico e ilustrações que mimetizam o universo digital captam o interesse do sujeito pós-moderno. Assim sendo, o fato de o leitor jovem ser habituado à *cibercultura* se torna fator preponderante para que as narrativas contemporâneas de Dill, analisadas pela presente investigação, sejam apreciadas e compreendidas em sua totalidade, porque essas narrativas além de trazer temáticas sobre o universo digital, trazem também um projeto gráfico surpreendente e contemporâneo, requerendo do seu público novo comportamento diante dessas narrativas.

Essa constatação foi de fácil alcance porque o ambiente virtual tem especificidades que exigem do leitor/usuário experiência com o ciberespaço, ocorrendo que, se as narrativas impressas mimetizam esse espaço, o leitor certamente precisará transferir suas habilidades de um formato de texto ao outro, uma vez que o projeto gráfico, o ritmo dos textos nas páginas, as imagens e o hipertexto, mimetizam os formatos dos gêneros digitais já tão conhecidos dos usuários do computador com internet. As temáticas dos livros em estudo por essa pesquisa versam sobre o *ciberbullying*, que segundo Fante (2005), é a versão do *bullying* no espaço virtual, e a vingança juvenil, que encontra respaldo na tragédia vivida pela protagonista em que o pano de fundo para essa narrativa é o tráfico no Morro de El Señor. São narrativas mediadas pelo ambiente virtual e que transpõem as estratégias usadas no espaço virtual para o livro impresso.

As narrativas têm apostado no cruzamento entre texto e imagem bem como a presença de soluções gráfico-visuais. E é exatamente nessas soluções que Luís Dill aposta ao fazer o cruzamento entre texto e imagem de modo a manter o caráter artístico das narrativas, sem que pareçam apenas soluções gráficas destoadas da composição literária. Luís Camargo (1995, p. 16-18) define, portanto, o que seja projeto gráfico em um livro:

projeto gráfico é o planejamento de qualquer impresso: cartaz, embalagem, folheto, jornal, revista etc. No caso do livro, o projeto

gráfico abrange: formato, número de páginas, tipo de papel, tipo e tamanho das letras, mancha (a parte impressa da página, por oposição às margens), diagramação (distribuição de texto e ilustrações), encadernação (capa dura, brochura etc.), o tipo de impressão (tipografia, offset etc.), número de cores de impressão etc. A ilustração é um dos elementos do projeto gráfico. O livro pode não ser ilustrado, mas tem sempre um projeto gráfico.

Graça Ramos (2011) auxilia na compreensão de cada item elencado por Camargo (1995) na citação acima. Sobre o formato, ela inicia dizendo que o projeto gráfico pode apresentar o livro em um formato diferente, com cortes especiais, por exemplo, ou “sua identidade pode estar definida apenas no tratamento interno das páginas” (p.145). O que se nota nas obras em análise é que *Todos contra D@nte* apresenta um formato diversificado quando comparado ao livro *Do coração de Telmah* ou outros livros tradicionais. O livro que traz a narrativa de Dante tem um recorte diferente, muito similar a um caderno de desenho, no qual as páginas são afixadas no sentido horizontal. O tratamento interno das páginas apresenta um formato também diversificado, mas agora para os dois livros em análise. Trata-se da tipologia dos livros, que se preocupa, por exemplo, com a escolha do papel adequado e com a tinta. Partindo dessa premissa, observou-se que as cores não apresentam muita variedade, mas sugerem estado de ânimo para o livro *Do coração de Telmah* e intencionam mimetizar um determinado ambiente virtual, em *Todos contra D@nte*. Para dar um ar de sofisticação e contemporaneidade a este último livro, foi escolhido o papel couché, tipo de papel que tem um revestimento com alta lisura e brilho, que reflete mais luz e que provavelmente imitaria melhor a tela de um computador. Para a história de Telmah, o papel escolhido foi o offset, já que a impressão das páginas seguia sempre o mesmo estilo. Os livros receberam uma diagramação particular. Quanto à mancha, recurso que define uma área delimitada para impressão na página, os livros analisados contam com um recuo de segurança destinado ao manuseio e ao respiro. Não há, por exemplo, nos dois livros em estudo, nenhuma situação de impressão sangrada, que é quando a impressão ocupa a página inteira. A mancha leva o ilustrador a pensar em limites seguros para que o leitor não fique com a mão em cima do texto ou para que não haja cortes no momento da impressão e acabamento do livro. Sobre a mancha, Ramos (2011) pontua que:

As imagens poderão ser colocadas sem margem, como se estivessem livres nas páginas, ou contidas por uma moldura que

demarca o espaço que ocupam. No livro digital tendem a se esparramar na página sem o recurso ao enquadramento, pois assim o movimento fica mais fácil. (p.146)

Dessa forma, Camargo (1995) e Ramos (2011) direcionam o olhar do leitor agora para elementos extratextuais, que inúmeras vezes ficam despercebidos durante a experiência de leitura, mas que são os constructos de uma narrativa coesa e atraente, “afinal, nem só de palavras vive uma publicação”, aponta a reportagem feita pela Revista Digital Nova Escola, de 30 de Agosto de 2016. Nessa reportagem, Gabriela Castro, designer da Editora Cosac Naify, aceita participar de uma entrevista, na qual ela conta como funciona a preparação do design de um livro. A designer revela que “o objetivo é fazer com que o projeto gráfico traduza visualmente o conteúdo e que o livro funcione em todos os aspectos: forma, peso e volume” e que a capa, como porta de entrada do livro, deve traduzir o seu conteúdo e o tornar atraente. Ainda de acordo com a Revista Nova Escola (2016):

A fonte usada no título da capa nos transmite uma mensagem; as cores mexem com nossas emoções, nos deixando tristes, eufóricos ou até mesmo romântico para a leitura; o tipo de papel pode nos levar a um outro tempo. Enfim, há uma série de elementos que fazem toda a diferença, tanto no primeiro contato com a obra como durante a experiência de leitura.

Esses elementos construíram a relação literatura x cibercultura existentes nos livros em análise por esta pesquisa. Para que seja possível compreender a importância que cada elemento desse desempenha nos livros, faz-se necessário antes visitar a história da ilustração nos livros para os pequenos leitores com o objetivo de reconhecer e valorizar essa técnica que tanto contribui para a experiência de leitura. Rui de Oliveira (2008) apresenta um estudo que traz à luz a trajetória da ilustração no livro infantil e juvenil a partir do século XIX até a década de 1930. Apesar de o autor afirmar que a publicação de livros ilustrados para o público infanto-juvenil anteceder esse período, ele elenca três motivos para adotar essa época como ponto de partida: o aspecto industrial, que ajudou a popularizar o livro infantil; o aspecto educacional, que passa a entender a criança como sujeito possuidor de necessidades particulares “inerentes à sua fase de vida” (p.15); o aspecto econômico, que propiciou a ascensão da classe dos trabalhadores assalariados – classe média.

Oliveira (2008) conta que a utilização da cromolitografia, em 1837, e aperfeiçoada pelo americano John Bufford em 1843, permitindo a impressão de

cinco ou mais cores, marcam o início das inovações tecnológicas que consolidaram a presença da imagem narrativa associada ao texto literário destinado às crianças. O autor apresenta também dois nomes que se tornaram referenciais no estudo da relação entre a palavra e a imagem, William Blake (1757-1827) e Edward Lear (1812-1888), ilustradores ingleses. Blake era um artista que se identificava com temas bíblicos, levando-o a externar uma visão do divino e do humano de forma mais intimista, poética e fantástica, aliando “um caráter arcaico e ao mesmo tempo inovador” (p.21) aos seus trabalhos. Lear é um dos pioneiros no uso da junção sonora entre imagem e palavra, jogo rimado e ritmado das palavras que exerce atração sobre as crianças, segundo Oliveira (2008).

O autor, na continuidade do mapeamento sobre as origens da ilustração de livros para crianças e jovens, apresenta ao leitor dois outros grandes nomes: Jean Ignace-Isidore Grandville (1803-1847) e George Cruikshank (1792-1878), ilustradores, caricaturistas e chargistas, francês e inglês, respectivamente. Grandville “por meio de animais humanizados, expressa sua crítica social e os defeitos e as vicissitudes da alma humana” (p.23). Suas obras influenciaram até mesmo os desenhos animados da Walt Disney. Cruikshank “por meio de imagens cômicas, grotescas e fantasiosas, mas também profundamente expressivas e humanas” denuncia a vida sofrida de alguns personagens, principalmente as crianças de rua, “por meio de uma interpretação realista e profundamente descritiva” (p.26). O gato de botas, Cinderela e João e o Pé de feijão, como os conhecemos hoje, estão bem mais “adocicadas, idílicas e galantes”, do que os originais de Cruikshank, explica Oliveira (2008, p.26-27)

Finalmente se chega ao período vitoriano, ao movimento artístico inglês dos pintores de contos de fadas; “um movimento que veio exercer a mais profunda e duradoura influência na arte de ilustrar para crianças” (p.28). Nesse período, que compreende os anos entre 1790 e 1870, as pinturas representavam “um mundo ideal. Mítico. Uma terra povoada de fadas, príncipes, princesas e duendes, além de temas oriundos do folclore” (p.28) e da representação demoníaca, deixando à mostra a “eterna polaridade entre o bem e o mal” (p.29). Os artistas pintores são Richard Dadd (1817-1896), que “recriou em suas telas um mundo extremamente pessoal, repletos de seres fantásticos e microscópicos, uma verdadeira representação em detalhes mínimos de uma viagem visual ao inconsciente”(p.31); John Anster Fitzgerald (1819-1906), que “expressa um mundo, um universo à parte,

habitado por plantas e animais fabulosos” (p.31) e Sir Joseph Paton (1821-1901), um dos mais importantes artistas do período vitoriano e que retrata a “eterna dualidade humana – combate entre o bem e o mal – que dá aos seus quadros uma dimensão maior” (p.29) O fantástico, o mítico e o surreal, nessa fase, proporcionavam momentos de escape dos graves problemas sociais da época, estratégias já experimentadas antes mesmo desse período por outras sociedades igualmente perturbadas por severas crises espirituais, religiosas e econômicas de suas épocas.

Esse legado deixado pelos pintores na história da ilustração influenciou “o período de ouro da ilustração de livros para crianças, fase que abrange o princípio do século XX até o final da década de 1930” (p.29-30)

Os livros em estudo por esta pesquisa oferecem ao leitor experiências com as ilustrações e também com o projeto gráfico. Em “Todos contra Dante” (2008) a responsável pelo projeto gráfico, Helen Nakao, conferiu ao texto um tratamento editorial que interferiu na leitura. A capa é ilustrada, ou seja, apresenta letras; o símbolo da internet e uma sequência de minúsculos números (zero e um) em cadeia que representam a tela de um computador, com seu sistema operacional em carregamento.



Figura 6: Capa do livro *Todos contra D@nte*

Na capa constam o nome do autor, o título e o nome da editora. O nome do autor está em letras maiúsculas e com um tipo de fonte que remete o leitor às letras do sistema operacional de um programa de computador. O título também foi impresso tipograficamente, mas desta vez em letras caixa baixa, respeitando as iniciais maiúsculas (início de frase e nome próprio). Na palavra “Dante” consta um símbolo muito comum para os usuários de internet, a arroba. Esse símbolo invadindo o nome do protagonista certamente dá indícios de que a narrativa e o desenrolar dos fatos tem íntima ligação com a internet, e mais especificamente com e-mails, redes sociais ou blogs.

As cores da capa são preto, branco e verde. Preto para toda a capa, branco para a representação do sistema binário e verde para as letras. Foram selecionadas assim porque provavelmente mimetizam a tela de um sistema operacional em funcionamento (que mais parece uma malha de ferro), indicando novamente que o romance tratará de assuntos em que a internet também se torna uma das personagens. As páginas também oferecem sensações que auxiliam no envolvimento do leitor. Observe-se o destaque abaixo:

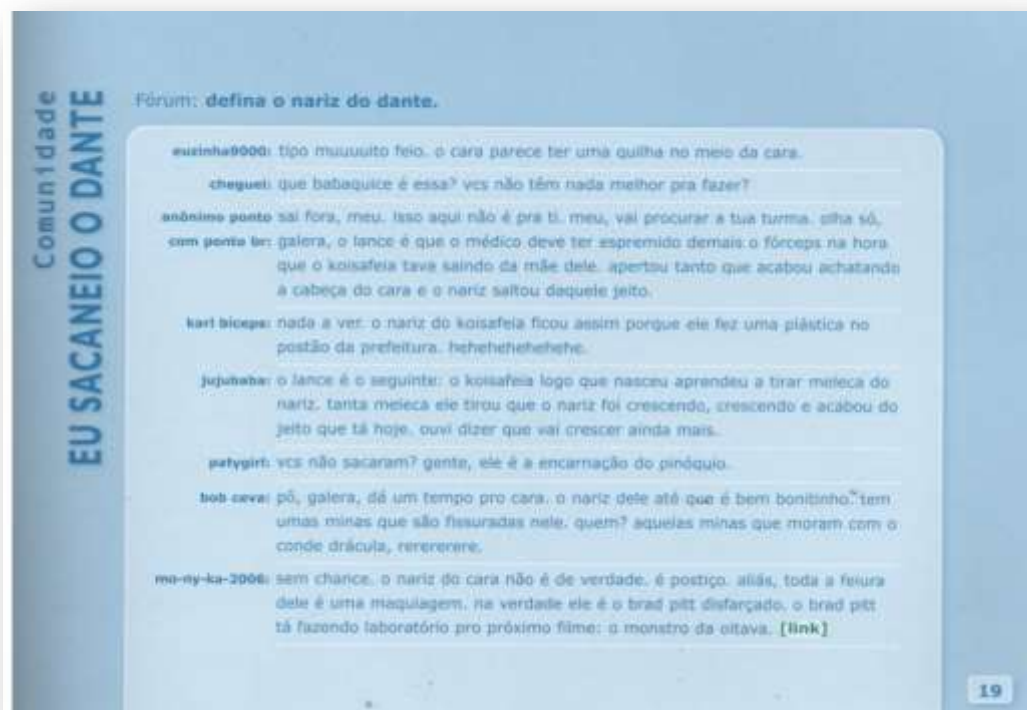


Figura 7: Comunidade que hospeda os fóruns *online* com as discussões mal intencionadas dos colegas de Dante.

“Todos contra Dante” é um livro diferente a começar pelo tamanho, que representa o formato de um *tablete*. Cada página é uma surpresa. Os diálogos da narrativa se desenrolam sempre nas páginas ímpares. Intercalada aos diálogos, em outras páginas ímpares, se encontra a voz de Dante que tinha um blog (diário pessoal), no qual desabafava suas angústias, bem como a comunidade criada em ambiente virtual pelos agressores, como visualizado na página anterior.

A comunidade que dá espaço às discussões preconceituosas, comentários discriminatórios e às piadas mal intencionadas, materializa o cyberbullying, tema tratado pela narrativa. Como já fora visto, o cyberbullying é ainda mais violento que o bullying tradicional porque ele agrupa uma série de características que tornam essa modalidade de violência ainda pouco punitiva, mas com sérios danos àqueles que dela sofrem. Em se tratando de Dante, personagem da narrativa fictícia de Dill (2008), o caso teve um fim trágico. O livro reúne os recursos mais frequentes utilizados pelos praticantes de cyberbullying e que definem essa prática, ajudando o leitor na identificação desses recursos.

O primeiro deles é o anonimato. Observe-se na figura 6 que os participantes dos fóruns fazem uso de nomes fictícios, ou seja, de perfis falsos para que assim não possam ser identificados. Alguns podem ser destacados: “euzinha9000”, “anônimo ponto com ponto br”, “jujubaba”, são exemplos de como os agressores entram nesses ambientes com proteção à identidade, intencionados a se manterem escondidos atrás da tela do computador.

Outro recurso muito utilizado pelos *cyberbullies* é a criação exclusiva de um

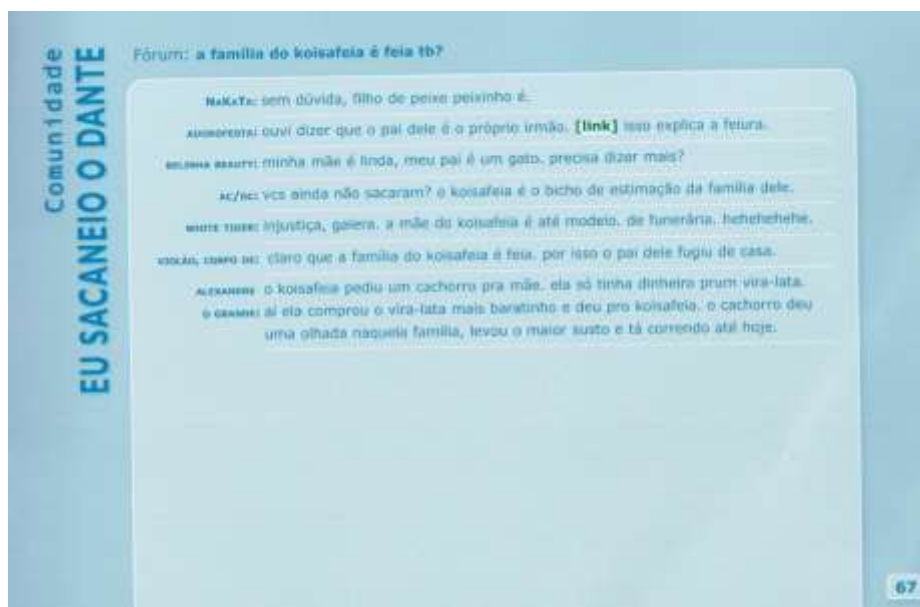


Figura 8: Fórum que tem o objetivo de humilhar a família de Dante

ambiente para praticar os assédios, não é uma prática obrigatória, uma vez que os agressores também fazem uso do perfil pessoal das vítimas para cometer os crimes. A comunidade “Eu sacaneio o Dante”, na qual os fóruns de discussão versam sobre temáticas que envergonham o jovem protagonista, foi criada única e exclusivamente para deixar o menino em situação vexatória. Esses fóruns, por exemplo, tinham como títulos, “defina o nariz do dante” e “a família do koisafeia é feia tb?”. Ou seja, não contentes em fazer comentários que tinham a intenção de ofender, humilhar, fazer piadinhas e azucrinar a vida de Dante, ainda estenderam os insultos e os boatos cruéis sobre seus familiares, outra prática muito comum entre os agressores.

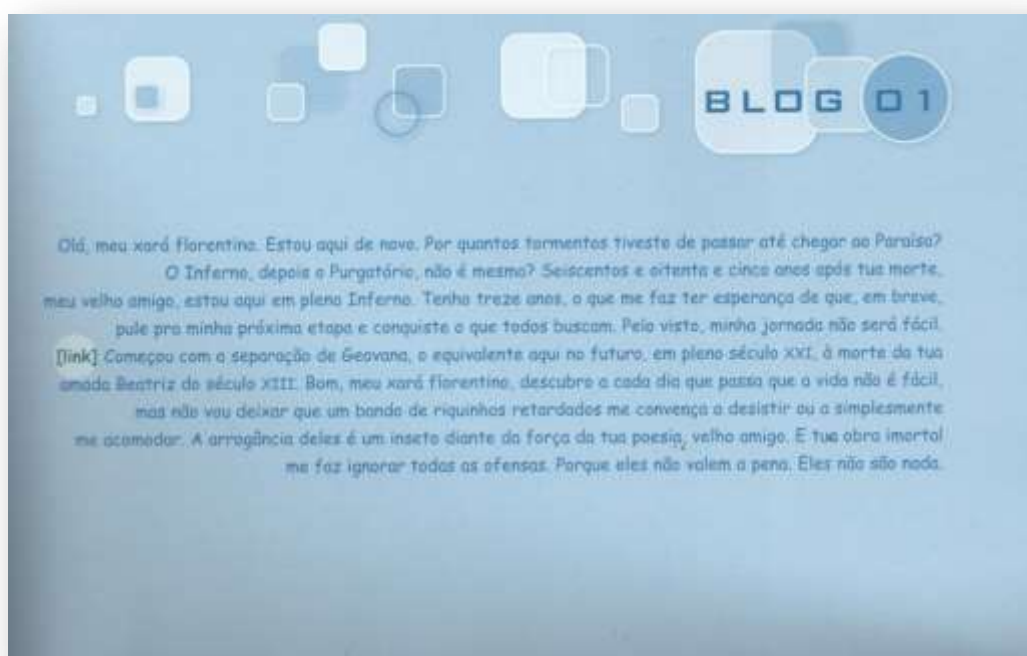


Figura 9: Diário pessoal de Dante. Blog no qual ele desabafa suas angústias.

Essas páginas são ilustradas de modo que pareça que o leitor esteja de frente para uma tela de computador com um blog em execução. Essa característica é perceptível porque o texto é emoldurado por caixas de diálogos bem típicos dos blogs e das redes sociais mais comuns, daí a importância de o leitor desse livro ser experiente em ambientes virtuais. É nesse aspecto que se encontra o jovem contemporâneo – um nativo digital já tão habituado aos ambientes virtuais e que certamente sentirá familiaridade no momento da leitura desses textos. As figuras a

seguir representam dois exemplo da transposição do gênero digital *blog* para o texto impresso, ocorridas no livro “Todos contra Dante”:

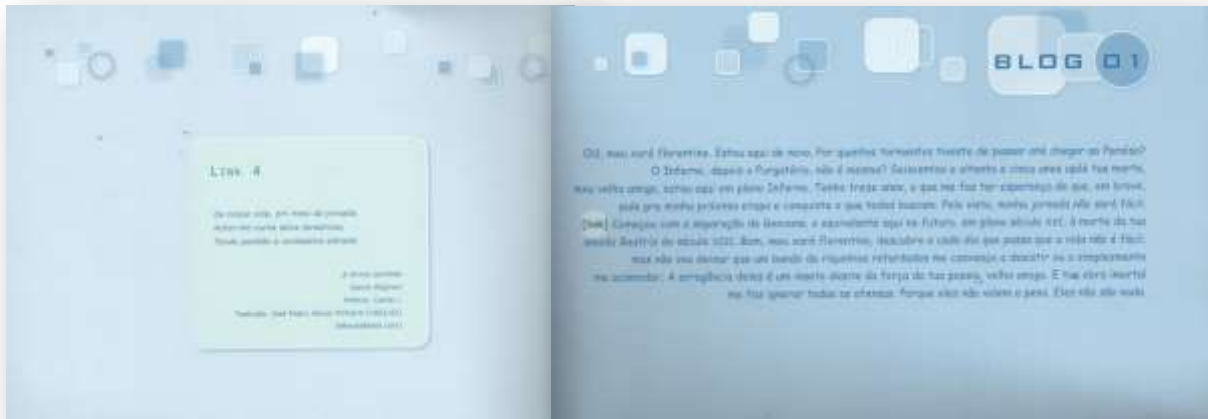


Figura 10: mimetização de Blog. Ilustrações do livro *Todos contra D@nte*.

O tipo de papel é o couchê, de uma cor suave em tons de azul (parecidos com o do sistema operacional, Windows) e de um brilho chamativo que intenciona mimetizar a luminosidade da tela de um computador, quando este está em funcionamento. Ao visitar essa e outras páginas da obra *Todos contra Dante*, logo se percebe que o hiperleitor é requisitado para que a leitura aconteça do modo dinâmico pretendido pelo projeto gráfico. O uso de *links* e de gêneros de textos, como na imagem acima, que são típicos do ambiente virtual, foram utilizados por Dill, a fim de conseguir relacionar a literatura da cultura impressa à cultura do ambiente virtual.

Outra surpresa encontrada nesse livro é a dinamizada forma de ler que ele proporciona. Algo já experimentado através da internet agora transposto para o livro de um modo divertido e excitante. Trata-se dos *links* que estão sempre nas páginas pares e que encaminham o leitor para informações complementares presentes nas páginas ímpares. Pode-se entender *link* como elo, ponto de ligação entre duas partes. Quando se trata de internet, *link* é o recurso disponível na página que tem a função de apontar e hiperligar outras páginas através de uma palavra, texto ou imagem. As páginas do livro também trazem um cruzamento de texto e imagem de forma metafórica, já que reproduz o *link* como se fossem lembretes ou anotações, que ao clicar, uma pequena folha se abre com a informação referente àquela

seleção. É uma estratégia formal que põe em evidência uma forma de leitura não-linear pouco convencional para textos impressos, mas que é típico do mundo virtual com suas páginas eletrônicas hipertextuais, evitando que os jovens se cansem rapidamente da leitura. Destaca-se com a citação abaixo, a forma particular que o livro conduz a leitura: por meio de um jogo de páginas. O ritmo da leitura é dirigido e alterado:



Figura 11: Visão panorâmica do tratamento editorial conferido ao livro Todos contra D@nte, que oferece ao leitor outra forma de leitura, através de *links*, além da forma linear tradicional.

Manoela liga para o celular de James.

- Fala, Manu.
- E aí? Tá sabendo de alguma coisa?
- Eu? Eu não. E tu?
- Não, nada. Mas tô louca pra saber. **[link]**
- Fica fria, Manu. Não dá nada.
- Será?
- Não esquenta, guria.
- Putz, que coisa, né?
- Bizarro, bizarro.
- Maior loucura cara.
- Ah, mas neguinho pediu, né?
- Cara, sei lá. Falando sério, não sei de mais nada.
- Ih, qual é, agora tá com peninha do cara, Manu?
- Não, nada a ver, não é isso, é só que...
- Pô, neguinho pediu. Que papo foi aquele? Cara ficou doido. Tu viu, veio pra cima da gente. [...]

LINK 1

Manoela olhou para a mesa posta. A claridade vinda da rua penetrava fácil pelas amplas janelas em L da sala, parecia ressaltar a cor e a textura dos pratos: suflê de legumes, salada de alface roxa com cubos de ricota e aipo, carne de frango ao molho de nata e alevrim. Esforçava-se para conter a tontura. Os pais e os irmãos menores conversavam e serviam-se em um típico animado almoço de família. Os cheiros misturavam-se com a cena da qual não

conseguia se livrar. Não dá nada, James dissera. A sensação de repulsa só crescia diante da comida e da harmonia familiar. O contraste com o corpo estendido no capim alto mordia-lhe os pensamentos. Com licença, disse, já volto, e saiu quase correndo para não ter de inventar explicação mentirosa (dor de barriga, TPM, pressão baixa). Precipitou-se para o quarto, para o telefone. Davi. Precisava de notícias. (p.8)

Através do balanço conseguido entre as páginas por meio da presença do *link*, o ritmo da leitura deixa de ser convencional e passa a tomar um formato diferente e divertido, que requer do leitor ainda mais atenção e perspicácia.

Na mesma direção encontra-se a obra “Do coração de TELMAH” (2013), a segunda obra analisada pela presente pesquisa, que também apostou em um tratamento editorial diferenciado capaz de atrair a atenção do jovem leitor para a história. Neste caso o ilustrador fez uso de uma estratégia já conhecida pelos usuários do *Twitter* para construir sua narrativa.



Figura 12: página de perfil do Twitter. Nota-se que cada tweet é separado por caixas/linhas e que em cada caixa há o limite de 140 caracteres por postagem. No livro do coração de Telmah também ocorre essa exigência na quantidade de caracteres por tweet.

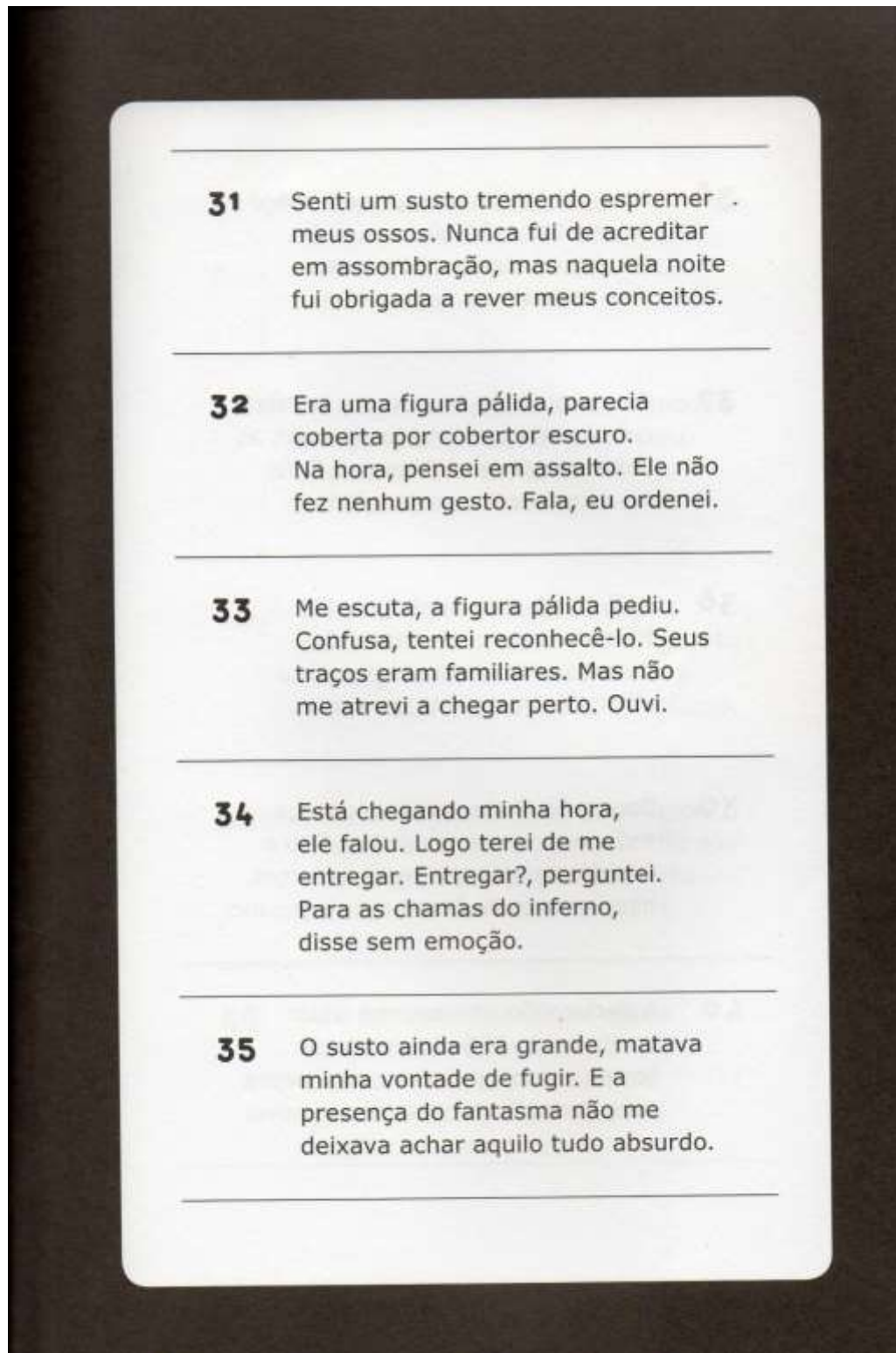


Figura 13: representação dos tweets do livro *Do coração de Telmah*. Percebe-se a ausência da foto de perfil em cada twitter e o nome de usuário antes de cada um. Porém a quantidade de caracteres por tweet segue a mesma exigência da rede social, que também são apresentados em caixas, separados por linhas.

TELMAH, uma adolescente angustiada pela dúvida sobre a morte do pai, desabafa os tormentos de seu coração em sua rede social, o Twitter. Sua intenção é apenas contar sua história, compartilhar seus medos e suas dúvidas, falar da sua angústia e da sua sede de vingança. Veja a figura 12



Figura 14: página que dá início ao capítulo 11

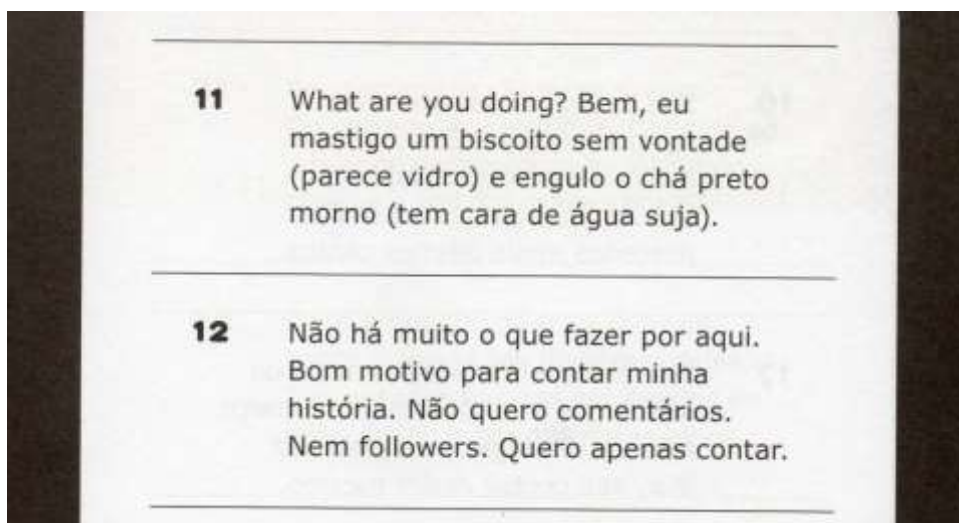


Figura 15: tweets que evidenciam a intenção de Telmah ao usar o Twitter para contar sua história

Como se pode notar, esse também é um livro carregado da identidade do jovem. Além de já mostrar logo no início características da personalidade juvenil, como a nítida insatisfação por tudo e o apreço por assuntos misteriosos, o livro apresenta também um jogo de visualidade instigante e sobrenatural (elementos que excitam a curiosidade desse leitor específico tão atraído por questões que envolvem a morte). A capa tem duas cores, vermelho e preto, provavelmente porque intenciona dar indícios de que o amor, o sangue e a morte farão presença na narrativa. Ver figura 13.

O título, ao lado da ilustração de um pequeno coração dentro de uma caixa preta, revela ao leitor que TELMAH é uma adolescente angustiada, atormentada e triste, principalmente após ter despertado o desejo de vingança em seu coração. É como se a pequena vida da adolescente estivesse sendo envolta pelos negros conflitos presentes em seio familiar e pela dor da perda do pai. As páginas também apresentam a cor preta para representar o clima pesado e triste da presença da morte. Enfim, um livro arquitetado com o intuito de promover a aura de mistério, investigação e descobertas tão apreciados pelos curiosos e aventureiros jovens. Uma narrativa de ação que envolve o leitor não somente por sua narrativa bem arquitetada, mas também porque faz uso dos mecanismos da cibercultura, meio virtual tão confortável aos nativos digitais.



Figura 16: capa do livro do Coração de Telmah

Percebe-se que nesse livro o cruzamento entre texto e imagem também acontece de forma impactante. A capa carrega informações explícitas sobre o estado de espírito da protagonista da trama, que se revela uma jovem revoltada e inconformada por causa da morte prematura do pai.

As páginas do livro novamente trazem o ciberespaço à visibilidade. Nesta obra o romance não foi escrito tomando a narrativa tradicional como modelo. Assim como renunciou Hunt (2010), Marcuschi e Xavier (2010) o modelo de narrativa hipermidiático foi contemplado e os gêneros digitais utilizados na transposição do virtual para o impresso, estratégias que impactaram o romance, transformaram o

modelo tradicional das narrativas e contribuíram para a constante modificação da linguagem e estrutura literária.

Ao escrever seu romance em *Tweets*, Telmah revoluciona e impacta a clássica estrutura das produções narrativas, com parágrafos encadeados, que seguem uma redação hierárquica através das conjunções. Demonstrando total desprezo para a construção de parágrafos, Telmah reforça na inovação encerrando cada pensamento com apenas 140 caracteres, recurso utilizado no gênero digital diário pessoal, que na narrativa em questão é o *Twitter*.

Também as cores sombrias e sem vida das páginas e ilustrações impactam o leitor. Trata-se da tentativa de repassar ao leitor os sentimentos de pessimismo, tristeza, dor e raiva pelos quais Telmah vem sofrendo. Não há mais outro pensamento em sua mente nem outro sentimento em seu coração que não seja a vingança; o desejo de desmascarar e revelar ao público os assassinos de seu pai. Dessa forma as cores cinza e pretas definem e carregam esse clima tenso e hostil que TELMAH prepara.

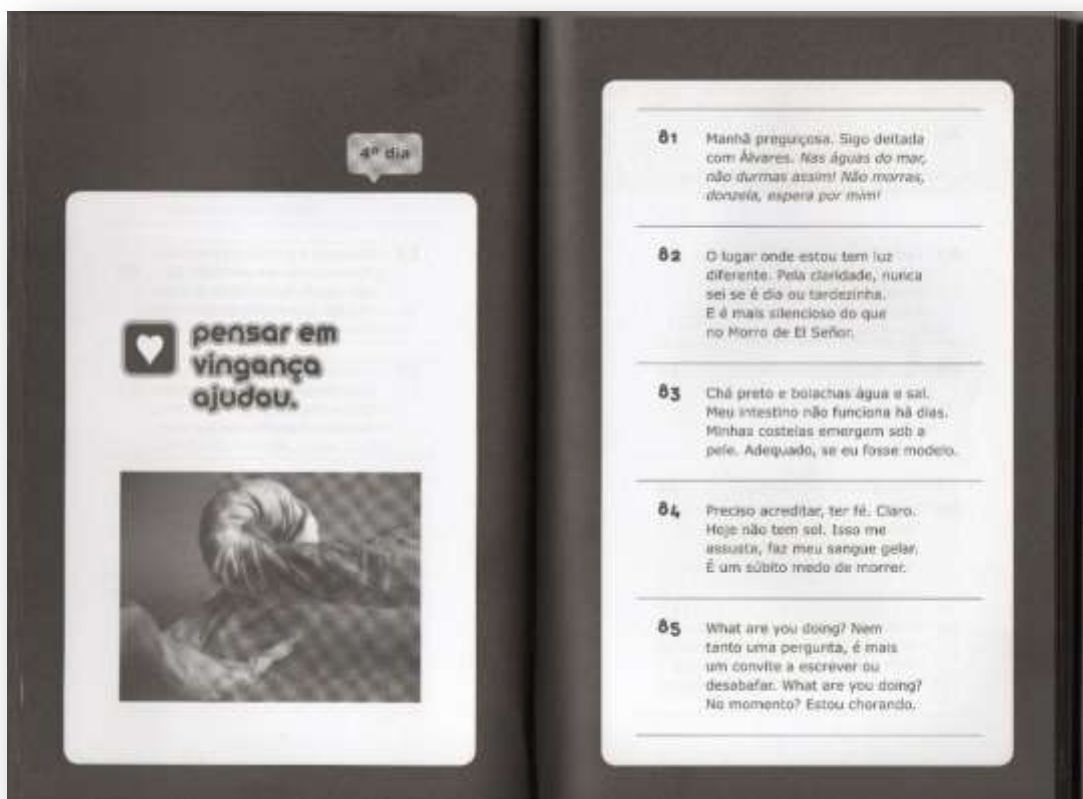


Figura 18: visão panorâmica da página dupla que carrega os sentidos da protagonista representados pelas cores branca e preta, intencionando provocar no leitor as sensações de Telmah.

Lembrando Cruvinel (2009) e sua pesquisa sobre a especificidade do gênero literário para os jovens, vimos que a literatura juvenil “procura seduzir um leitor em formação com estratégias particulares ligadas a escolhas temáticas e formais” (p. 05). Partindo disso, observou-se que nas páginas dos livros em estudo nessa investigação, as ilustrações não se limitam apenas a pontuar as narrações, muito menos apenas descrevê-las, elas se cruzam aos textos tornando-se itens indispensáveis às narrativas, chamando a atenção para o caráter metafórico da história e exigindo do leitor experiência com a visualidade no espaço da *cibercultura*. Por isso se constituem em obras sedutoras ao público jovem.

Assim sendo, transpor o virtual para o impresso garantiu às obras de Dill uma atualidade e uma preocupação no tocante à relação do jovem com o meio virtual. No caso de *Todos contra Dante*, a narrativa representa aqueles adolescentes imaturos quanto ao uso das redes sociais, que praticam violência e desconhecem as normas de conduta para o convívio nesse meio, levando o jovem leitor a refletir sobre seus atos. Em *Do coração de TELMAH*, a rede social já se torna aliada da personagem adolescente que encara seu blog como uma espécie de amigo confidente, transformando-o em um diário de suas ações, pensamentos e sentimentos, revelando a dor que lhe ia pela alma. Relações bem divergentes com o mundo virtual são apresentadas no livro, conduzindo o jovem leitor a refletir sobre os tipos de comportamentos existentes no ciberespaço sem ser pedagogizante ou utilitário, mas funcionando como referência das experiências vividas por outras pessoas, e que podem nortear as escolhas dos jovens leitores. Conforme ressalta Sandroni (2013): “Antes de tudo, é preciso conquistar crianças e jovens, o que só ocorrerá por intermédio de bons textos que emocionem, despertem o espírito de aventura, façam rir e alimentem a fantasia”. (p.99). Eis o grande desafio da literatura em geral.

3.2.3 O ritmo dos textos nas páginas: linearidade X não linearidade

A leitura se constitui uma das alternativas à educação de crianças, jovens e adultos, tanto no âmbito escolar quanto em qualquer outra circunstância. É também através da leitura que os indivíduos têm a oportunidade de interagir com outras experiências a fim de ampliar seus horizontes de aprendizagem. No que diz respeito aos jovens, a leitura oportuniza outras e novas experiências, quer seja através dos livros, quer seja no meio virtual, esta última, por sua vez,

requer, conforme Xavier (2010), emancipação do leitor, que em sua análise, consta de um leitor que “pode seguir por notas diferentes das originalmente organizadas pelo seu autor” (p.216)

Se faz imprescindível, nesse estudo, fazer um paralelo entre as duas modalidades de leitura concorrentes da atualidade: a leitura de textos impressos e a leitura de textos virtuais. Esse paralelo se faz necessário aqui, porque esse estudo intenta discorrer sobre o hipertexto e as suas identidades. Para a modalidade impressa, o hipertexto se desenha de forma similar ao texto construído no ciberespaço, porém com algumas nuances diferenciadas.

A diferença mais aparente entre as duas modalidades de leitura é pertinente à sequência lógica – linearidade – a ser percorrida em caso de texto impresso convencional, “que impõe ao leitor uma ordem hierárquica de partes e seções a serem necessariamente seguidas” (XAVIER, 2010. p.211). Assim, o leitor do texto impresso convencional não tem liberdade de escolhas e trilhas que possam permitir leituras concomitantes. O princípio básico de sua construção, segundo Xavier (2010), é a presença de um foco dominante de leitura, apesar de os textos impressos tradicionais também oferecerem condições de quebra da sua linearidade. O autor comunica que:

A recepção hierárquica do texto não chega a constituir uma revolução radical implantada pelo hipertexto, haja vista que as notas de rodapé, índices remissivos, sumários e divisão em capítulos encontrados nos livros tradicionais também oferecem ao leitor caminhos alternativos a serem trilhados. Eles podem levar os leitores a fazerem quebras na linearidade da leitura. No entanto, esta é uma forma de recepção do texto pelo leitor e não uma regra constitutiva de sua confecção como no hipertexto. (p.213)

Dessa forma, o que se tem, no texto impresso tradicional, é um discurso mais ortodoxamente organizado – do ponto de vista da linearidade – e hierárquico, ao passo que o hipertexto do ambiente virtual, conforme Xavier (2010) é pluritextual, superposto e interssemiótico. Mas será que textos dessa natureza são inteligíveis e passíveis de compreensão? Xavier (2010) acredita que sim, porém faz uma ressalva:

Todavia, para ser inteligível, o hipertexto – como qualquer outra tecnologia enunciativa – precisa apresentar alguma linearidade, pois não pode subverter os níveis de organização das línguas naturais (sintaxe, semântica e pragmática) utilizada em uma dada sociedade. (p.214)

O autor argumenta ainda que:

Num ambiente interssemiótico como o hipertexto, o ato de ler/compreender se viabiliza com muito mais totalidade e amplitude, haja vista que, estando esses aparatos midiáticos bem organizados e devidamente inter-relacionados, o usuário, mesmo inconscientemente, será beneficiado pela convergência dessas interfaces comunicacionais, já que todas elas cooperam para fazer fluir a compreensão. (p.214)

Assim sendo, se na construção do texto impresso convencional a característica básica que carrega a sua identidade é a presença de um foco dominante e hierárquico de leitura, no hipertexto virtual a deslinearização, através dos *links* e *hyperlinks*, e a ausência de um foco dominante de leitura, se constituem princípio básico de sua construção.

Partindo para a análise do *corpus* da presente dissertação, o que se tem em *Todos contra Dante* é a tentativa de tornar um texto impresso tradicional em hipertexto virtual. A estratégia utilizada pelo autor, para caracterizar o hipertexto e transpô-lo da tela do computador para a página impressa, é a presença dos *links*. Tal como ocorre no ambiente virtual, onde os *links* direcionam o leitor a outros textos, assim acontece em *Todos contra Dante*. Contudo, o leitor, assim como no ambiente virtual, no livro, ele também tem a oportunidade de seguir os *links*, podendo rompendo a leitura linear do texto, ou optar por seguir a sequência tradicional de leitura ignorando o indicativo dos *links*. Na narrativa *Todos contra D@nte* há a presença desses links por toda extensão do livro, o qual se divide em blocos de textos distintos. Há o bloco dos diálogos, o bloco da comunidade virtual que hospeda os fóruns online que humilham Dante, e o bloco do diário pessoal do protagonista, o blog no qual ele desabafa suas angústias e frustrações, mas também declara o seu amor por Geovana e sua admiração por Dante Alighieri e sua obra *Divina Comédia*. Em todos esses blocos foram inseridos um ícone com a palavra *link* em algum ponto no texto que precisava de maiores esclarecimentos, explicações ou revelações sobre o enredo. A intenção é encaminhar o leitor à página anterior, a qual é destinada apenas a esse texto complementar. Tome-se como exemplo as representações a seguir, observando que o diálogo ocorre em página separada ao texto complementar, representado pelo link. Nota-se a intenção do autor em direcionar/orientar a leitura através do jogo de idas e voltas no texto fazendo

uso do recurso *link*, bem similar ao ambiente virtual, no qual o hiperleitor faz escolhas pelas trilhas apontadas na tela, objetivando a construção de sentidos no ato da leitura. O recorte selecionado para descrever e analisar os *links* da narrativa diz respeito à descrição do irmão de Dante, personagem secundário que aparece poucas vezes na trama, mas que passa a desempenhar um papel importante à medida que a narrativa se aproxima do clímax. A primeira vez que esse personagem aparece é quando Dante faz menção a ele supondo o que aconteceria se ele soubesse das situações de constrangimento e humilhação que Dante sofre na escola e no ambiente virtual praticado pelos colegas de turma. Veja-se, nas figuras 14 e 15, a seguir, que o protagonista inicia o texto relatando mais uma situação hostil vivenciada na escola seguindo com a hipótese sobre o que aconteceria ao agressor se ele se deparasse com o seu irmão, forte, alto e preparado fisicamente. Em um determinado ponto do texto existe um *link*, este lança o leitor para a página anterior porque nela será encontrada a contextualização para a expressão “buraco muito fundo”, lugar onde Dante deseja que o agressor vá se instalar logo após o encontro com o irmão:

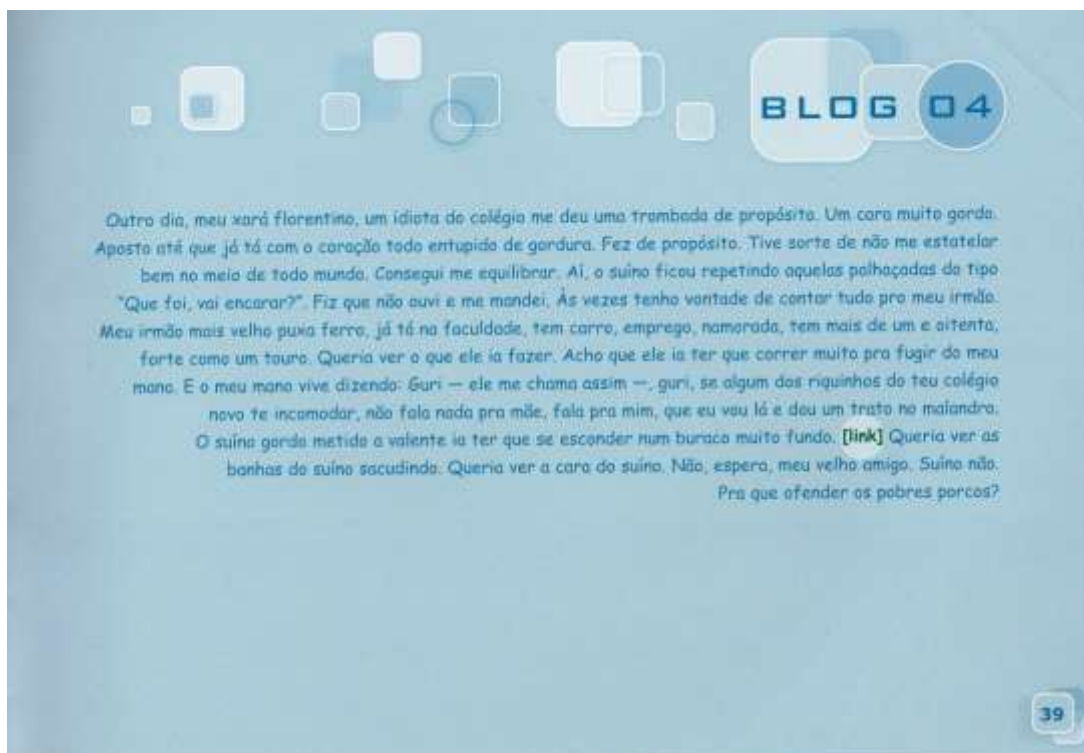


Figura 19: blog de Dante. Nessa ocasião ele relata que um menino muito gordo trombou nele de propósito. Nesse momento ele desejou contar tudo para o irmão mais velho ansiando ver o agressor humilhado e recuado em um buraco muito fundo.

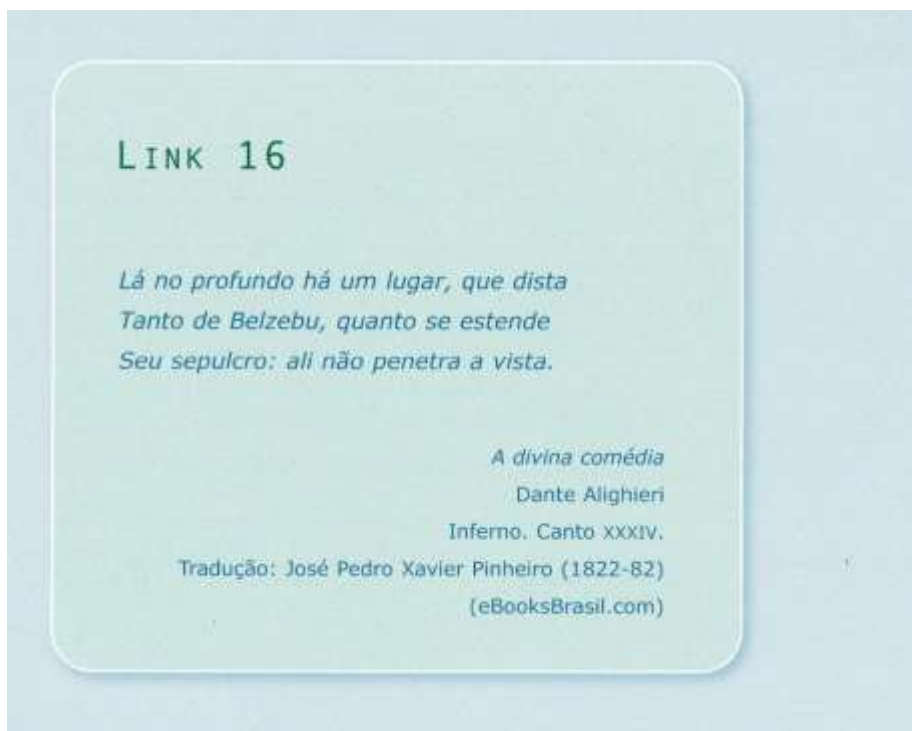


Figura 20: link que faz referência à expressão “buraco muito fundo” descrito por Dante como sendo o local onde ele deseja ver seu agressor.

Dante é fã do seu xará Dante Alighieri e da obra Divina Comédia. Esse texto do link 16 é o canto XXXIV da referida obra clássica. Essa informação do *link* enriquece a narrativa, uma vez que apresenta ao leitor informação extra ao texto principal. Vale ressaltar que se o leitor optar por fazer a leitura dos blocos de textos ignorando os links, ele não perderá a essência do enredo, porém deixará de explorar a narrativa com a riqueza de detalhes que o link proporciona à obra. Por exemplo, sem a leitura do link 16, bem como dos links, 4, 8 e 12, que o antecedem, o leitor deixará de conhecer o que Dante já leu sobre a Divina Comédia, deixará de compreender porque ele admira tanto o autor dessa obra e ainda, deixará de acompanhar as relações que o protagonista faz dos cantos da obra com a sua vida. Sem mencionar, entretanto, que o leitor deixará de entrar em contato com outra obra através da intertextualidade proposta pelo livro. Apesar de não se constituir foco da presente pesquisa, não se pode ignorar a presença da intertextualidade, recurso já convencionalizado ser característico do gênero juvenil. Assim sendo, o leitor é livre para escolher o ritmo de leitura que mais lhe der prazer. Se optar por quebrar a linearidade do enredo, terá mais

riqueza de detalhes. Mas, se escolher por seguir a leitura tradicional padrão, ignorando a presença dos links, terá a essência do enredo, porém com menos informações sobre o espaço e construção psicológica dos personagens, por exemplo.

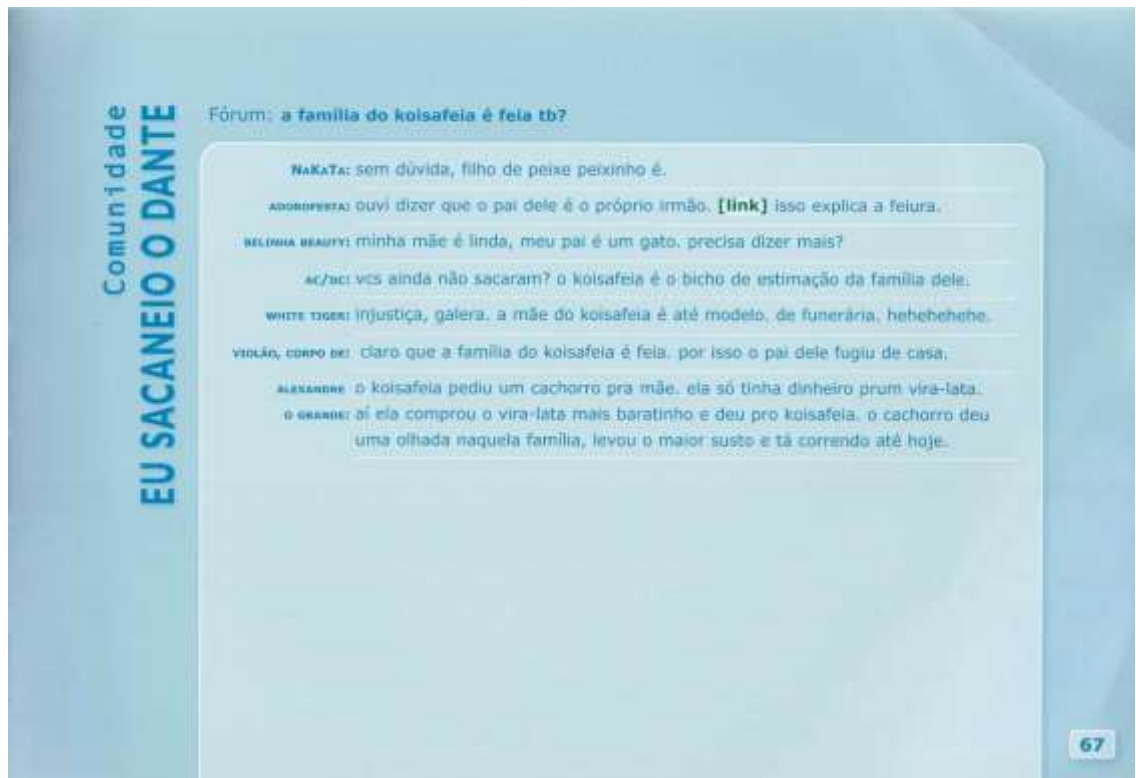


Figura 21: tela que representa o fórum *online* criado pelos agressores para humilhar a família de Dante. Ulisses era o escolhido do fórum para as piadas.

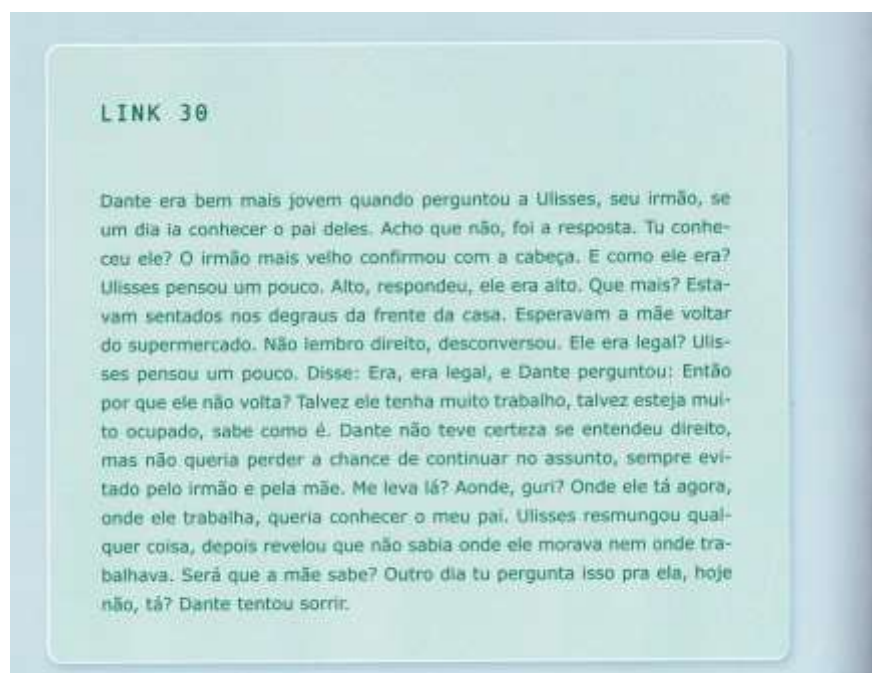


Figura 22: conversa entre Dante e Ulisses, o irmão mais velho, sobre a localização do pai e sobre os motivos de ele não estar com a família.

As figuras 16 e 17 trazem pela segunda vez informações a cerca de Ulisses, irmão de Dante e, pela primeira vez, se faz menção ao pai dos personagens. Na figura 16, em tom de zombarção, o usuário “adorofesta”, motivado pelo tema do fórum “a família do koisafeia é feia tb?”, insinua que Ulisses é muito parecido ao pai, o que explica a feiura da família. Nesse ponto do texto, há um ícone de *link*, que direciona o leitor ao segundo texto, no qual ele é informado que Dante e Ulisses foram criados, a maior parte do tempo, somente pela mãe. O que coloca Ulisses na posição de protetor e provedor da casa, revelando ainda que há traumas na família por conta da ausência paterna. Ulisses quando desconversa e não responde com clareza às perguntas de Dante, comunica ao leitor que esse é um assunto do qual ele não gosta de falar. Ou seja, o assunto afeta emocional e psicologicamente a Ulisses, bem como perturba também a mãe, já que ele pede para Dante não perguntar sobre o assunto a ela, deixando claro ao leitor que a família carrega mágoas e traumas dessa situação. Reiterando o que fora dito anteriormente, os *links* carregam inúmeras funções. A de descrever ambientes, analisar psicologicamente os personagens, informar, reafirmar e intertextualizar. Sem a leitura desses textos, que estão aparentemente à margem do texto, o aprofundamento das questões concernentes ao enredo fica superficial. Analise as figuras a seguir:

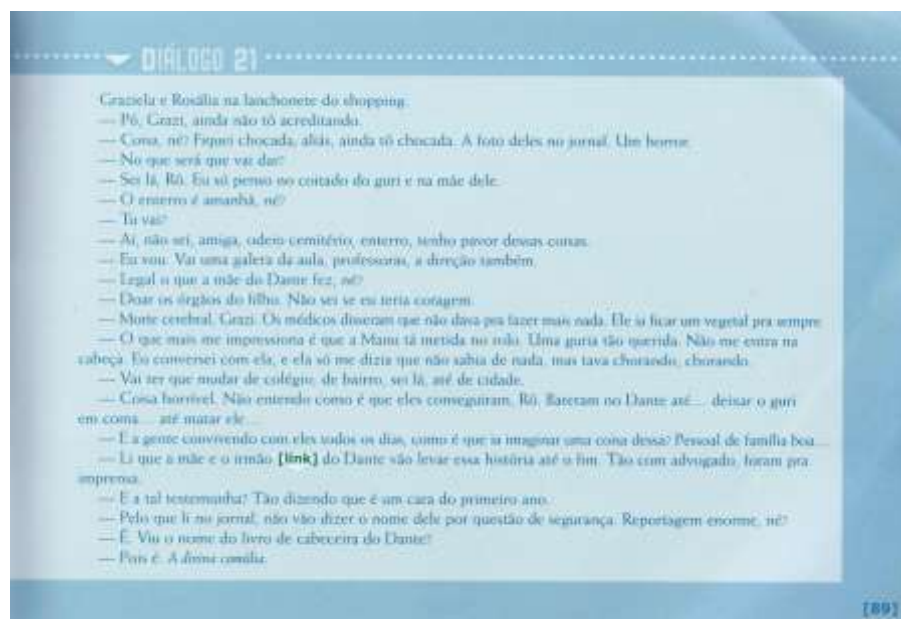


Figura 23: Diálogo entre Graziela e Rosália sobre o desfecho da história. Dante sofreu morte cerebral, consequência dos chutes. Família de Dante buscam ajuda judicial para responsabilizar os autores do crime.

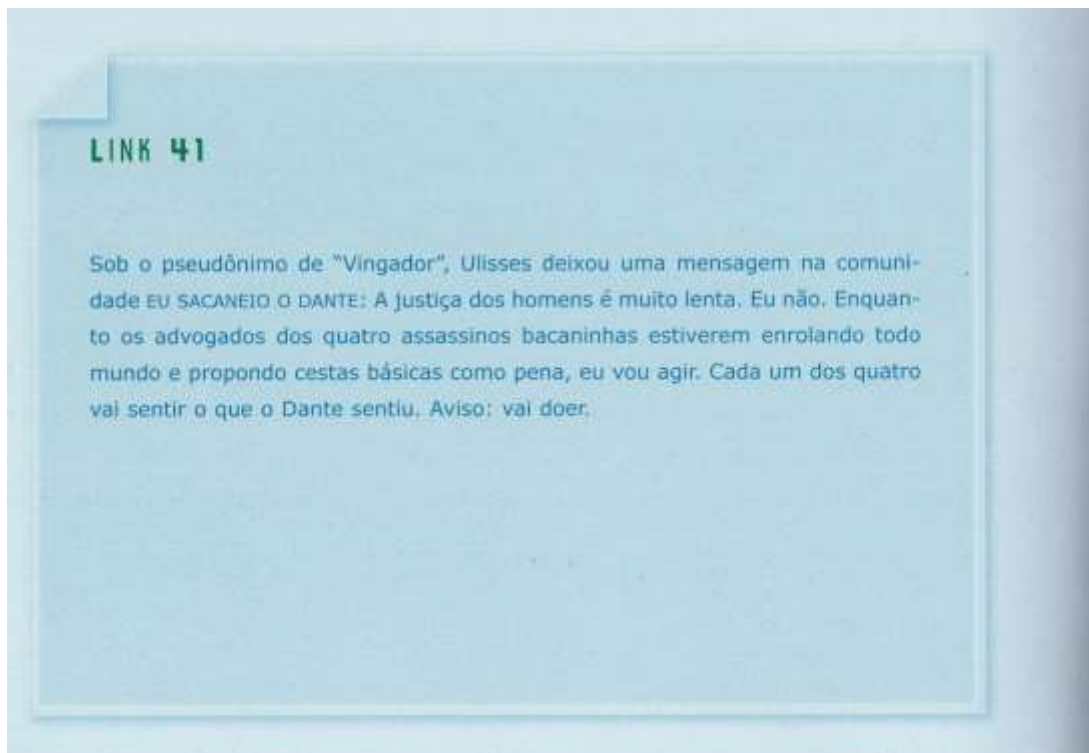


Figura 24: No diálogo entre Graziela e Rosália, da figura 23, um ícone de link encaminha o leitor para esse outro texto. Nele o leitor toma conhecimento do estado de espírito de Ulisses após o acontecido com Dante.

Essa é a terceira e última vez que Ulisses aparece na narrativa. Na figura 18 foi mencionado por Graziela, colega de turma de Dante e amiga dos agressores. Graziela comentava com Rosália que a família de Dante, mãe e irmão, estariam movendo ação judicial contra os agressores. Nesse instante da conversa um ícone de *link* é visualizado pelo leitor. A descrição desse *link* está na página anterior. Nele o leitor é informado de que Ulisses deixou uma mensagem na comunidade criada pelos oponentes de Dante com a ameaça de que ele não esperaria a justiça agir, insinuando que ele mesmo faria justiça com as próprias mãos, revelando ao leitor um momento de descontrole emocional, raiva, sensação de impunidade e dor.

Observa-se que o texto do *link* desenvolvido em página diferente à do diálogo proporciona ao leitor adição de informação e de detalhes, ou seja, novos ingredientes que favorecem a construção de sentido e a compreensão total do

texto. Não se trata aqui de apenas notas de rodapé, os quais tem a finalidade de prestar esclarecimentos, inserir considerações complementares ou observações pessoais do autor. Os *links*, criados e desenvolvidos nesse livro, objetivam agregar informações tão importantes quanto à narrativa em questão, não apenas complementando-a, mas contribuindo para a construção de sentido do todo, numa mesma superfície de leitura, sendo central na construção do texto, como se houvessem ideias superpostas e inter-relacionadas, assim como no hipertexto virtual. A esse respeito – a construção de sentido através da hipertextualidade – dar-se-á um recuo em seu conceito, porque este é assunto para o próximo item.

3.2.4 A construção do sentido literário através da hipertextualidade

Assim como há quem acredite que leite se cria em caixas, há quem creia que o hipertexto é produto do meio digital. Possenti (2002), Marcuschi (2000) e Koch (2000) dizem que o hipertexto não se constitui novidade, uma vez que seu funcionamento já se dava antes mesmo do advento da informática e da internet. Assim sendo, o seu funcionamento virtual tem origem em dois momentos, conforme aponta Marianne Cavalcante (2010):

Podemos dizer que a história do hipertexto na sua relação com a virtualidade apresenta dois momentos, um que remonta à primeira geração (meados da década de 50) de sistemas computacionais visando ao acúmulo de informações, e outro ligado à segunda geração (meados da década de 80) com a incorporação de recursos hipermediáticos a estes sistemas e a popularização da informática e da internet. (p.199)

Contudo, não se pode entender que o hipertexto só funcione em meio digital ou que ele se constitui novidade absoluta a partir do surgimento do ciberespaço. É bem verdade que o hipertexto virtual tem uma identidade própria, que carrega uma arquitetura textual específica na qual os *nós* e os *links* são os responsáveis pelo seu funcionamento, porém, conforme Denise Braga (2010), a realidade, é que a escrita já fazia uso de recursos que muito se assemelham aos *links* digitais. Conforme a autora:

Os recursos de escrita, como, por exemplo, as notas de rodapé, as referências feitas a outros textos, ou as conexões explicitamente indicadas – que convidam o leitor a adiantar ou voltar atrás na leitura de um texto específico – desempenham uma função próxima daquela

a ser preenchida pelos *links* digitais. No entanto, na tela essas ligações vão além de expansões ou relações secundárias e passam a ser centrais na estruturação do texto. (p.178)

A transcrição das narrativas *Todos contra Dante* e *Do coração de Telmah* da tela do computador para o formato impresso seguiram essas regras determinantes do texto virtual, porém com algumas limitações devido ao suporte. Enquanto o hipertexto digital viabiliza “a absorção de diferentes aportes sígnicos numa mesma superfície de leitura, tais como palavras, ícones animados, efeitos sonoros, diagramas e tabelas tridimensionais” conforme afirma Xavier (2010, p.214), o hipertexto impresso leva o leitor à quebra da linearidade e da construção de sentidos por caminhos alternativos. Tomando a narrativa *Todos contra Dante* como referência o que se tem são *links* adaptados ao formato impresso que oferecem trilhas de leitura e compreensão ao leitor. Mariane Cavalcante (2010) esclarece a importância dos *links* e dos *nós* para a tessitura do hipertexto:

para a construção de sentido, o que temos de fato é o delineamento de um espaço, demarcado por alguns pontos de referência (*links*) que remetem a outros espaços (*nós*) como o mapa de uma localidade qualquer. Logo, não há “solda” hipertextual na perspectiva do autor, apenas a disponibilização de um certo recorte demarcador de possibilidades. [...] Os *links* (...) explicitam virtualmente o processamento textual de forma a transformar os blocos informacionais em texto, a partir das eventuais “soldas” feitas pelo leitor entre as porções textuais propostas por estes *links*. (Mariane Cavalcante, 2010. p.204)

Todos contra Dante apresenta um processo de hipertextualidade baseado nos *links* e *nós*. Tal como ocorre no ambiente virtual, onde os *links* e os *nós* são os responsáveis pela construção de sentido e consequentemente pela compreensão da leitura, assim ocorre em *Todos contra Dante*; os links fazem a quebra da linearidade da narrativa fornecendo ao leitor a oportunidade de visitar outros espaços de leitura (*nós*) – indo e voltando nas páginas – garantindo a continuidade do fluxo semântico responsável pela coerência. É claro que os elementos do hipertexto (*links* e *nós*) constantes na narrativa em estudo nada se assemelham aos do hipertexto digital no que se refere à som e animação, mas desempenham o papel de quebra da linearidade e de “solda” dos blocos informacionais dos textos, tal como acontece no ambiente virtual.

O processo de hipertextualidade em *Do coração de Telmah* é outro. A narrativa não faz uso dos links, porém lança mão de meio alternativo na tentativa de proporcionar ao leitor a dinâmica do hipertexto virtual. A quebra da linearidade, nesse caso, se materializa quando a narradora apresenta concisão em seus *tweets*. Essa estratégia, típica do *Twitter*, proporcionou ao texto impresso a simulação do que acontece na relação do leitor/autor com o texto e a sua produção no formato digital do microblog em questão. Ademais, a apresentação da narrativa em *tweets*, e não em parágrafos, e a presença das imagens em cada início de capítulo, conferiu ao livro uma ambientação particular, inovadora e hipertextual.

Esse processo de hipertextualidade e de inserção dos elementos da cibercultura aos livros em estudo contribuiu para a renovação do gênero literário. Ou seja, a configuração tradicional da narrativa literária sofreu interferência, contudo o valor estético foi preservado. Essa conclusão pode ser notada através da ambientação conferida às obras, que oferece espaços diferenciados ao enredo. Em *Todos contra Dante* (2008) os personagens que lidam com o bullying e o cyberbullying, estão frequentemente transitando do espaço físico para o espaço virtual. O espaço físico onde as cenas se desenrolam é urbano. Através do discurso dos personagens, que dão pistas da espacialidade através da linguagem, é possível verificar o local dos fatos:

DIÁLOGO 12

- Bah, guris, tô superinsegura.

[...]

- O guri tá na UTI – Manoela comenta consigo mesma.

- A vida segue – diz Cauã encerrando o encontro. Grifos nossos (p. 53)

Trata-se de dialeto gaúcho que dá ao leitor a certeza de que o espaço escolhido para o enredo foi o Estado do Rio Grande do Sul. Analisando com mais especificidade a ambientação espacial dessa narrativa, chega-se a um bairro mais pobre, zona norte, de onde Dante migra para uma região abastada, onde passa a morar em apartamento e a estudar em escola frequentada por pessoas com maior poder aquisitivo. Os acontecimentos se dão em sua maioria na escola, porém outros espaços físicos compõem as cenas do enredo. Esse espaço social, no qual estão inseridos os personagens secundários, também fazem referência à urbe brasileira: “na quadra de tênis do condomínio fechado” (p.13); “no posto de gasolina” (p.29); no

transporte coletivo (p.33); “[...] salão de festas do prédio onde mora” (p. 53); e “[...] na lanchonete do shopping” (p. 89). Além dos espaços físicos, Dill também ambienta o enredo no espaço virtual. Com o auxílio da ilustradora, Nakao, foi possível conferir ao livro estratégias imagéticas que permitiram situar os personagens no espaço da cibercultura. Têm-se o blog de Dante, a comunidade “Eu sacaneio o Dante” e os *links*. As imagens, nesse caso, se constituem elementos fundamentais para essa ambientação. Através das estratégias imagéticas, Nakao mimetiza os gêneros digitais, situando os personagens em mais uma situação de espaço no enredo. As cores, as molduras para os gêneros digitais, o tipo de letra utilizado no blog de Dante e o ícone com a palavra “link” no bloco de diálogos, sustentam a presença do espaço virtual na narrativa.

Nesse sentido, a estratégia narrativa que desenvolve os espaços físicos da trama se relaciona intimamente às estratégias imagéticas que desenvolvem os espaços virtuais da história. Esse cruzamento entre literatura e cibercultura responde à primeira questão de pesquisa levantada por esta investigação: a relação entre tecnologia e literatura na obra *Todos contra Dante* se dá quando as estratégias narrativas e as estratégias imagéticas correspondem ao enredo, interagindo e integrando as partes, promovendo e preservando a estética e a intenção literária.

A obra *Do coração de Telmah* também responde às questões de pesquisa levantadas por esta pesquisa, em especial sobre quais estratégias narrativas e imagéticas configuram as obras em análise. Duas estratégias narrativas estão em foco nessa narrativa: o tempo e o espaço. Quando Telmah inicia a história contando os fatos finais da trama, ela quebra a linearidade da narrativa colocando em evidência o tempo cronológico da história:

17 Mas já iniciei errado: comecei da frente pra trás. Do fim pro começo. Não parece lógico, mas não faz mal, vou contar assim mesmo.

Ela alerta o leitor para que ele não sinta estranhamento duradouro, já que ele inicia sabendo que a narradora-protagonista se localiza em ambiente secreto, com acompanhante secreto e que seu estado de saúde é delicado sem conhecer ainda os motivos. Essas são informações que irão se esclarecer somente a partir do tweet 486, momento em que o clímax da narrativa acontece.

A narrativa segue sempre com flashbacks, o que dá ao enredo complexidade de compreensão, já que o leitor precisa estar atento à história para conseguir acompanhar o tempo real e o tempo passado dos fatos. É nesse jogo dos tempos que o autor insere a ambientação virtual na trama. Decidida a contar sua história, Telmah escolhe o twitter para narrar “os eventos sinistros no Morro de El Señor” (tweet 484). Como se percebe, na narrativa, dois tempos: presente e passado, o que vai para a internet são os flashbacks da narradora-protagonista. Ela precisava deixar os acontecimentos registrados. Decidiu assim porque pressentia a sua morte. Ela não queria seguidores e não buscava entretenimento, queria apenas contar os fatos. E como sua história é dolorosa e trágica, Tatiana Sperhackle, ilustradora do livro, ambientou a obra de modo que esse sentimento fosse sentido pelo leitor. As cores sombrias das molduras das páginas e as imagens sem coloração sustentam esse sentimento negativo. Além disso, e o mais importante, é a presença dos tweets nas páginas. Apesar de Telmah estar fisicamente no Morro do El Señor, e em cada fase da narrativa se encontrar em um ambiente físico diferente porque estava fugitiva de seus perseguidores, é no espaço virtual que ela sente segurança para contar sua história. Essa relação íntima existente entre a narradora-protagonista e os seus tweets e a importância que a revelação dos fatos nesse ambiente virtual tinha para Telmah, foi representada através das estratégias imagéticas presentes na obra. Dessa forma, literatura e cibercultura se cruzam através do tempo psicológico da narrativa, por meio dos flashbacks de Telmah, que se ligam ao espaço virtual porque os acontecimentos trazidos ao enredo somente se tornam conhecidos do leitor porque Telmah permite que leiamos seu Twitter.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar no espaço da narrativa literária em meio às redes sociais provocou na sociedade pós-moderna a frenética ansiedade de que o livro impresso perderia o seu prestígio e a sua utilidade; que a concorrência entre o impresso e o virtual seria desleal e que rapidamente as páginas digitais fariam a leitura tradicional sucumbir ao esquecimento. Contudo, de acordo com o estudo realizado por esta pesquisa, o que se pôde concluir é que texto tradicional e hipertexto podem seguir paralelamente ou imbricados um no outro. Luis Dill, nas duas obras estudadas pela presente investigação, apresenta ao leitor modalidades de leitura que se pensa ser possível apenas no espaço virtual. Através de estratégias narrativas e imagéticas, o autor dos textos, em trabalho colaborativo com suas ilustradoras, consegue ambientar o texto narrativo literário no espaço virtual, sem que este esteja verdadeiramente na virtualidade. Consegue-se perceber que o literário não foi anulado pela presença da cibercultura e que nem mesmo o espaço virtual torna impraticável a narrativa literária.

As estratégias como tempo, espaço e foco narrativo, densidade psicológica dos personagens e enredo, relacionaram-se intimamente às estratégias imagéticas e de projeto gráfico, que foram responsáveis pela ambientação das histórias das quais os personagens fazem parte. As ilustrações contidas nas obras, bem como o projeto arquitetônico dos livros, representam o eixo central para que a relação literatura x cibercultura fosse possível. Muito mais do que provocar sensações no leitor, ou favorecer mais ludicidade aos jovens, as ilustrações e os projetos gráficos, desses livros, carregam a responsabilidade de ambientar esse leitor no espaço virtual, carregam a missão de mostrar que literatura e cibercultura não se anulam, mas se constroem mutuamente, oferecendo aos indivíduos novas formas de produção de mensagens.

Ao analisar as estratégias narrativas e imagéticas que configuram as obras, foi possível perceber que a inserção de elementos da cibercultura interferiu na configuração do gênero narrativo, mas que apesar disso o caráter literário não foi prejudicado. Esse resultado foi possível devido à relação palavra x imagem conseguida nas obras que proporcionou que a literatura se relacionasse à cibercultura.

O pano de fundo das obras direciona o leitor ao espaço virtual. No ambiente cibernético os personagens desenvolvem suas personalidades ao mesmo tempo em que este serve como espaço narrativo para a história. Os elementos da cibercultura, como o gêneros digitais, as redes sociais e o hipertexto, caracterizado assim por seus links, serviram de propulsão para as estratégias imagéticas que se relacionam diretamente aos personagens e ao tempo narrativo das histórias, que em ambas, não se apresenta de forma linear porque os personagens-protagonistas ou contam suas histórias em tempo real, fazendo uso de links que orienta o leitor para outro ambiente de leitura (Todos contra Dante), ou através de feedback que situa o leitor no tempo e no espaço de acordo com a narração (Do coração de Telmah).

Dessa forma, literatura e cibercultura convivem harmoniosamente nesses dois livros de Luis Dill, porque a relação entre elas perpassa pela imagem, pela ilustração, pelo projeto gráfico.

CATEGORIA	TODOS CONTRA DANTE	DO CORAÇÃO DE TELMAH
LITERATURA GENERO JUVENIL	• Enredo que envolve dilemas sociais: violência, bullying e cyberbullying; • História de amor conflituosa; • Tensão por conta das transformações biológicas ocorridas no corpo; • Protagonista adolescente com imaturidade para lidar com o desafio apresentado na narrativa	• Enredo que envolve a morte e a investigação; • História de amor conflituosa; • Conturbada relação entre mãe e filha que gerou comportamento de revolta na adolescente; • Protagonista adolescente com imaturidade para lidar com o desafio apresentado na

	• Personagens com densidade psicológica • Enredo com ambientes diversificados. Transitando entre os espaços físicos e o virtual	narrativa • Personagens com densidade psicológica • Enredo com espaços físicos diversificados. Transitando entre os espaços físicos e o virtual • Ênfase do tempo psicológico - flashbacks
ELEMENTOS DA CIBERCULTURA	• Hipertexto • Links • Blog • Fóruns <i>online</i> • Leitura não-linear • Ausência de foco dominante de leitura	• Microblog – Twitter • Escrita diferenciada, em forma de tweets.
	Tratamento editorial que interfere na leitura • Projeto gráfico que conduz o ritmo da leitura • Imagens que mimetizam o blog; • Cores que comunicam e dialogam com o leitor – páginas azuis e luminosas (mimetiza a tela do computador)	Tratamento editorial que interfere na leitura • Projeto gráfico que oferece experiência diferenciada de escrita e de leitura; • Ilustrações capitulares; • • Palavras que deixam transparecer imagens, levando o leitor a pensar por imagens;

		• Cores que comunicam e dialogam com o leitor – sombrias e sem vida (estado de espírito da protagonista)
--	--	--

Enfim, “Todos contra Dante” e “Do coração de TELMAH” são livros que, dentre outras estratégias, desenvolvem com densidade o perfil psicológico dos personagens, e ainda coloca o leitor em relação direta com o protagonista porque a escolha do foco narrativo em primeira pessoa tem essa intenção, de aproximar esses sujeitos e transformar a narrativa uma amiga confidente entre ambos, provocando no leitor sensações de emoção e reflexão; características que tornam qualquer gênero literário um livro de qualidade. Assim sendo, o estudo desse *corpus* se faz relevante porque contribui, tanto para delinear o gênero juvenil, quanto para perceber a estreita relação que esse gênero passou a assumir com os elementos da cibercultura, os quais causam “implicação em todas as esferas da sociedade” (SANTAELLA, 2003, p.1)

É nesse aspecto que a literatura se relaciona intimamente à cibercultura nesses livros, pois os enredos agregam personagens com perfis psicológicos que contribuem para a compreensão dessa relação. Ou seja, a literatura e a cibercultura se encontram e se relacionam nos eixos enredo, personagens e elementos da cibercultura. O enredo que têm como pano de fundo as redes sociais, exigiram a construção de personagens com perfis psicológicos específicos. Para materializar os acontecimentos no espaço virtual, o autor fez uso dos gêneros digitais mais utilizados pelos jovens da contemporaneidade, representando-os através de imagens e do projeto gráfico. Enfim, a inserção de elementos da cibercultura interferiu na configuração do gênero narrativo, mas não inibiu a mensagem literária, na verdade, a inserção desses elementos contribuiu para que as estratégias narrativas se relacionassem com eficácia às estratégias imagéticas, conferindo à narrativa estratégica relação entre a palavra e a imagem, contemporaneidade e adequação ao público-alvo.

O propósito desta pesquisa foi analisar a relação entre literatura e cibercultura nas obras “Todos contra Dante” e “do Coração de TELMAH”, de Luís Dill, tomando como ponto de partida as estratégias narrativas e imagéticas que configuram as obras em análise e culminando na investigação do processo de hipertextualidade e de inserção dos elementos da cibercultura que interferiram na configuração do gênero narrativo.

Como a cultura digital alcança todas as esferas da sociedade e em especial as práticas educativas, espera-se que este trabalho contribua para a pesquisa em literatura infantil, possa ser aproveitado por educadores das áreas de literatura em geral, comunicação e artes e que contribua como referência para a observação de como se dará as transformações no campo da literatura e da cibercultura daqui para frente.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Vera Teixeira de, CECCANTINI, João Luís, PENTEADO MARTHA, Alice Áurea. **Narrativas Juvenis: geração 2000**. São Paulo, SP: Cultura Acadêmica Assis, SP: ANEP, 2012.
- AGUIAR, Vera Teixeira de. **Realidade além dos limites**. In: AGUIAR, Vera Teixeira de, CECCANTINI, João Luís, PENTEADO MARTHA, Alice Áurea. **Narrativas Juvenis: geração 2000**. São Paulo, SP: Cultura Acadêmica Assis, SP: ANEP, 2012. (p.107-122)
- ARAÚJO, J.C. **Os chats: uma constelação de gêneros na internet**. Tese (Doutorado em linguística). Fortaleza: PPGL-UFC, 2006.
- BARDARI, Sersi. **A alquimia do “adulterar”**: a literatura para juventude como rito de passagem. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008.
- BAUMAN, Zygmunt. **Sobre educação e juventude: conversas com Ricardo Mazzeo/ Zygmunt Bauman**; tradução Carlos Alberto Medeiros. – Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- BIRMAN, Joel. **Juventude e condição adolescente na contemporaneidade**: uma leitura da sociedade brasileira de hoje. In: BOCAYUVA, Helena & NUNES, Silvia Alexin [org.] **Juventudes, subjetivações e violências**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2009. p. 25 a 39.
- BOCAYUVA, Helena & NUNES, Silvia Alexin [org.] **Juventudes, subjetivações e violências**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2009.
- BRAGA, Denise Bértoli. **A comunicação interativa em ambiente hipermídia: as vantagens da hipermodalidade para o aprendizado no meio digital**. In: Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido. Luiz Antonio Marcushi e Antonio Carlos Xavier, (orgs.). – 3ª ed. – São Paulo: Cortez, 2010. p.175 a 197
- Brasil Escola – **Internet**. Disponível em:
<<http://brasilecola.uol.com.br/informatica/internet.htm>>. Acesso em 12/02/2017.
- CASTANHA, Marilda. A linguagem visual no livro sem texto. In: OLIVEIRA, Ieda de (Org.). **O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil: com a palavra o ilustrador**. São Paulo: DCL, 2008. (p. 141-160)
- CAVALCANTE, Marianne Carvalho Bezerra. **Mapeamento e produção de sentido: os links no hipertexto**. In: Hipertexto e gêneros digitais: novas forma de construção de sentido. Luiz Antonio Marcushi e Antonio Carlos Xavier, (orgs.). – 3ª ed. – São Paulo: Cortez, 2010. p.198 a 206

CECCANTINI, João Luís, PEREIRA, Rony Farto. **Narrativas juvenis**: outros modos de ler. São Paulo: Editora UNESP; Assis, SP: ANEP, 2008.

CRUVINEL, Larissa Warzocha Fernandes. **Narrativas juvenis brasileiras**: em busca da especificidade do gênero. Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2009.

DILL, Luís. **Do coração de TELMAH**. Porto Alegre, RS: Artes e Ofícios, 2013, 3ª ed.

DILL, Luís. **Todos contra Dante**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

DILL, Luis. **www.luisdill.com.br**. Disponível em:
<<http://www.luisdill.com.br/?pg=5401>>. Acesso em 12/02/2016

Globo.com - **Taís Araújo é vítima de comentários racistas em rede social**. Disponível em:
<<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/11/atriz-tais-araujo-e-alvo-de-comentarios-racistas-em-rede-social.html>>. Acesso em 27/02/17.

GÓES, Lúcia Pimentel. **Introdução à Literatura para Crianças e Jovens**. São Paulo: Paulinas, 2010.

HUNT, Peter. **Crítica, teoria e literatura infantil**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

JACOBY, Sissa. **A reinvenção da adolescência em sete micos**. In: AGUIAR, Vera Teixeira de, CECCANTINI, João Luís, PENTEADO MARTHA, Alice Áurea. **Narrativas Juvenis**: geração 2000. São Paulo, SP: Cultura Acadêmica Assis, SP: ANEP, 2012. (p.150-159)

LAMARCA, Thaysa Eiras. A atuação do psicólogo frente ao bullying no contexto escolar. Centro Universitário São José de Itaperuna. RJ, 2013.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

MARCUSHI, L.A. & XAVIER, A.C. (Orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais**: novas formas de construção de sentido. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

MARCUSHI, L.A. **Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital**. In: MARCUSHI, L.A. & XAVIER, A.C. (ORGS.). **Hipertexto e gêneros digitais**: novas formas de construção de sentido. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. (p. 15-80)

MARTHA, Alice Áurea Penteado. **Temas e formas da narrativa juvenil brasileira contemporânea**. Anais do silel. volume 2, número 2. Uberlândia: EDUFU, 2011. Disponível no site:
<<http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/wpcontent/uploads/2014/04/silel20112498.pdf>> Acesso em 12/02/2016.

MENDONÇA, Catia Toledo. **Â sombra da vaga-lume: análise e recepção da série vaga-lume.** Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2006.

MORAES, Odilon. **O projeto gráfico do livro infantil e juvenil.** In: OLIVEIRA, Ieda de (Org.). **O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil: com a palavra o ilustrador.** São Paulo: DCL, 2008

MURRAY, Janet H. **Hamlet no holodeck: o futuro da narrativa no ciberespaço.** São Paulo: Itaú Cultural: Editora Unesp, 2003.

NASCIMENTO, Maria Lívia do & COIMBRA, Cecília Maria Bouças. **Juventude normatizada, moralizada e violentada: alguns modos de subjetivação contemporâneos.** In: BOCAYUVA, Helena & NUNES, Silvia Alexin [org.] **Juventudes, subjetivações e violências.** Rio de Janeiro: Contra Capa, 2009. p. 41 a 49.

NIKOLAJEVA, Maria; SCOTT, Carole. **Livro ilustrado: palavras e imagens.** Trad. Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

NONATO, Emanuel do Rosário Santos. **A Formação do Hiperleitor: características do processo de desenvolvimento da autonomia e emancipação crítica do aluno-hiperleitor.** Universidade do Estado da Bahia, 2006. Disponível no site: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp080626.pdf> Acesso em: 20/06/2016

Nova Escola – Revista Eletrônica. **Cyberbullying: a violência virtual.** Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/1530/cyberbullying-a-violencia-virtual>>. Acesso em 12/02/17

Nova Escola – Revista Eletrônica . **Capa, fontes, cores... A criação do projeto gráfico de um livro.** Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/378/capa-fontes-cores-a-criacao-do-projeto-grafico-de-um-livro>>. Acesso em 17/02/2017.

OLIVEIRA, Ieda de (Org.). **O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil: com a palavra o ilustrador.** São Paulo: DCL, 2008.

OLIVEIRA, Maria Alexandre. **A literatura para crianças e jovens no Brasil de ontem e de hoje: caminhos de ensino.** São Paulo: Paulinas, 2008.

Portal de Notícias da Câmara - **Legislação atual já pune cyberbullying e cyberstalking, diz advogada à CPI.** Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/COMUNICACAO/504701-LEGISLACAO-ATUAL-JA-PUNE-CYBERBULLYING-E-CYBERSTALKING,-DIZ-ADVOGADA-A-CPI.html>>. Acesso em 12/02/2017.

PRIORI, Mary Del. **Crianças e adolescentes de ontem e de hoje.** In: BOCAYUVA, Helena & NUNES, Silvia Alexin [org.] **Juventudes, subjetivações e violências.** Rio de Janeiro: Contra Capa, 2009. p. 11 a 24.

RAMAL, A.C. **Educação na cibercultura**: hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2002.

RIBEIRO, Marcelo. **A relação entre o texto e a imagem**. In: OLIVEIRA, Ieda de. O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil: com a palavra o ilustrador. São Paulo: DCL, 2008. (p. 123-140)

RODRIGUES, Jéssica Ferreira. **Juventude e literatura**: um estudo sobre práticas literárias, ações e representações sociais juvenis na periferia da zona leste. Universidade Federal de São Paulo. Guarulhos, 2014.

ROJO, Roxane Helena R. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

RUI, de Oliveira. **Breve histórico da ilustração no livro infantil e juvenil**. In: OLIVEIRA, Ieda de(Org.). O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil: com a palavra o ilustrador. São Paulo: DCL, 2008. (p. 13-48)

SANDRONI, Laura. **Curso jovens leitores SME-RJ/FNLIJ**. In: A literatura e os jovens: seminário realizado no 14º salão do livro para crianças e jovens da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. Organizadora: Elizabeth D'Angelo Serra. – 1.ed. – São Paulo: Global, 2013.

SANTAELLA, Lúcia. Navegar no Ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo, Editora Paulus, 2004

SERRA, Elizabeth D'Angelo (organizadora). **Seminário FNLIJ de Literatura Infantil e Juvenil Bartolomeu Campos de Queirós**: a literatura e os jovens. São Paulo: Global, 2013, 1ª edição.

SIMÕES JÚNIOR, Álvaro Santos. **Menalton Braff para jovens**. In: AGUIAR, Vera Teixeira de, CECCANTINI, João Luís, PENTEADO MARTHA, Alice Áurea. *Narrativas Juvenis*: geração 2000. São Paulo, SP: Cultura Acadêmica Assis, SP: ANEP, 2012. (p.11-25)

TOGNETTA, Luciene Regina Paulino e BOZZA, Thais Cristina Leite. **Cyberbullying**: um estudo sobre a incidência do Desrespeito no ciberespaço e suas relações com as representações que adolescentes tem de si. Nuances: estudos sobre Educação. Ano XVIII, v. 23, n. 24, p. 162-178, set./dez. 2012.

XAVIER, Antonio Carlos. **Leitura, texto e hipertexto**. In: MARCUSHI, L.A. & XAVIER, A.C. (Orgs.). Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. (p. 207-220)